



Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da
Informação e Documentação – FACE
Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCINF

IRACEMA MARINHO

**A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E O MODELO DE COMUNICAÇÃO
ORGANIZACIONAL: ANÁLISE QUANTITATIVA DE PRODUTIVIDADE
DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
POR MEIO DO *CURRÍCULO LATTES***

Brasília/DF
2007

IRACEMA MARINHO

**A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E O MODELO DE COMUNICAÇÃO
ORGANIZACIONAL: ANÁLISE QUANTITATIVA DE PRODUTIVIDADE
DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
POR MEIO DO *CURRÍCULO LATTES***

Dissertação apresentada ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador

Professor Doutor André Porto Ancona
Lopez

Área de concentração

Transferência da Informação

Linha de pesquisa

Gestão da Informação e do conhecimento

Brasília/DF
2007

Dedicatória

A Sizenando Theótimo de Carvalho Marinho, Sô Guinga, meu pai,
In memoriam

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, fonte de vida plena, de todas as inspirações, de todos os meus propósitos, de toda a força que tenho para superar os obstáculos, pois “Tudo posso naquele que me fortalece” (Bíblia Sagrada: Filipenses 4, v. 13).

Neste processo, não caminhei sozinha. Tive oportunidade de conhecer a grandiosidade e a bondade de muitas pessoas amigas, competentes e comprometidas. Assim, mesmo correndo o risco de ser injusta e de esquecer alguns, porque tive ajuda de muitas pessoas, quero expressar os meus mais sinceros agradecimentos:

Ao meu pai, Sô Guinga (*in memoriam*), que sempre me incentivou a lutar pelos meus ideais. À mestra e amiga Rosane Montiel, que me fez pensar além das minhas expectativas e que pelos desígnios de Deus se foi tão cedo (*in memoriam*).

À minha mãe, Aída, meus irmãos, meus tios, cunhados, sogra e sobrinhos, por tudo.

Ao meu companheiro, Marcelo, e aos meus filhos: Isabella, Marcello e Gabriella que, mesmo com a minha constante ausência, me incentivaram, a cada dia, com satisfação, dedicação e amor pela mulher e mãe “cabeção” deles.

Ao meu orientador, Professor Dr. André Porto Ancona Lopez, “o maior corinthiano de todos os tempos”, por ter me acolhido sempre solícito, clarificando as minhas dúvidas, disposto a me atender sempre com grande competência, respeito e sem se colocar como “superior” na nossa relação. Posso dizer que aprendi muito com a constante atitude dele: simplicidade e sabedoria.

Aos professores da pós-graduação e aos professores da graduação dos cursos de Arquivologia e Biblioteconomia do Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Aos meus queridos alunos da Arquivologia, que sempre me incentivaram e me ensinaram, pois posso garantir que nunca entrei em uma sala de aula sem que, com eles, eu aprendesse muito também.

Aos meus colegas de mestrado e de doutorado, especialmente Larissa, Alfram, Angélica, Goretti, Gisela, Geórgia, Ilton, Mara, Sandra, Guaracy, André, Forni, Evandro e Edgar.

Às funcionárias do programa de pós-graduação Juliana, Jucilene e Martha; a todos os funcionários da secretaria de graduação do CID: Zilma, Ceiça, Jeová, Ivan, Alan, Sueli, Auxiliadora e Maricota; aos meninos do laboratório de informática: Wil, Horácio, Yuri, Diogo e Guilherme; aos seguranças Manoel e Cláudio e demais funcionários, pela consideração e apoio respeitoso desde o primeiro momento desse mestrado.

Ao grande poeta, teatrólogo, professor, mestre, cientista da informação e tantos talentos mais, que sempre me incentivou com palavras carinhosas, francas e, às vezes, extravagantes, Professor Dr. Antônio Miranda.

E, finalmente, aos amigos: Christianne, Nice, Eliane Braga, Tarcísio Zandonade, Valquíria, Norma Gadelha, Divina, Gilçon, Anderson, Wilmaque, Zé Carlos, Guido, Vavá, Serjão, Renato Góes, Inês Ulhôa, Geórgia, Éderson, Cristina e Lorinho. Às irmãs do coral Maranata que sempre intercederam por mim, Damares, Igor, Irani e Edith.

CONSELHO

Não leve a sério os homens sérios

Não leve a sério a poesia
as pregações do profeta
que projeta futuros
e ejeta sonhos
às juras de amor

o segredo é ser leve
desvestir-se de crendices
e superstições

autoflagelações.

Coisas assim:
o amor redime ou oprime, o perdão
é melhor para quem perdoa
nada como uma dia depois do outro
– para quem sobrevive ao outro dia.

Não acredite em quem acredita
não ponha a mão no fogo
por quem quer que queira

nem jure pelo amor de Deus.

(Antônio Miranda)

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma possibilidade de abordagem quantitativa de produtividade em quesitos afetos à comunicação científica dos docentes dos programas de pós-graduação no âmbito da Ciência da Informação. Foram utilizados como referência os parâmetros de mensuração da produtividade dos programas quanto à comunicação científica, atribuídos pelo Comitê de Ciências Sociais Aplicadas I, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A ausência de mensuração de produtos oriundos de congressos científicos nos critérios do comitê foi a razão deste estudo feito através de dados extraídos da *Plataforma Lattes*, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), para estabelecer quadros comparativos de produtividade contemplando resumos e artigos completos publicados em anais de congressos. Dois grandes quadros de variáveis foram analisados referentes ao período 2000-2006: um que ponderou as pontuações estabelecidas pelo comitê de área da Capes e outro que acrescentou à tal pontuação dados oriundos dos resumos e publicações de artigos completos em anais de congressos. De tais quadros foram consolidados três *rankings* comparativos: para os programas, para as linhas e para os docentes. Constatamos que a inserção das variáveis ligadas aos congressos provocou significativas modificações em todos os *rankings*. Foi defendida, então, como forma de incrementar os canais de comunicação científica, a necessidade de uma reflexão sobre a inclusão — e correspondente pontuação — dos resumos e artigos completos em anais de congressos na mensuração da produtividade dos programas de pós-graduação afetos à Ciência da Informação, pela Capes. O “fazer científico” dos pesquisadores das comunidades no âmbito da Ciência da Informação poderia ter maior reconhecimento para converter esse campo emergente em uma área do conhecimento institucionalmente mais autônoma.

PALAVRAS-CHAVE

Anais de congressos; Ciência da Informação; Comunicação científica; Produtividade docente; Produtividade de programas de pós-graduação.

ABSTRACT

A possibility of quantitative approach for productivity regarding scientific communication of professors from post-graduation programs in Information Science is discussed in this dissertation. Parameters of program productivity assessment were taken as reference, such as the ones assigned by the Comitê de Ciências Sociais Aplicadas I (Applied Sciences Committee) of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (Coordination for Improvement of Higher Education Staff). The lack of measurement mechanisms for outputs of scientific meetings in compliance with the Committee's criteria was the reason for this study to be carried out using data obtained from the Lattes platform of the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (National Scientific and Technological Development Board), for creating comparative productivity pictures that should comprise abstracts and full articles in congress proceedings. Two big sets of variables were analysed from the period 2000-2006: one that weighted the scores defined by the CAPES area committee and the other one that added to such scores the data contained in abstracts and full articles published in congress proceedings. From those sets, three comparative rankings were consolidated: for programs, research areas and professors. We noticed that the inclusion of congress-related variables have caused remarkable changes in all the rankings. Then, as mechanism for improving scientific communication channels it was recognized the need of CAPES considering the inclusion – and corresponding ranking – of abstracts and full texts of articles in congress proceedings for measuring the productivity of Information Science post-graduation programs. The “scientific work” of researchers within Information Science communities could be better acknowledged, so as to move this emerging area into a more autonomous knowledge field.

KEYWORDS

Congress proceedings; Information Science; Scientific communication; Productivity of professors; Productivity of post-graduation programs.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	Fonte de verbas para ensino, assistência e pesquisa	19
FIGURA 2:	Desempenho e qualidade na obtenção de fomento à pesquisa ..	20
FIGURA 3:	<i>Coleta Capes</i> – processamento interno da Capes	24
FIGURA 4:	Modelo clássico de comunicação, segundo Shannon e Weaver .	32

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1:	Percentuais de atualização do <i>Currículo Lattes</i>	54
GRÁFICO 2:	<i>Ranking</i> de produção dos programas COM congressos	62
GRÁFICO 3:	<i>Ranking</i> de produção dos programas SEM congressos	62
GRÁFICO 4:	Produção relativa dos programas COM congressos	63
GRÁFICO 5:	Produção relativa dos programas SEM congressos.....	63
GRÁFICO 6:	<i>Ranking</i> de produção das linhas COM congressos.....	68
GRÁFICO 7:	<i>Ranking</i> de produção das linhas SEM congressos.....	68
GRÁFICO 8:	<i>Ranking</i> de produção docente COM congressos.....	71
GRÁFICO 9:	<i>Ranking</i> de produção docente SEM Congressos.....	72

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1:	Desenvolvimento cronológico da Capes	22
QUADRO 2:	Modelo da planilha de dados final.....	46
QUADRO 3:	Detalhamento dos campos da planilha	47
QUADRO 4:	Amostra do detalhamento da planilha	48
QUADRO 5:	Vinculação dos programas de pós-graduação	49
QUADRO 6:	Área de concentração	50
QUADRO 7:	Linhas de pesquisa	51
QUADRO 8:	Início do programa de mestrado e doutorado	52
QUADRO 9:	Variações dos <i>rankings</i> dos programas	64
QUADRO 10:	Variações nos <i>rankings</i> das linhas	66
QUADRO 11:	Variações nos <i>rankings</i> dos docentes	69
QUADRO 12:	Articulação entre os <i>rankings</i> COM congressos	74
QUADRO 13:	Articulação entre os <i>rankings</i> SEM congressos	75

LISTA DE SIGLAS

Ancib	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Puccamp	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unirio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1 Apresentação	13
1.2 Definição do problema	14
1.3 Objetivos	15
1.3.1 Objetivos gerais	15
1.3.2 Objetivos específicos	16
1.4 Justificativa	17
1.5 Contexto da pesquisa	17
2. PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA E AGÊNCIAS DE FOMENTO	
2.1 Considerações iniciais	19
2.2 A Capes	21
2.3 O CNPq e a <i>Plataforma Lattes</i>	24
3. COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA	
3.1 Considerações iniciais	28
3.2 Comunicação científica e ambientes informais	33
3.3 A relevância dos congressos para a comunicação científica	40
4. PERCURSO METODOLÓGICO	
4.1 Introdução	42
4.2 Objetivos	42
4.2.1 Objetivo 1 (proposições e metodologia)	44
4.2.2 Objetivo 2 (proposições e metodologia)	44
4.2.3 Objetivo 3 (proposições e metodologia)	44
4.3 Coleta de dados	45
4.3.1 Modelo da planilha de dados final	46
4.3.1.1 Trabalhando na tabela as categorias institucionais	48
4.3.1.2 Trabalhando na tabela a identificação docente	52
4.3.1.3 Trabalhando na tabela a produtividade docente	55
4.3.1.4 Trabalhando na tabela as categorias centrais da pesquisa	57
5. ANÁLISE DE DADOS	
5.1 Sistemática e parâmetros da análise quantitativa dos dados	59
5.2. Dados de produtividade dos programas	61
5.3 Dados de produtividade das linhas	65
5.4 Dados de produtividade dos docentes	68
6. CONCLUSÃO	
6.1 Análise dos resultados em função dos objetivos iniciais	73
6.1.1 Objetivo 1	73
6.1.2 Objetivo 2	73
6.1.3 Objetivo 3	77
6.2. Considerações finais	77
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
8 ANEXOS	
8.1 Critérios de avaliação do triênio 1998-2000	87
8.2 Critérios de avaliação do triênio 2001-2003	91
8.3 Critérios de avaliação do triênio 2004-2006	95
8.4 CD com cópia da planilha de dados	107

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Os fenômenos atuais têm provocado profundas mudanças nas universidades. Um dos mais relevantes é o da introdução e do uso de tecnologias que afetam o contexto da comunicação científica e a adaptação ocorre em todas as áreas do ambiente universitário em um espaço dinâmico, interativo e multidisciplinar. A motivação para estudar a produtividade da comunicação científica teve início pela necessidade de uma resposta a duas questões: a primeira, o modelo de avaliação dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação das universidades brasileiras determinado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), considerado aqui como viabilizador e determinante da comunicação científica formal no ambiente universitário. A segunda questão refere-se à não consideração dos resumos e trabalhos completos publicados em anais de congressos, simpósios, conferências e outros eventos que compreendem e, algumas vezes, determinam a consagração da comunicação científica.

Aparentemente, a tarefa de se buscar variáveis para a mensuração dos índices de produtividade da comunicação científica em dados públicos da Capes e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) não deveria apresentar maiores complicações. Porém, a varredura necessária para encontrar as informações pretendidas foi bastante árdua.

No que concerne ao foco deste trabalho, foi feita uma análise de currículos constantes da *Plataforma Lattes* do CNPq, do corpo docente dos programas de pós-graduação ligados à Ciência da Informação, seguindo os critérios de mensuração estabelecidos pela Capes. Buscou-se ainda a comparação dos resultados obtidos através de critérios com inserção das variáveis referentes à produção científica publicada, oriunda de congressos científicos, expressa nos *Lattes* como resumos e publicação de textos completos em anais.

Assim, foram comparados os critérios de avaliação da Capes com os dados disponíveis na *Plataforma Lattes*, no intuito de obter dados de relevância para o aprimoramento da mensuração de produtividade quanto à comunicação científica no âmbito dos programas de pós-graduação ligados à Ciência da

Informação. Os dados obtidos permitiram um cotejamento referencial do desempenho da população docente pesquisada, tendo como variável estática a ponderação de acordo com os valores da Capes e, como variável dinâmica, os indicadores quanto à publicação em anais de congressos. O objetivo foi mapear os produtos resultantes da comunicação científica, no âmbito da produção docente de algumas universidades brasileiras e identificar aspectos específicos. Isso ofereceu um campo fértil para a comparação e a identificação de questões fundamentais do processo de avaliação da comunicação científica.

1.2 Definição do problema

Dados preliminares de estudo do Departamento de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (COSTA, 2000) e informações colhidas na reitoria mostram o interesse que os problemas concernentes à comunicação científica têm despertado, recentemente, em pesquisadores e tomadores de decisão da instituição. Em discussão sobre o uso da comunicação mediada por computador, Richardson apud Costa (2001, p. 59) incluiu as instituições de ensino superior entre aquelas que têm um número significativo de “trabalhadores do conhecimento” (*knowledge workers*). Isso torna as universidades organizações em que a comunicação de todo tipo de conhecimento gerado, adquirido e disseminado tende a ser, mais que em quaisquer outras, fator fundamental para o sucesso.

No contexto da comunicação científica — resultado da interação de pesquisadores dentro e fora de suas comunidades —, as atividades de comunicação repousam no cerne da pesquisa, como observa Meadows (1999, p. vii). As interações sociais envolvidas no processo de comunicação são subjacentes ao próprio desenvolvimento do conhecimento (CRANE, 1972, p. 22). Na medida que são “atadas” à pesquisa (MEADOWS, 1999, p. 49), tais relações devem constituir, na forma de comunicação, elemento fundamental de preocupação por parte de organizações. Dentro desse escopo, está a questão da disseminação da informação e o grau de produtividade das universidades.

No que concerne à comunicação científica, como Kunsch (2003, p. 69) já colocou, o sistema comunicacional é vital para o processamento das funções administrativas internas e para o relacionamento das organizações com o meio externo. De fato, as funções administrativas dentro de uma organização

somente se operacionalizam mediante a atividade comunicativa. Nesse contexto, Teixeira Filho (2001, p. 2) considera que a comunicação é um componente crucial da gestão do conhecimento. O autor chama a atenção para o fato de que o desafio da comunicação em uma organização é

captar, tratar e comunicar todo conteúdo de informação disponível, tanto interna (membros da organização) quanto externamente (colaboradores, clientes e fornecedores), ajudando a todos a estar bem informados, como resultado do ato de fazer com que o conhecimento útil chegue à pessoa certa, tempo hábil de forma compreensível, e permitindo a todos saber o que está acontecendo na organização.

A Capes desempenha papel fundamental na expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em todos os estados da Federação. Desenvolve atividades que são agrupadas em quatro grandes linhas de ação, com a estrutura necessária para cada uma delas: avaliação da pós-graduação *stricto sensu*; acesso e divulgação da produção científica; investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior; e promoção da cooperação científica internacional. A proposta, então, buscou analisar qual poderia ser a influência dos produtos de comunicação científica publicados em anais de congressos para os critérios da Capes.

1.3 Objetivos

O foco central deste estudo é a produtividade relativa à comunicação científica em paralelo com os critérios da Capes. Parte-se do pressuposto de que o tópico comunicação, abrangendo os dois contextos, não tem sido muito explorado na literatura da Ciência da Informação. Isso porque a produtividade científica *per se* não tem sido bastante explorada como tópico de estudo na área. Foram mapeados os dois processos em estudo aplicado, com realce na contribuição que eles podem oferecer para a gestão do conhecimento científico. Foram objetivos da pesquisa:

1.3.1 Objetivos gerais

A realização da pesquisa teve como pano de fundo motivações teóricas e práticas e visou:

- Contribuir para a discussão e para o entendimento de questões relacionadas à produtividade dos professores no âmbito da Ciência

da Informação, na qual a comunicação científica é um tópico bem explorado, porém com muitas possibilidades de pesquisa. A preocupação central apresentada é do ponto de vista da abordagem teórica a ser utilizada.

- Subsidiar, com os resultados obtidos, a tomada de decisão em relação às estratégias que parecem necessárias para melhores práticas de comunicação que apoiem a gestão do conhecimento científico gerado, captado, tratado e comunicado internamente e externamente nas universidades. O escopo, neste caso, é com a possibilidade de aplicação dos resultados.

As perguntas que deviam ser respondidas eram as seguintes:

- Quais indicadores poderiam complementar os critérios de mensuração da Capes, considerando o perfil da produtividade dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação?
- Como identificar, dentro dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, um perfil de produtividade significativo e adequado?

1.3.2 Objetivos específicos

Para a consecução dos objetivos foi preciso desenvolver as seguintes atividades:

- Identificar os critérios de avaliação e aplicação utilizados pela Capes nos programas de pós-graduação das universidades brasileiras.
- Identificar quais critérios são necessários para avaliar estrategicamente o desempenho dos programas e dos docentes nos programas afetos à área da Ciência da Informação.
- Descrever indicadores de comunicação científica (produtividade) exigidos pela Capes e avaliar o desempenho dos pesquisadores em Ciência da Informação, identificando aspectos que contribuam para um diagnóstico preliminar de sua produtividade.
- Identificar se as variáveis oriundas da publicação de resumos e artigos completos de anais de congressos podem ser consideradas como relevantes para a atribuição de quesitos valorativos para a análise de produtividade dos referidos programas.

1.4 Justificativa

A comunicação científica, tema que pode ser considerado bastante explorado na área — ver Müller e Passos (2000); Targino (2000 e 2001) e Miranda (2003) — por ser estudado há muito tempo, fornece um conhecimento bem sedimentado a respeito dos processos de comunicação.

É de se esperar que o estudo do processo de comunicação no contexto dos programas de pós-graduação, compreendendo tanto problemas organizacionais quanto os da pesquisa científica, contribua para enriquecer as discussões na Ciência da Informação, melhorando a compreensão do seu fenômeno central, que tende a ser o intercâmbio da informação na sociedade.

O resultado deste estudo poderá propiciar, igualmente, contribuições de ordem prática às organizações investigadas. Isso porque os dados poderão ser utilizados como subsídio para a gestão do conhecimento nessas instituições ou mesmo como estratégias a serem trabalhadas mais em nível de produtividade.

1.5 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa aborda os 11 programas de pós-graduação em Ciência da Informação das universidades brasileiras. Os dados para a análise da produtividade foram obtidos nos *Currículos Lattes* de cada um dos docentes integrantes dos programas, no período de 2000-2006, nos critérios de avaliação da Capes e nos *sítes* dos programas estudados.

A maioria dos programas consultados está sob a égide do Comitê de Ciências Sociais Aplicadas 1 (CSA1), razão pela qual a quantificação dos dados foi pautada pelos critérios lá definidos. Foram analisados ainda os programas afetos à Ciência da Informação, independentemente de seu estatuto na Capes. Assim, o programa da Unirio apesar de perante a Capes integrar o Comitê Multidisciplinar foi agregado nesta análise ao lado de outros programas da Ciência da Informação. O programa da UFRGS faz parte da Capes na área de Comunicação, que também integra o CSA1. A exemplo dos critérios adotados com a Unirio, esse também foi incorporado ao estudo.

A distinção operacional de cada programa em relação a sua área de filiação deve-se a fatores técnicos e a políticas específicas de cada área, que são bastante variáveis ao longo do tempo. O próprio CSA1 passou por modificações quanto a sua área de abrangência. De 1998 a 2003 englobava as

áreas de Ciência da Informação e de Comunicação. Na avaliação trienal de 2004 (com dados do período 2001-2003) o comitê foi denominado de Comunicação/Ciência da Infomação, vindo a retornar à sua denominação original, CSA1, no decorrer do triênio subsequente. De 2004 a 2007 foi incluída a área de Museologia.

A opção por agregar as informações dos cursos afetos à Ciência da Informação teve como premissa a necessidade de analisar tais programas sob as mesmas variáveis no período de 2000-2006. Para definir quais cursos seriam ligados à Ciência da Informação, foram analisadas as informações da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib). A filiação de um programa de pós-graduação à Ancib corresponde tanto à identificação que o programa tem com a área como ao reconhecimento que a associação científica da área dá ao programa.

A Ancib é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em junho de 1989 que admite sócios institucionais (os programas de pós-graduação em Ciência da Informação) e sócios individuais (professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação, além de outros profissionais sem vínculo formal com a pós-graduação). Sua finalidade é o acompanhamento e o estímulo às atividades de ensino de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil. Desde que foi criada a Ancib tem se projetado no país e no exterior como uma instância de representação científica e política importante para o debate das questões pertinentes à área de informação. As atividades da Ancib estruturam-se da seguinte forma: os programas de pós-graduação *stricto sensu*, que são representados pelos seus coordenadores, e o Encontro Nacional de Pesquisa da Ancib, que é um evento científico, nos moldes de um congresso, que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação, organizados em grupos de trabalho.

Graças à Ancib, a Ciência da Informação tem se projetado de forma rápida proporcionando interação entre os profissionais especializados e os grupos de áreas afins que têm interesse particular sobre a disciplina, resultando em novos pressupostos e em novas práticas para a área.

2. PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA E AGÊNCIAS DE FOMENTO

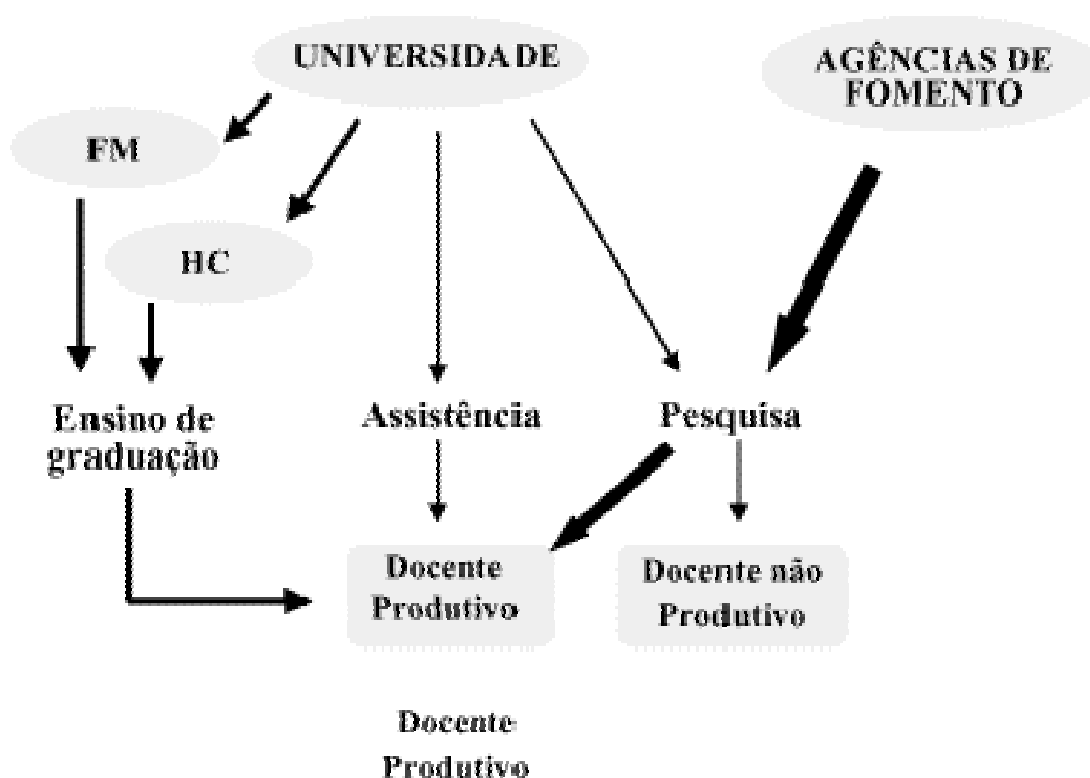
2.1 Considerações iniciais

Um dos principais fatores para que ocorra a comunicação científica, sua difusão e, conseqüentemente, a sua utilização pela sociedade, são os recursos financeiros advindos das agências de fomento que, através de suas comissões, analisam a relevância das pesquisas junto aos programas de pós-graduação das universidades públicas brasileiras.

A realidade das universidades é a não-suficiência de verbas específicas para o financiamento da pesquisa que depende, fundamentalmente, das agências de fomento.

A figura a seguir esquematiza a importância das agências de fomento na execução de pesquisas no âmbito da universidade pública:

FIGURA 1 – Fonte de verbas para ensino, assistência e pesquisa



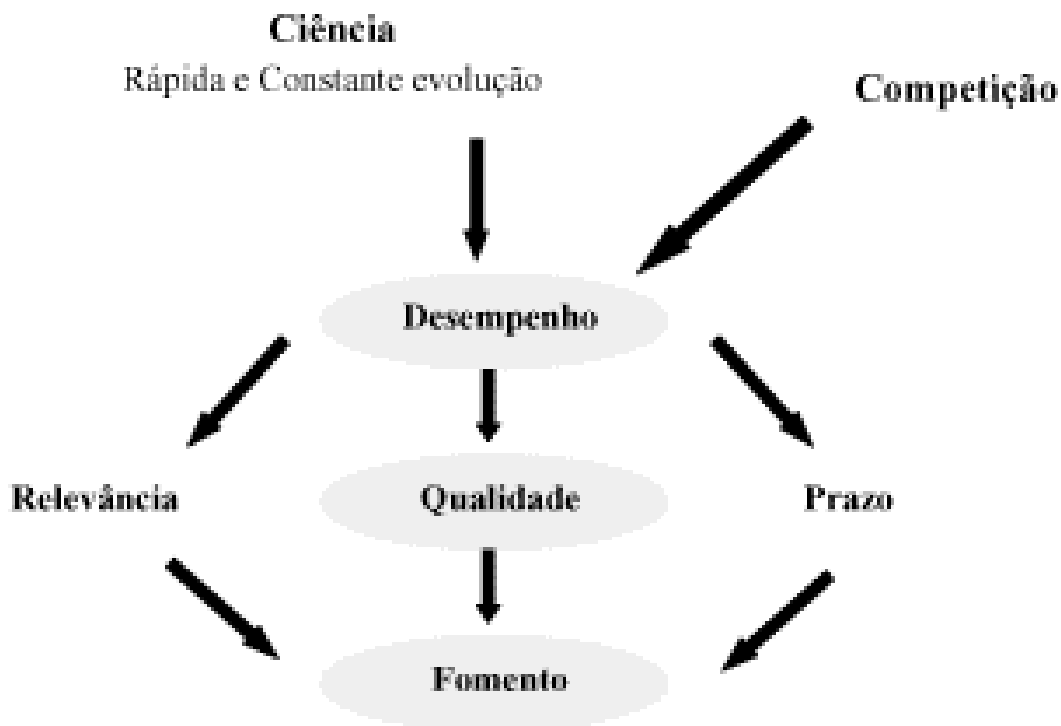
Fonte: Silva Jr. (2000). Disponível em <http://www.scielo.br/img/fbpe/acb/v15s2/2a01f1.gif>

Assim, se a necessidade de financiamentos existe para a manutenção do nível de excelência da pesquisa nas universidades, para a aquisição de apoio financeiro é necessário haver o mérito da instituição, do programa e,

principalmente, do docente. Esse é um papel extremamente importante, relevante e essencial do docente no viés (ensino, assistência, pesquisa) universitário. A pesquisa qualificada e a divulgação de seus resultados em bons periódicos que geram recursos que influenciam diretamente na competência assistencial e de ensino da instituição.

Necessidade e mérito devem andar sempre juntos. Daí a determinação de adequar-se conforme a necessidade, para não se expirar, promovendo um desequilíbrio entre as exigências, de uma parte, e os deveres pertinentes, à outra, o que não deixa de ser uma relação de reciprocidade e interdependência. A figura abaixo ilustra melhor essa relação.

FIGURA 2 – Desempenho e qualidade na obtenção de fomento à pesquisa



Fonte: Silva Jr. (2000). Disponível em <http://www.scielo.br/img/fbpe/acb/v15s2/2a01f2.gif>

A finalidade da pós-graduação é formar o docente pesquisador através do exemplo e do desenvolvimento da pesquisa. Torna-se desnecessário enfatizar que o conceito de produtividade está relacionado com o produto final da pesquisa e com a participação efetiva do docente na formação do pós-graduando.

Para que o nível de produção seja otimizado deve haver coerência na conduta da universidade mantendo-se atrelada aos projetos, às linhas de

pesquisa dos docentes, e ao engajamento do docente no programa da pós-graduação, o que resulta em uma eficácia nos rumos da pesquisa.

2.2. A CAPES

De acordo com as informações disponíveis no portal da agência, a instituição foi criada em 11 de julho de 1951, pelo Decreto nº 29.741, com o objetivo de

Assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país.

No segundo período do governo de Getúlio Vargas, com o aparecimento da industrialização pesada e da complexidade das administrações, verifica-se a necessidade de retomada para um Brasil desenvolvimentista que necessitava de capacitação (formação de especialistas e pesquisadores) em todas as áreas e de pesquisadores para atuar nos mais diversos campos do conhecimento: física, matemática, química e todas as áreas de ciências sociais aplicadas. É designado então, como secretário-geral, o professor Anísio Teixeira, para a comissão que lançou as bases da criação da Capes. Nos primeiros anos a atuação principal da Capes estava voltada às universidades e institutos de ensino superior. Houve, assim, contratos de professores visitantes estrangeiros para a estimulação das atividades de intercâmbio e cooperação entre as instituições, concessão de bolsas de estudos e apoios a eventos de natureza científica.

Na reformulação das políticas setoriais, com destaque para a política de ensino superior e a de ciência e tecnologia, a Capes ganha novas atribuições e financiamentos para ampliar suas ações e determinar critérios na qualificação dos professores das universidades brasileiras. Desde então, assumiu um papel de destaque na elaboração das políticas de pós-graduação que rapidamente se expandiu. Deste modo, a Capes tem desempenhado papel fundamental para a expansão e consolidação da pós-graduação *stricto sensu*.

O quadro adiante, elaborado a partir de informações do *site* da Capes, resume alguns dos principais marcos da vida da instituição.

QUADRO 1 – Desenvolvimento cronológico da Capes

1961	A CAPES se torna subordinada da Presidência da República
1963	O Professor Anísio Teixeira, foi homenageado nos Estados Unidos
1964	Com o militarismo no poder, o professor Anísio Teixeira deixa seu cargo e a CAPES é assumida por nova diretoria, que volta a subordinação do Ministério da Educação e Cultura (MEC).
1965	A pós-graduação já havia estabelecido 27 cursos classificados no nível de mestrado e 11 no de doutorado, totalizando 38 no país. Por convocação do ministro da Educação do Governo Castelo Branco, o Conselho de Ensino Superior se reúne para definir e regulamentar os cursos de pós-graduação nas universidades brasileiras.
1966	O governo começa a apresentar planos de desenvolvimento, especialmente o Programa Estratégico de Governo.
1970	Instituídos os Centros Regionais de Pós-Graduação/ transferência da sede do Rio de Janeiro para Brasília.
1972	1º Plano Nacional de Desenvolvimento de pós-graduação; No plano educacional, tem-se a reforma universitária, a reforma do ensino fundamental e a consolidação do regulamento da pós-graduação (Parecer 977, de 1965).
1974	Decreto 74.299 – alteração do estatuto da CAPES como "órgão central superior, gozando de autonomia administrativa e financeira." O novo Regimento Interno incentiva a colaboração com a direção do Departamento de Assuntos Universitários (DAU) na política nacional de pós-graduação, a promoção de atividades de capacitação de pessoal de nível superior, a gestão da aplicação dos recursos financeiros, orçamentários e de outras fontes nacionais e estrangeiras, a análise e compatibilidade das normas e critérios do Conselho Nacional de Pós-Graduação.
1981	Reconhecimento da CAPES como instituição responsável pelo do Plano Nacional de Pós-Graduação Stricto Sensu. Reconhecimento como Agência Executiva do Ministério da Educação e Cultura junto ao sistema nacional de Ciência e Tecnologia, com a finalidade de elaborar, avaliar e coordenar as atividades pertinentes ao Ensino Superior. Aprofundamento da relação com a comunidade científica e acadêmica
1982	Período de estabilidade.
1985	Transição para Nova República não traz mudanças, a continuidade administrativa torna-se uma marca da instituição, destaca-se na formulação, acompanhamento e execução da Política Nacional de Pós-Graduação.
1990	No governo Collor, a Medida Provisória nº 150, de 15 março de 1990, extingue a CAPES, desencadeando intensa mobilização acadêmica, as pró-reitorias de pesquisa e pós-graduação das universidades mobilizam a opinião acadêmica e científica que, com o apoio do Ministério da Educação, conseguem reverter a medida (que ainda seria apreciada pelo Congresso Nacional). Em 12 de abril do mesmo ano, a CAPES é recriada pela Lei nº 8.028.
1992	A Lei nº 8.405, autoriza o poder público a instituir a CAPES como Fundação Pública, o que confere novo vigor à instituição.

Adaptação: Iracema Marinho, a partir do *site* da Capes.

Atualmente, a Capes atua em quatro linhas de ação, cada qual estruturada por um conjunto de programas¹:

1. Avaliação da pós-graduação *strictu sensu* – sistema continuamente aperfeiçoado, constituindo-se em instrumento para a ação direta da comunidade universitária na busca de um padrão de excelência sempre melhor para os mestrados e doutorados nacionais;
2. Acesso e divulgação da produção científica;
3. Investimento na formação de recursos de alto nível no país e exterior;
4. Promoção da cooperação científica internacional.

¹ As linhas de ações descritas foram extraídas do *site* www.capes.gov.br

O sistema de avaliação da pós-graduação foi implantado pela Capes em 1976 e desde então vem cumprindo papel de fundamental importância para o desenvolvimento da pós-graduação e da pesquisa científica e tecnológica no Brasil, dando cumprimento, de acordo com o *síntese* da instituição, aos seguintes objetivos²:

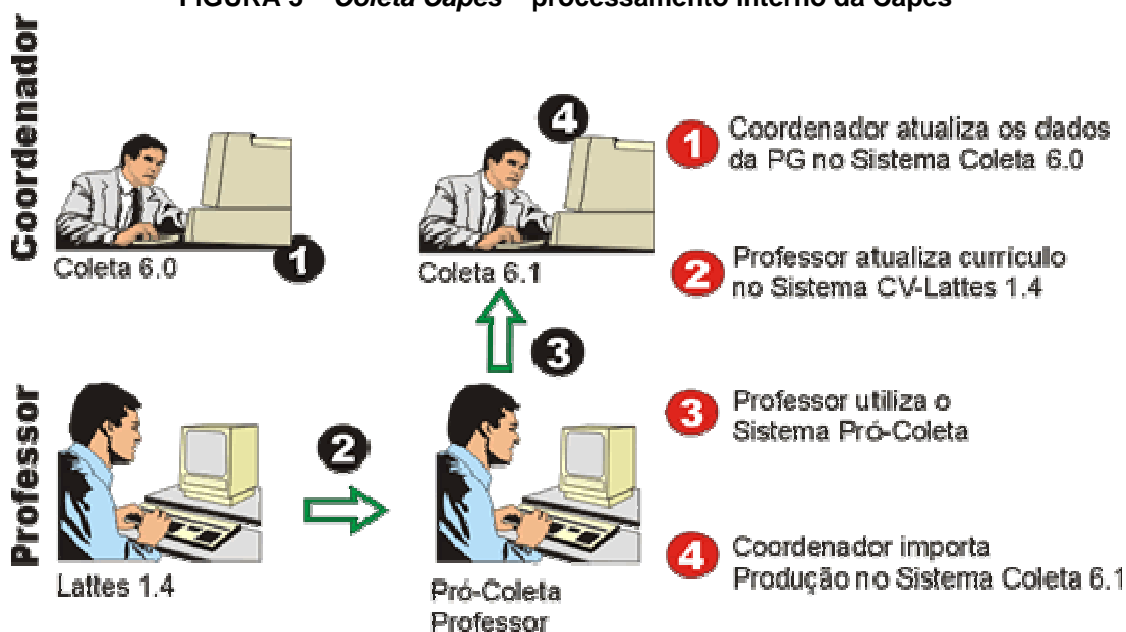
- estabelecer o padrão de qualidade exigido dos cursos de mestrado e de doutorado e identificar os cursos que atendam tal padrão;
- fundamentar, nos termos da legislação em vigor, os pareceres do Conselho Nacional de Educação sobre autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos de mestrado e doutorado brasileiros - exigência legal para que esses possam expedir diplomas com validade nacional reconhecida pelo Ministério da Educação;
- impulsionar a evolução de todo o sistema nacional de pós-graduação e de cada programa em particular, antepondo-lhes metas e desafios que expressem os avanços da ciência e tecnologia na atualidade e o aumento da competência nacional nesse campo;
- contribuir para o aprimoramento de cada programa de pós-graduação, assegurando-lhe o parecer criterioso de uma comissão de consultores sobre os pontos fracos e fortes de seu projeto e de seu desempenho, e uma referência sobre o estágio de desenvolvimento em que se encontra;
- contribuir para o aumento da eficiência dos programas no atendimento das necessidades nacionais e regionais de formação de recursos humanos de alto nível;
- dotar o país de um eficiente banco de dados sobre a situação e evolução da pós-graduação;
- oferecer subsídios para a definição da política de desenvolvimento da pós-graduação e para a fundamentação de decisões sobre as ações de fomento dos órgãos governamentais na pesquisa e pós-graduação.

Por meio de avaliações constantes e sistemáticas, a Capes traça um diagnóstico bastante detalhado sobre o funcionamento dos programas de pós-graduação do Brasil, cumprindo assim a primeira linha de ação, indicada anteriormente. Tal diagnóstico acaba por ser transformado em uma avaliação que define quantitativamente os níveis dos diferentes programas, em uma escala de um a sete. Um dos quesitos considerados é a produtividade do corpo docente que deve ser constantemente atualizada na *Plataforma Lattes*, para que o sistema próprio da Capes, o *Coleta Capes*, possa extrair e processar os dados desejados.

A figura adiante esquematiza o funcionamento do *Coleta Capes* como um programa de pós-graduação.

² Reprodução do item denominado "avaliação" na página referente aos dados do Coleta Capes. www.capes.gov.br. Disponível e acessado em 23/04/2007.

FIGURA 3 – Coleta Capes – processamento interno da Capes



Fonte: www.google.com.br/coletaCapes. Disponível e acessado em 23/04/2007.

A base da avaliação dos programas de pós-graduação parte das informações disponibilizadas pelo próprio corpo docente. Os dados são tabulados pelo sistema e analisados por uma equipe de pares, de acordo com parâmetros e valores estabelecidos pelos programas de um mesmo comitê. No caso dos programas de Ciência da Informação, salvo o da Unirio, o comitê é o de Ciências Sociais Aplicadas 1 que congrega as áreas de Ciência da Informação e de Comunicação. Tal comitê, a despeito de diversas solicitações de alguns membros, tem negado computar quantitativamente a produtividade publicada em anais de congressos científicos.

2.3 O CNPq e a *Plataforma Lattes*

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia destinada a fomentar a pesquisa científica, tecnológica e a formação de docentes (professores/pesquisadores) e demais recursos humanos para o desenvolvimento da pesquisa no Brasil. Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil atual.

Antes da Primeira Guerra Mundial, na década de 1920, alguns integrantes da Academia Brasileira de Ciências (ABC) já tinham a idéia e discutiam a necessidade da criação de uma entidade governamental específica

para fomentar o desenvolvimento científico no país. Portanto, no ano de 1931, a ABC sugeriu formalmente ao governo a criação de um conselho de pesquisas. Em maio de 1936 o então Presidente Getúlio Vargas enviou mensagem ao Congresso cogitando a criação de um conselho de pesquisas experimentais, mas a idéia não foi bem recebida pelos parlamentares.

Entretanto, em consequência da Segunda Guerra Mundial e dos avanços tecnológicos advindos e exigidos nos setores aéreo, industrial e farmacêutico, foi estimulada a relevância da pesquisa científica, principalmente pelo uso da energia nuclear. A descoberta da bomba atômica era a prova determinante da real e assustadora possibilidade do poder que a ciência poderia imputar ao homem.

Desde então, diversos países começaram a acelerar suas pesquisas ou a montar uma estrutura de fomento, como no caso do Brasil. Apesar da suficiência em recursos minerais estratégicos, o país não estava preparado para aproveitar tecnologicamente seus recursos.

Em maio de 1946, o Almirante Engenheiro Álvaro Alberto da Motta e Silva, representante brasileiro na Comissão de Energia Atômica do Conselho de Segurança da recém-criada Organização das Nações Unidas, propôs ao governo, por intermédio da Academia Brasileira de Ciências, a criação de um Conselho Nacional de Pesquisa (CNP). O Almirante tinha em mente a criação de uma instituição governamental, em que as principais finalidades seriam: desenvolver, sustentar, amparar e coordenar a pesquisa científica nacional. Dois anos mais tarde o projeto da criação do conselho era apresentado na Câmara dos Deputados, mas foi somente em 1949 que o Presidente Eurico Gaspar Dutra criou e nomeou uma comissão para apresentar um pré-projeto de lei sobre a criação do conselho de pesquisa. Após vários debates em diversas comissões, no dia 15 de janeiro de 1951, dias antes de passar a faixa presidencial a Getúlio Vargas, foi criado o Conselho Nacional de Pesquisas. A Lei nº 1.310 que criou o CNPq foi chamada por Álvaro Alberto de "Lei Áurea da pesquisa no Brasil".

Portanto, o CNPq tem um importantíssimo papel no auxílio às pós-graduações brasileiras na concessão do auxílio específico para "Auxílio Participação em Eventos Científicos", que tem por finalidade o apoio à participação de pesquisador com desempenho (mérito) em sua área de

atuação em eventos científicos no exterior, tais como: a) congressos e similares; b) intercâmbio científico ou tecnológico; ou c) visitas de curta duração para a aquisição de conhecimentos específicos e necessários ao desenvolvimento da pesquisa científica ou tecnológica. Existem alguns requisitos a serem preenchidos, tais como: ter o título de doutor, ter carta-convite ou de aceitação da organização do evento e outros.

Esse tipo de apoio demonstra o entendimento da instituição a respeito da importância dos eventos científicos para o desenvolvimento tecnológico nacional. É necessário encontrar um correspondente reconhecimento quanto à participação, divulgação e publicação de idéias em anais de congressos, como uma importante forma de comunicação científica.

Com vistas ao gerenciamento do gigantesco universo que compõe a atividade científica nacional, foi criada a *Plataforma Lattes* para gerenciar diversas variáveis do desenvolvimento científico. A *Plataforma Lattes* constitui um importante passo para a integração dos sistemas de informação das principais agências de fomento do país, antiga demanda da comunidade científica e tecnológica. Atualmente, a composição do sistema estrutural é composto por Diretório dos Grupos de Pesquisa; Sistema de *Currículos Lattes*, Diretório de Instituições; Ferramentas de Buscas, Sistema Gerencial de Fomento e Formulários *Lattes* de propostas.

De acordo com as informações do *site* do CNPq³:

A *Plataforma Lattes* é um conjunto de sistemas computacionais do CNPq que visa compatibilizar e integrar as informações em toda interação da agência com seus usuários. Seu objetivo é aprimorar a qualidade dessas informações e racionalizar o trabalho dos pesquisadores e estudantes no seu preenchimento.

A experiência do CNPq na integração de bases de dados de currículos e de instituições da área de ciência e tecnologia em um único sistema de informações é representado pela *Plataforma Lattes*, cuja importância estende-se não só às atividades operacionais de fomento do CNPq como também às ações de fomento de outras agências federais e estaduais.

Pelo grau de abrangência, as informações constantes da *Plataforma Lattes* podem ser utilizadas tanto no apoio de atividades de gerenciamento

³ www.cnpq.gov.br disponível e acessado em 24/04/2007.

como no apoio à formulação de políticas públicas dentro da área de ciência e tecnologia.

O *Currículo Lattes* é um documento que tem registrado todo o percurso de vida acadêmica (estudos, pesquisas, publicações etc.) dos pesquisadores, sendo um fator indispensável à análise de mérito e competência dos pleitos apresentados à agência. A partir do *Currículo Lattes* o CNPq desenvolveu um formato padronizado para coletar todas as informações curriculares, e que hoje é adotado não só pela agência, mas também pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país. Este currículo nos programas de pós-graduação é base para a avaliação dos dados de produtividade docente pelo sistema de *Coleta Capes*.

Ao adotar uma padronização nacional de currículos, com a riqueza de informações que esse sistema possui, a sua utilização passa a ser obrigatória a cada solicitação de financiamento e a disponibilização de acesso desses dados na internet determinaram maior transparência e confiabilidade às atividades de fomento da agência.

3. COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

3.1 Considerações iniciais

Na Ciência da Informação encontra-se a questão dos processos de comunicação. Isso se deve ao fato de a própria Ciência da Informação ter surgido a partir de estudos sobre comunicação, para compreender seu funcionamento e, assim, oferecer suporte para o desenvolvimento dos processos que a envolvem. Inegavelmente, a informação apenas agrega valor mediante seu uso efetivo. Portanto, para que possa ser útil, ela precisa ser comunicada, conforme defendem Marchiori et al. (2006).

O fundamento da comunicação é tornar comuns os significados, tanto no campo interpessoal quanto grupal ou organizacional. Para Tubbs (2003, p. 9), a comunicação humana é o processo de criação de significado entre duas ou mais pessoas. Comunicação, como diz Ferreira (1998, p.173), é o meio pelo qual dois intervenientes, ou mais, produzem e interpretam significados tornando-os comuns, a fim de gerar um entendimento recíproco. Comunicamos para informar e estar informados, para formar e influenciar pessoas, criar e manter organizações.

Nos últimos anos, a comunicação emergiu como área disciplinar cada vez mais autônoma. Na obra de Aristóteles, por exemplo, já existia a preocupação com a questão, com menção à comunicação entre funcionários administrativos e administradores (Cf. GIBSON, 1981, p. 174). Por longo tempo a comunicação recebeu atenção, porém como uma área de estudos integrada em outras disciplinas, principalmente a sociologia, a psicologia e a lingüística. No século XX os estudos de comunicação assumiram uma identidade própria, com o surgimento de escolas e grupos de estudo específicos.

Martins (2002) diz que “A história da comunicação confunde-se com a história da própria Humanidade, inclusive, com a sua evolução, em matéria do que seja propriamente comunicacional”. Para o autor (2002, p. 11-12)

se até o século XIX os esforços da engenharia se caracterizaram pela extensão das informações, tão própria a um período de expansão colonial, que vinha desde o início do século das navegações, o século XX terá sido o século da persuasão, mas ainda uma persuasão suspeita, muito mais com o sentido perlocucionário (manipulador) de influência, do que de argumentação (ilocucionário; simétrico). Persuasão, portanto, no sentido de propaganda,

numa primeira fase; e de idéias políticas e de publicidade comercial, numa segunda. A partir deste século (XXI) estaríamos entrando na terceira fase, a da Cooperação, ou seja, a era da Comunicação propriamente dita (etimologicamente *comunicare*, tornar comum), marcada pelo reconhecimento de que os meios de comunicação de massa ganham um caráter interativo, podendo servir não apenas a funções de dominação, manipulação e narcotização das massas, mas de interação, integração e entre ajuda.⁴

Segundo Marchiori et al. (2006), “a atividade científica também depende da comunicação, o que leva cientistas e tecnólogos a afirmarem que não existe ciência sem comunicação.” Para tais autores

o ato de comunicar, entre diferentes sentidos e abordagens, é condição *sine qua non* para a existência do pensamento científico. É inegável que a informação agrega valor somente mediante o seu uso e, para que possa ser útil, ela precisa ser comunicada.

Os autores, referindo-se a Meadows, lembram que comunicar a informação científica é essencial, pois o aumento do conhecimento científico depende de sua comunicação. Le Coadic (apud MARCHIORI et al.) observa, de forma metafórica, que “a informação é o sangue da ciência”, sendo que “a informação só interessa se circula e, sobretudo, se circula livremente”. A comunicação científica eficaz é, portanto, elemento basilar para o desenvolvimento de qualquer atividade de cunho científico.

A Ciência da Informação, analisando a maneira como ocorrem as comunicações estabelecidas dentro das comunidades científicas, as relações entre uma comunidade científica e outra e o papel de cada indivíduo dentro desse grupo, pode oferecer subsídios à comunicação científica. Pode, ainda, analisar o modo como a comunicação científica se apresenta mediante a aplicação de tecnologias, isto é, o uso que cada comunidade científica faz das tecnologias de que dispõe e o comportamento dos indivíduos diante dessas tecnologias.

Por processo, entende-se que seja a seqüência de partes de um todo – este todo pode ser considerado um sistema ou universo –, ou um todo cujas partes, interligadas e interdependentes, são suscetíveis a modificações

⁴ Austin foi um dos primeiros autores a ver a linguagem na ótica de um discurso integral. Sua análise dos atos lingüísticos atribui ao sujeito falante três atos fundamentais no momento da fala: ato locucionário (fonético, gramatical, semântico); ato ilocucionário (produzido pelo próprio ato de falar, palpável, lingüístico, força expressiva da oração no contexto); e ato perlocucionário (produzido pelo fato de dizer, isto é, em decorrência do ato de dizer; ameaçar, persuadir). AUSTIN, J.L. et al. Ensaio. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1980.

decorrentes da influência sofrida pelo ambiente em que o processo está inserido. Berlo (1999), ao se referir à idéia de processo, afirma referir-se a algo que não tem necessariamente começo, fim ou seqüência fixa de eventos, mas a algo dinâmico, no qual o movimento de uma das partes altera o movimento das outras; partes interligadas de estruturas que viabilizam algo.

Pode-se dizer que a idéia de comunicação está relacionada à idéia de processo tendo em vista que, assim como no processo, a comunicação pressupõe dinamismo entre as partes de um todo. Segundo Berlo, Aristóteles entendia a comunicação como "a procura de todos os meios possíveis de persuadir". O modelo aristotélico de comunicação é composto por três partes: o falante, o discurso e o ouvinte. Nesse modelo encontram-se os elementos fundamentais à formação do circuito de comunicação, de modo que a maioria dos modelos de processo de comunicação, posteriormente desenvolvidos, apresenta estrutura semelhante. O modelo aristotélico foi a base para que outros estudiosos propusessem novos modelos que pudessem suprir as limitações daquele primeiro.

Berlo, por exemplo, apesar de concordar com a estrutura aristotélica, afirma que ela apresenta limitações, pois tal modelo não permite a quem analisa, saber se de fato houve a comunicação. O discurso transmitido pelo falante pode não ter sido apreendido pelo ouvinte, o que levaria à afirmação de que, nesse caso, não houve comunicação.

A contribuição de Berlo, nesse sentido, foi separar o processo de comunicação em mais partes, determinando a funcionalidade de cada uma: 1) o emissor; 2) o receptor; 3) a mensagem; 4) o código; 5) o canal; e 6) o referente. A subdivisão das partes visa permitir a análise do modelo, de modo a compreendê-lo das partes menores as maiores (do particular para o geral) e, assim, conhecer melhor o processo para, posteriormente, reagrupar as suas partes. Afinal, segundo Berlo, a comunicação jamais se dá em partes, mas quando todas as partes estão em sintonia, de forma abrangente. Neste momento as partes determinam o todo.

Entre 1940 e 1970 apareceram os primeiros estudos empíricos sobre comunicação. Foram desenvolvidos outros modelos do processo que podem ser considerados derivados do modelo aristotélico, como o de Lasswell, o de Shannon e Weaver e o de De Fleur e Ball-Rokeach.

Harold Lasswell⁵ propôs “uma forma adequada para se descrever um ato de comunicação”, respondendo às seguintes perguntas: Quem? Diz o quê? Através de que canal? Para quem? Com que efeitos? A fórmula Lasswell, como é conhecida, “sem omitir nenhum aspecto relevante dos fenômenos em causa, na realidade, depressa se transformou – e assim permaneceu durante muito tempo – numa verdadeira teoria da comunicação” (WOLF, 1994, p. 27). Essa fórmula clássica foi usada durante muito tempo pelos teóricos da comunicação, convencionando esses estudos como a sociologia funcionalista da mídia. Um grande mérito do esquema de Lasswell foi sistematizar os temas centrais do que era chamado de *communication research*. Na verdade,

a longa tradição de análise (sinteticamente designada pelo termo *communication research*) acompanhou os diversos problemas que iam aflorando, atravessando perspectivas e disciplinas, multiplicando hipóteses e abordagens. Daí resultou um conjunto de conhecimentos, métodos e pontos de vista tão heterogêneos e discordantes que tornam não só difícil, mas porventura também insensata qualquer tentativa para se conseguir uma síntese satisfatória e exaustiva (WOLF, 1994, p. 11).

Segundo Lasswell, o processo comunicativo pode concentrar-se em uma ou outra das interrogações por ele propostas. Os estudos sobre comunicação, especialmente comunicação de massa, também podem ser agrupados conforme as perguntas por ele lançadas, razão pela qual seu modelo foi considerado organizativo para o campo da *communication research*.

Trabalhos como o de Lasswell abriram caminho para outros autores e para a ampliação da pesquisa sobre comunicação. Martins (2002), diz que

a despeito da profusão do tema, a Comunicação tem demandado, ao longo das últimas cinco décadas, numerosas tentativas de elaboração de fundamentos teóricos, desde as primeiras buscas dos “fundamentos científicos da comunicação (Lazarsfeld, Katz, Klapper, Berelson, Janowitz, Blumler, Larsen, Lasswell, Hovland, Merton, Tchakhotine e Morin, entre outros) a historiografias, tanto as que vêm dos anos 60 (De Fleur, nos Estados Unidos; Costa Lima e Cohn, no Brasil) quanto as mais recentes (Wolf, Mattelart e Miège, Lucien Sfez, Stephen Littlejohn, Denis McQuail).

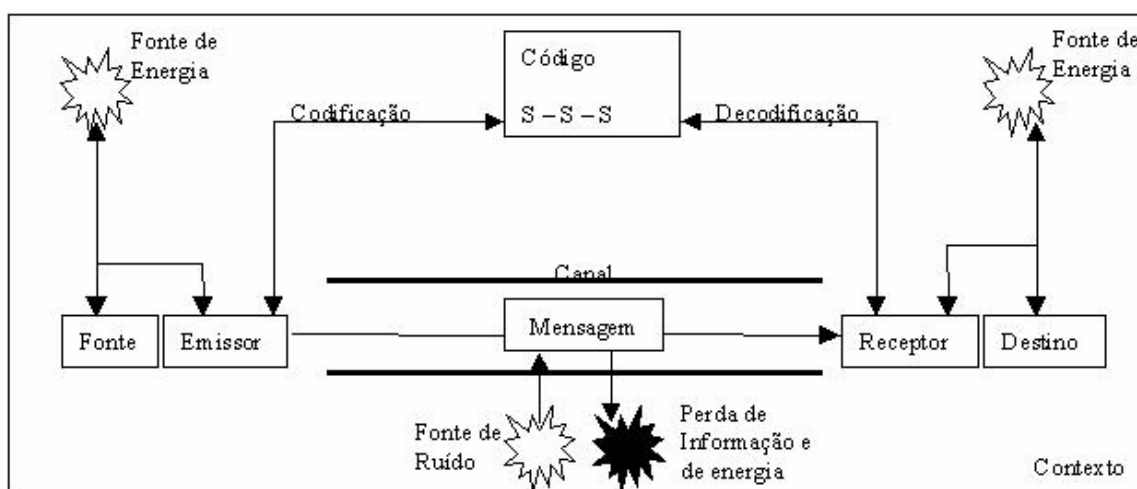
A contribuição de Shannon e Weaver (1975), por exemplo, consistiu na introdução do elemento ruído entre o emissor e o receptor da comunicação⁶. A

⁵ Os primeiros estudos de Lasswell, na década de 1920, foram sobre propaganda e opinião pública, centralizados nos efeitos da comunicação persuasiva durante a I Guerra Mundial.

⁶ Um estudo que aborda a continuação desses autores para a comunicação pode ser visto em Capuro e Hjørland, 2007.

princípio, a intenção do estudo de Shannon e Weaver, intitulado *A Teoria Matemática da Comunicação*, era melhorar a transmissão de dados, via rádio, telégrafo e outros. Assim, quando ambos falavam de informação, na realidade referiam-se a sinais de ondas para comunicação via televisão e telefone, entre outros. As preocupações de Shannon e Weaver estavam direcionadas à mecânica da comunicação, o que trouxe benefícios não somente para as engenharias, mas também para a explicação de como se dão os processos de comunicação.

Figura 4 – Modelo clássico de comunicação, segundo Shannon e Weaver



Fonte: [www.dgz.org.br/abr02/Placida\(f2\).jpg](http://www.dgz.org.br/abr02/Placida(f2).jpg). Disponível e acessado em 23/04/2007.

Shannon e Weaver haviam proposto uma abordagem quantitativa do processo de comunicação; De Fleur e Ball-Rokeach (1993) sugeriram uma abordagem qualitativa desse processo.

De Fleur e Ball-Rokeach criticaram as abordagens de Berlo, de Lasswell e de Shannon e Weaver, que consideravam inapropriadas ao modo como, de fato, se davam os processos de comunicação. O principal problema identificado por De Fleur e Ball-Rokeach era o fato de que os modelos daqueles autores eram lineares, o que prejudicava significativamente a representação dos processos de comunicação, que devem ser considerados como realidades dinâmicas e não-lineares em decorrência da comunicação aleatória entre as partes do todo.

De Fleur e Ball-Rokeach já afirmavam que as teorias da comunicação eram limitadas e, portanto, não deveriam ser tomadas como verdades concretas. A limitação deve-se ao fato de o objeto de estudo se caracterizar

como um processo, isto é, como explicita o próprio significado da palavra, algo que está em constante movimento e transformação. Nesse sentido, De Fleur e Ball-Rokeach, procurando desenvolver um modelo que buscasse a correspondência entre a mensagem emitida e a mensagem recebida, introduziram no processo de comunicação o elemento *feedback*. Em outras palavras, um processo efetivo de comunicação dar-se-ia a partir do momento em que o emissor, considerando o receptor, tivesse certeza de que o sentido da mensagem foi transmitido sem interferência.

Convém lembrar que, a partir da década de 1920, com o advento do rádio e do cinema, e das décadas de 1940 e 1950, com a televisão, muitos estudos de comunicação tiveram por foco principal a influência dos chamados *mass media* no comportamento da sociedade. Surgiram várias teorias clássicas voltadas, sobretudo, para as relações entre os meios de comunicação de massa e os receptores (ouvintes, telespectadores, leitores). Esses estudos procuraram entender a comunicação como um ato mais de compreensão e decodificação de significados do que de uma mera operação mecânica ou modelo matemático de transmissão e recepção de dados.

Essas abordagens, entre várias outras, demonstram que muitos estudiosos têm procurado compreender os processos de comunicação, pois o homem é um ser essencialmente social e essa sociabilidade não se dá sem comunicação. A Ciência da Informação, desenvolvendo estudos sobre a imprescindível comunicação de informações em todos os ambientes sociais – o acadêmico, o científico, o tecnológico, o de trabalho, entre outros –, poderá oferecer suporte para as mais variadas atividades humanas e prestar importantes serviços ao desenvolvimento do homem como ser social.

3.2 Comunicação científica e ambientes informais

Neste trabalho foram relacionados alguns processos de comunicação à produção e à circulação do conhecimento científico. Todo produto de uma atividade humana que pretenda adquirir *status* de ciência deve passar pelo crivo da comunidade científica, ou seja, precisa ser avaliado e julgado pelos parâmetros estabelecidos por esse grupo humano, de modo a ser aceita como científica. Há espaços adequados para a apresentação e discussão dos trabalhos em curso ou concluídos, entre os quais estão os congressos,

simpósios e outros eventos coletivos, nos quais a troca de idéias e experiências entre os pares pode resultar, até mesmo, no surgimento de novas hipóteses, suscitando, assim, mais produção científica.

Garvey (1979) conceituou a comunicação científica como o conjunto de atividades referentes à produção, disseminação e utilização de informações e de sua aceitação dentro de um ramo do conhecimento científico. A interação dos indivíduos dentro da comunidade científica é mediada pelo processo de comunicação científica através do qual é estabelecido um intercâmbio contínuo de experiências, gerando um campo fértil para o surgimento de novos conhecimentos. Vários autores, como Garvey, Shearer e Birdsall (2002), e também Meadows (1974), discutem uma diferenciação, muito aceita pelas comunidades científicas, entre os conceitos de comunicação formal e de comunicação informal.

A comunicação formal, por um lado, seria aquela pública, armazenada em caráter permanente sob a forma de teorias consolidadas, publicadas em revistas especializadas e veiculadas dentro e fora das comunidades científicas. A comunicação formal seria característica da literatura científica, já que é elaborada e submetida à avaliação e ao reconhecimento de uma comunidade científica e, em conseqüência, explicitada a uma comunidade bastante ampla – o corpo docente e discente, pesquisadores e o público em geral –, por meio de livros, artigos, trabalhos impressos ou disponíveis em meio eletrônico, entre outros.

Por outro lado, a comunicação informal seria aquela armazenada temporariamente e restrita a pequenos grupos. Como exemplos desse tipo de comunicação podem ser citados congressos, palestras, exposições, seminários, conferências, colégios invisíveis, assim como as orientações, entre outros. Alguns aspectos relevantes da comunicação informal são o alto grau de atualização das informações e a possibilidade do fluxo de informação ser orientado pelo emissor, além da interação direta entre emissor e receptor, proporcionando um significativo *feedback*. A comunicação formal, além de dar acesso a informações armazenadas, relativamente mais antigas, não prevê espaços de interação entre os participantes do processo, que se dá apenas de maneira indireta, oferecendo ao emissor um *feedback* relativamente reduzido.

De acordo com Goh (2002), tão importante quanto as relações entre os meios de comunicação (formal e informal) e os conhecimentos aí veiculados (explícito e tácito) é a relação entre esses meios e os tipos de conhecimento entre si. Em outras palavras, considerando o uso que cada indivíduo faz do conhecimento de que dispõe, verifica-se que, com o passar do tempo, uma forma de conhecimento pode se transformar em outra, ou seja, assim como o conhecimento explícito pode ser campo fértil para o surgimento de conhecimento tácito, o conhecimento tácito pode ser o princípio da consolidação do conhecimento explícito. Como exemplo do primeiro caso, seria a situação em que um indivíduo incorpora o conhecimento explícito adquirido em livros e artigos transformando-o em conhecimento tácito. No sentido inverso, o conhecimento tácito veiculado em salas de aula e em reuniões de grupos acadêmicos, por exemplo, pode ser a origem de novas teses e teorias, pleno de conhecimento explícito.

É importante ressaltar a importância do *feedback* através do qual a relação dinâmica entre as partes transforma o próprio sistema de comunicação, com a produção de novos conhecimentos. Fica evidente, dessa forma, a importância da interação entre os ambientes de comunicação e os tipos de conhecimento. Neste caso, cabe analisar a articulação existente entre o conhecimento informal produzido – com *feedback* – nos congressos e eventos científicos e o conhecimento formal – quantificado pela Capes – na produção científica dos pesquisadores de Ciência da Informação. Portanto, não há contraposição entre comunicação formal e informal e entre informação tácita e explícita, porém, complementaridade. Os canais informais de comunicação e os conhecimentos tácitos são tão importantes para a produção científica quanto os meios formais de comunicação e os conhecimentos explícitos.

As regras impostas para a divulgação do conhecimento explícito são importantes para a caracterização de determinada produção como científica. Mas, ao mesmo tempo, o conhecimento tácito oferece à produção científica campo fértil para idéias não consolidadas, que buscam fundamentação de modo a tornarem-se novos conhecimentos explícitos. A inter-relação entre diferentes meios de comunicação e tipos de conhecimentos mostra-se, assim, fundamental para a produção do conhecimento científico.

Garvey e Griffith (1979) desenvolveram, na Psicologia um modelo de comunicação científica que serviu de referência para os estudos de comunicação em diversas áreas da ciência. Esse modelo pode ser dividido em três fases: na primeira o conhecimento seria veiculado tacitamente através de seminários, colóquios, relatórios preliminares e até conversas de corredor, em que as primeiras etapas e/ou resultados de pesquisas começariam a ser apresentados. No segundo momento, as pesquisas seriam aprofundadas e concluídas e os resultados posteriormente enviados para avaliação, a fim de poderem ser publicados na forma de artigos e periódicos. A última fase consistiria no registro de resultados de pesquisas concluídas nas listas de trabalhos aceitos para publicação e na publicação dessas mesmas pesquisas. Tal proposição defende que muito antes de determinado conhecimento atingir o caráter explícito já fora veiculado dentro da comunidade científica como conhecimento tácito. Assim, antes da publicação de artigos os membros de uma comunidade científica já poderiam ter notícia sobre os resultados das pesquisas.

Dando um passo além da posição de Garvey e Griffith, Lievrouw (apud TARGINO, 2000) afirmou que a divisão dos canais de comunicação em formais e informais refere-se apenas para uma elaboração de conhecimento documentado, não contribuindo para a verdadeira análise comportamental da produção de conhecimento. Segundo esse autor, a divisão dos canais de comunicação em formais e informais é insuficiente para representar a dinâmica dos processos de comunicação. Lievrouw propôs um modelo que considera como comunicação científica o conjunto de atos que contribui ou proporciona a troca de informações dentro de uma comunidade científica, assim como o conjunto das relações estabelecidas entre os elementos dessa mesma comunidade, no intuito de atingirem objetivos comuns.

O sistema de comunicação científica elaborado por Lievrouw é composto por três fases: 1) concepção; 2) documentação; e 3) popularização. Na primeira fase, a da concepção, os cientistas compartilham de informações de maneira informal, situação em que idéias e dúvidas circulam em ambientes restritos nos quais amigos, alunos, professores, orientando e orientadores trocam experiências, programam e realizam atividades de pesquisa. Na segunda fase, a comunicação atinge um número maior de pessoas e entidades e como

conseqüência da documentação, os trabalhos desenvolvidos nas pesquisas são avaliados e publicados em forma de artigos, periódicos e livros. Na última fase, a da popularização, o objetivo da comunicação é fazer com que o resultado das pesquisas atinja o público em geral. É na fase da popularização que as pessoas se familiarizam com os novos conhecimentos disponibilizados, assim como os pesquisadores têm acesso a recursos para aperfeiçoar o novo conhecimento.

A principal contribuição resultante do modelo de Lievrouw está relacionada à produção de conhecimento tácito pois a dinâmica comunicativa das fases de concepção e de documentação é essencial para a criação de novos conhecimentos, uma vez que o compartilhamento de idéias e dúvidas leva cientistas a abrirem espaço para novas discussões, assim como possibilita a descoberta de respostas para questões até então sem solução. Esses novos conhecimentos que surgem desse processo serão, posteriormente, avaliados e julgados por membros da comunidade científica.

A fim de compreender a importância da dinâmica comunicativa, a Ciência da Informação pode focar sua atenção para o estudo e a discussão da própria noção de comunidade científica. Afinal, é no âmbito de cada grupo específico que se desenrola toda a dinâmica dos processos de comunicação. É importante abordar, ainda, os conceitos de comunidade acadêmica e de colégios invisíveis, pois os mecanismos de comunicação científica que estão no foco desta análise, se desenvolvem na imbricação desses três conceitos.

A expressão comunidade científica foi definida por Costa (2000), sob uma perspectiva sociológica como “o agrupamento de pares que compartilham um tópico de estudo, desenvolvem pesquisas e dominam um campo de conhecimento específico, em nível internacional”. É importante ressaltar que, para essa autora, o desenvolvimento do conhecimento científico refere-se a um processo de difusão de idéias que são transmitidas de indivíduo para indivíduo, de uma parte à outra da comunidade, em um processo de interação social que contribui sobremaneira para o desenvolvimento do conhecimento.

Nesses termos, esta pesquisa, norteadada pelos parâmetros da Ciência da Informação, considera fundamental a idéia de que o conhecimento científico está diretamente relacionado às interações sociais dentro das comunidades científicas, compreendendo tais interações como responsáveis por promover,

de maneira informal, a difusão de idéias entre os componentes das comunidades, especialmente nos colégios invisíveis.

Embora seja possível compreender as expressões “comunidade científica” e “comunidade acadêmica” igualmente englobadas pela noção de “agrupamentos específicos de pares dentro do universo do conhecimento” (COSTA, 2000 p. 89), na perspectiva deste trabalho tais expressões são compreendidas de modo distinto. A expressão “comunidade científica” é utilizada para identificar um conjunto de pessoas que compartilham informações, pesquisas e conhecimentos de um mesmo nível, uma mesma área, em âmbito internacional. Já a expressão “comunidade acadêmica” refere-se a um agrupamento mais localizado, com maior delimitação espacial, no qual os membros não compartilham necessariamente de um mesmo tópico de estudo, mas podem comunicar-se livremente com comunidades científicas diversas. Em outras palavras, os componentes das comunidades científicas compartilham informações, pesquisas e conhecimentos a respeito de um mesmo tópico de estudo em nível global. Nas comunidades acadêmicas os conhecimentos e interesses podem não incidir sobre um mesmo tópico de estudo. O compartilhamento de idéias e experiências pode ocorrer com as mais diversas comunidades científicas, mas a comunidade acadêmica fica mais restrita ao âmbito institucional – a uma universidade, por exemplo⁷.

Outra noção da qual não se pode prescindir ao estudar a comunicação científica é a de colégios invisíveis. A expressão foi introduzida por Price (1976) para referir-se às associações de cientistas que se reuniam em Oxford na década de 1660 e que, posteriormente, formaram a Real Sociedade. O autor ressalta que os membros dos atuais colégios invisíveis não se submetem a regras ou normas formais, mas se relacionam por meio de informações e conhecimentos compartilhados. Os colégios invisíveis, para Price, se caracterizam como comunidades informais estabelecidas entre membros de um mesmo tópico de estudo. Price realizou análises e comparações entre os processos de comunicação dentro dos colégios invisíveis e os mecanismos formais de comunicação do conhecimento científico. A conclusão foi que a

⁷ Um detalhamento da distinção entre os dois tipos de comunidade poder ser vista em Leite (2006).

dinâmica do processo de comunicação dessas comunidades era fator principal para o desenvolvimento e difusão do conhecimento científico⁸.

Segundo o autor, os mecanismos formais de veiculação de conhecimento científico não podem oferecer novidades às comunidades informais. Muito antes de serem publicados em artigos, periódicos e revistas especializadas, os novos conhecimentos já faziam parte do repertório de conhecimentos dos colégios invisíveis. Estes compartilham as idéias, informações e pesquisas que passam a constituir os novos conhecimentos que, posteriormente, serão publicados. Assim, os processos de comunicação dentro desses colégios tornam-se indispensáveis para a produção e difusão do conhecimento científico. Em suma, é inevitável inferir a relevância da comunicação científica, dita informal – no seio de comunidades científicas e acadêmicas e de colégios invisíveis –, para a produção de novos conhecimentos.

Também tratando dos colégios invisíveis, Hurd (1996) afirma que os ambientes informais de comunicação foram ampliados e melhorados com o desenvolvimento e a aplicação de novas tecnologias, o que trouxe significativas contribuições à produção e à circulação de conhecimentos. Hurd elaborou uma versão atualizada do modelo de Garvey e Griffith levando em consideração a utilização de novas tecnologias. A autora elaborou seu modelo sob a perspectiva de uma comunicação baseada em tecnologias eletrônicas, o que não significa a total substituição do meio impresso pelo eletrônico. Nesse sentido, Mueller (2000) acrescenta que as tentativas de inovação do periódico científico convencional, impresso, já permite a cientistas de diversas áreas vislumbrarem a substituição do papel por dispositivos eletrônicos, o que aumentaria significativamente a capacidade de interação entre comunidades científicas. Todavia, é importante salientar que Hurd e Mueller concordam que muito do que se diz a respeito da aplicação das inovações tecnológicas aos processos de comunicação científica é, ainda, mera especulação.

Hurd foi criticada por Mueller (2000), pois seu modelo negligenciou aspectos tradicionais presentes nas comunidades científicas, como fatores pessoais e sociais que interferem sobremaneira nos rumos tomados pelas

⁸ Um detalhamento da correlação entre os colégios invisíveis e a comunicação científica pode ser vista em Leite (2006).

pesquisas científicas e que, provavelmente, ainda exercem mais influência sobre os processos de comunicação científica que as inovações tecnológicas. Por um lado, o modelo de Garvey e Griffith é insuficiente para demonstrar a dinâmica do processo de comunicação científica, pois negligencia as inovações tecnológicas. Por outro, o modelo de Hurd tampouco é suficiente para demonstrar a dinâmica desses processos tendo em vista que – corroborando a crítica de Mueller (2000) – supervaloriza a tecnologia em detrimento de aspectos de ordem social e pessoal na criação e disseminação do conhecimento científico. Uma possível solução foi dada por Costa (apud LEITE, 2006) que propôs um modelo híbrido de comunicação devido ao caráter complementar entre os meios impressos e digitais no processo de veiculação do conhecimento científico.

3.3 A relevância dos congressos para a comunicação científica

Este trabalho visa discutir a validade da inclusão dos trabalhos referentes à participação em eventos científicos coletivos nos critérios de avaliação da produção científica docente utilizados pela Capes. Neste sentido, vale a pena destacar alguns aspectos relevantes sobre o papel de tais eventos no trabalho científico.

A discussão a respeito da importância da noção de livre comunicação do conhecimento científico é fundamental para o desenvolvimento dos processos de criação e disseminação desse conhecimento e tem sido, portanto, recorrentes nas mais diversas comunidades acadêmicas mundiais. Essas posturas enfrentam, contudo, alguma resistência principalmente se for considerada a perspectiva das políticas governamentais – no caso particularmente abordado, essas políticas são executadas pela Capes –, para as quais vários aspectos são polêmicos e difíceis de serem viabilizados na prática. Podem ser citadas duas questões como exemplo: 1) do ponto de vista quantitativo, como mensurar os produtos da comunicação pertinentes à área de especialidade? 2) do ponto de vista qualitativo, considerando seu amplo aspecto de informalidade, como determinar a veracidade ou até mesmo a integridade da informação contida em meio eletrônico?

No decorrer da construção de uma pesquisa científica o pesquisador, seja qual for a sua área de conhecimento e atuação, necessita compartilhar

com seus pares os passos da pesquisa, os avanços alcançados, até mesmo as dúvidas e impasses que surgem. O principal espaço para esse contato entre pares são os congressos, simpósios, enfim, os eventos de caráter coletivo que constituem o canal interativo em que serão compartilhadas as hipóteses, teses e propostas com pesquisadores de várias áreas e que trarão, também, seus trabalhos e idéias para serem expostos e discutidos. Tais eventos são permeados tanto por aspectos de comunicação formal como de comunicação informal.

Os eventos científicos devem ser entendidos como canais efetivos de comunicação científica e, além disso, que contêm um valor agregado, relativo à dimensão motivacional dos pesquisadores, que pode mostrar-se bastante relevante quanto à produtividade. A presença do docente/pesquisador nos eventos também é um fator estimulante pelo prestígio que pode proporcionar diante dos pares.

Os eventos científicos coletivos são verdadeiros produtores de novas idéias e novos contextos em que os pesquisadores não somente divulgam seu produto por meio de diferentes e diversos canais mas municiam-se com informações já consubstanciadas pelos seus pares. A interação que ocorre nesses espaços possibilita ao pesquisador assumir novo posicionamento, entrar em contato com idéias que poderão subsidiá-lo e até mesmo situá-lo na continuidade de sua pesquisa. O desenvolvimento de qualquer área do conhecimento depende dessa atitude peculiar do pesquisador, que está em constante busca por novas idéias e conteúdos que poderão dar sustentação à produção científica.

Aos participantes dos eventos, que incluem “pesquisadores em potencial”, a comunicação interativa, característica desses espaços, proporciona a oportunidade de contato com novos parâmetros e olhares diferenciados para situações que podem suscitar novas pesquisas. Os congressos e espaços similares propiciam uma interação que, em certo momento, “explode” em várias vertentes e contextos diferenciados e/ou complementares. Em tais espaços, cada informação torna-se um fator multiplicador de idéias.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Introdução

A Ciência da Informação é um campo complexo com grande potencial para a construção de pesquisas qualitativas e quantitativas, sobretudo no que diz respeito ao desenvolvimento das novas tecnologias da informação, para a rápida propagação e repercussões econômicas, sociais e políticas resultantes do mundo globalizado. A produção científica no âmbito da Ciência da Informação vem demandando dos pesquisadores ousadia quanto aos pressupostos, construções epistemológicas, suportes e meios de se trabalhar a disseminação da informação. No âmbito da comunicação científica, as universidades, por meio dos programas de pós-graduação, têm papel crucial.

No Brasil, o primeiro programa de pós-graduação em Ciência da Informação foi criado em 1970 com o mestrado instituído pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com mandato acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)⁹. Hoje, o Brasil conta com 11 programas de pós-graduação em Ciência da Informação, o que demonstra o crescimento e desenvolvimento da área. A idéia para essa dissertação surgiu da necessidade anual que os programas de pós-graduação têm de encaminhar dados para o sistema *Coleta Capes*, para a avaliação dos programas, bem como para a produção científica de seus pesquisadores.

O estudo da comunicação científica é produto da necessidade de propiciar à sociedade mecanismos que permitam discutir a vasta disseminação de informações no quadro atual de crescente e contínuo desenvolvimento tecnológico. Tais aspectos são inerentes ao campo de estudo da Ciência da Informação, caracterizada como “ciência que estuda a teoria e a prática da geração, processamento e disseminação da informação” (Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, 2005, p. 48), sendo inter, multi e transdisciplinar.

Nesta pesquisa foi feita a análise de como os dados de produtividade docente – por meio de prospecção em informações já definidas na *Plataforma Lattes*, do CNPq — são relacionados com os critérios de avaliação da Capes.

⁹ Em 2000 o convênio do programa do IBICT com a UFRJ foi cancelado com a suspensão de novas matrículas. Em 2003, foi feito outro convênio, com a Universidade Federal Fluminense (UFF), que retomou a abertura de novas turmas em 2004.

Trabalhou-se com os docentes de programas de pós-graduação em Ciência da Informação existentes no Brasil, coletando dados referentes à comunicação científica. A dissertação, respaldada em autores clássicos da comunicação científica e de suas diferentes formas de disseminação, propõe um estudo comparado sobre os programas de pós-graduação em Ciência da Informação a partir da análise quantitativa da produtividade de elementos de comunicação científica.

Buscaram-se, como fontes, documentos e dados de entidades ligadas à pós-graduação, como a Capes e o CNPq. Também foi referência o planejamento estratégico da pós-graduação brasileira elaborado pelo Ministério da Educação – o PNPG 2005-2010¹⁰. Foram ainda consultados os *sites* dos programas em Ciência da Informação, bem como o portal da Ancib. O universo da pesquisa concentrou-se na importância da produtividade sob o enfoque das categorias não valoradas, ou subvaloradas, pelos critérios de avaliação da Capes, porém presentes nos *Currículos Lattes* dos pesquisadores, como os trabalhos publicados em anais e/ou apresentados em congressos, simpósios ou em outras formas de encontro científico.

4.2 Objetivos

4.2.1 Objetivo 1

4.2.1.1 Proposição: revelar aspectos de identificação da produção científica dos cursos de pós-graduação em Ciência da Informação, visando responder as seguintes questões:

- Quais os programas de pesquisa mais produtivos?
- Quais as linhas de pesquisas mais produtivas?
- Quais os pesquisadores/professores mais produtivos?

4.2.1.2 Metodologia: foi quantificada a produção dos programas, linhas e pesquisadores (no período de 2000 a 2006) conforme os últimos critérios de avaliação da Capes¹¹, considerando as seguintes categorias com as respectivas pontuações:

- artigos completos (1,0 ponto);

¹⁰ Disponível em www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/editais/PNPG_2005_2010.pdf

¹¹ <http://www.capes.gov.br/>, acessado em 20 de junho de 2007. Em anexo os critérios dos últimos triênios.

- livro científico completo (2,0 pontos);
- livro didático (1,0 ponto);
- capítulo de livro científico (1,0 ponto);
- livros publicados, publicações/edições (1,0 ponto).

No entanto, buscando entender melhor a questão da comunicação científica em congressos, foram incluídas duas categorias não contempladas pela agência Capes, com os respectivos valores:

- textos completos em anais (1,0 ponto);
- resumos em congressos (0,25 ponto).

Com isso foi possível promover o cotejamento dos dados de produtividade com variáveis COM congressos e SEM congressos nas categorias de população de pesquisa, isto é, universidades com programas de pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação, sistematizando as seguintes atividades:

- levantamento da produção científica por universidade;
- levantamento da produção por pesquisador/docente;
- levantamento da produção por linha de pesquisa/departamento;
- obtenção das médias aritméticas de produção científica;
- levantamento de relações entre os valores relativos e absolutos resultantes da comparação entre as variáveis resultantes desta pesquisa com os resultados das avaliações trienais da Capes.

4.2.2 Objetivo 2

4.2.2.1 Proposição: demonstrar a relevância da frequência das publicações em congressos, ou seja, se no estado da arte de publicação a modalidade congresso é significativa ou não.

4.2.2.2 Metodologia: a partir da coleta e da análise dos dados do objetivo 1 foi totalizada a produção para identificar a frequência de publicações em congressos.

4.2.3 Objetivo 3

4.2.3.1 Proposição: analisar a pertinência de modificações nos programas de pós-graduação, quanto aos critérios de avaliação de produção científica da Capes, a partir da reconsideração de pontuação

das categorias, resumos e publicações em anais de congressos, as quais, supostamente, estão previstas pela instituição, conforme pode ser observado na Portaria nº 88:

§ 3º Para o debate e a divulgação do sistema de avaliação da pós-graduação nacional e de temas relativos a essa linha de ação, a Capes poderá fazer-se representar em congressos, seminários ou eventos similares, bem como promover esse tipo de iniciativa contemplando, preferencialmente, múltiplas instituições ou programas de pós-graduação¹².

4.2.3.2 Metodologia: foram especificadas algumas categorias que possibilitaram melhor compreensão do processo de avaliação de produtividade, na intenção de analisar ou até mesmo sugerir outros parâmetros, verificando a produtividade sob o potencial disseminador dos eventos coletivos, para realmente acurar a situação da disseminação da comunicação científica na Ciência da Informação.

4.3 Coleta de dados

A primeira fase foi localizar todos os programas de pós-graduação nas universidades brasileiras em Ciência da Informação. Esses dados foram coletados através do *site* da Ancib. Não houve problemas na prospecção de tais dados, pois a fonte pesquisada nos forneceu os elementos necessários. Foram contatadas as seguintes universidades:

- IBICT/UFF – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/ Universidade Federal Fluminense.
- Puccamp – Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- UFBA – Universidade Federal da Bahia.
- UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.
- UFPB – Universidade Federal de Pernambuco.
- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.
- UnB – Universidade de Brasília.
- Unesp – Universidade Estadual Paulista

¹² Cf. Artigo 3, inciso II, parágrafo 3º da Portaria nº 88, de 27 de setembro de 2006, que fixa normas e procedimentos para a apresentação e avaliação de propostas de cursos de mestrado e doutorado. Disponível em: www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/legislacao/Portaria_088_2006.doc.

- Unirio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- USP – Universidade de São Paulo.

Na segunda etapa, para coletar as informações pertinentes à produtividade de cada programa, foram elencados os seguintes tópicos, que foram tabulados em uma grande planilha de dados (ver adiante):

- 1ª vinculação do programa de pós-graduação;
- 2ª nome do programa;
- 3ª proposta do programa;
- 4ª quais as linhas de pesquisa;
- 5ª quais as áreas de concentração: no caso Ciência da Informação;
- 6ª início do programa de mestrado; início do doutorado;
- 7ª quantidade de docentes e suas respectivas linhas de atuação.

4.3.1 Modelo da planilha de dados final

Após a coleta dos dados específicos foi gerada uma planilha de dados (em anexo, no formato CD), conforme o exemplo adiante:

QUADRO 2 - Modelo da planilha de dados final

Programa	Área de concentração	Instituição	Linhas de Pesquisa	NOME
NOME DO PROGRAMA	NOME DA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	SIGLA DA INSTITUIÇÃO	NOME DA LINHA 1	Nome do docente 1
				Nome do docente 2
				Nome do docente 3
				Nome do docente 4
				Nome do docente 5
				Nome do docente 6
				Nome do docente 7
				Nome do docente 8
			NOME DA LINHA 2	Nome do docente 9
				Nome do docente 10
				Nome do docente 11

Fonte: Iracema Marinho.

A tabela foi a base de dados da pesquisa bem como a sistematização de alguns dados permitiu a construção de resultados finais. As linhas foram

representadas pelos programas com a identificação das respectivas áreas de concentração e universidades. Dentro desse grande cabeçalho foram inseridos, em sublinhas da tabela, as linhas de pesquisa e os respectivos docentes, procedimento que foi repetido para cada um dos programas. Para cada docente foram coletados dados na *Plataforma Lattes*, ampliando as colunas da planilha, de acordo com o quadro abaixo:

QUADRO 3 – Detalhamento dos campos da planilha

Nome do campo e subcampos	detalhamento
“Nome”	nome do docente
“Obs”	reservado para algum comentário quanto à produção daquele docente
“Atualiz”	data de atualização do Lattes consultado
“Mestrado”, subdividido nas subcolunas “título” e “ano”	dados do mestrado do docente em questão
“Doutorado”, subdividido nas subcolunas “título” e “ano”	dados do doutorado do docente em questão
“Participação no programa pg”, subdividido nas subcolunas “ingresso”, “saída” e “a considerar”	indica os anos de participação e o número de anos a ser considerado para o cálculo posterior das médias anuais da cada docente
“Artigos completos (1,0)”, subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	listagem de todos os artigos indicados pelo docente em questão, conforme anotado no Lattes, seguido do quantitativo que será considerado para o cálculo da produtividade
“Livro científico completo (1,0)” subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	idem campo anterior, para os livros científicos
“Livro didático (1,0)” subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	idem campo anterior, para os livros didáticos
“Cap livros (1,0)” subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	idem campo anterior, para os capítulos de livros científicos
“Livros publicados/publicações/edições (1,0)” subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	idem campo anterior, para organização, edições e reedições de livros científicos
“Resumos em congressos (0,25)”, subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	- idem campo anterior, para a publicação de resumos em congressos científicos;
“Publicações completas em anais (1,0)”, subdividido nas subcolunas “referência” e “quant”	idem campo anterior, para a publicação de trabalhos completos em anais de congressos científicos

Fonte: Iracema Marinho.

Adiante, pode-se ver uma pequena parte da tabela, a guisa de exemplo:

QUADRO 4 – Amostra do detalhamento da planilha

Programa	Área de concentração	INSTITUIÇÃO	Linhas de Pesquisa	NOME	OBS	ATUALIZ	MESTRADO		DOUTORADO		PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA PG			ARTIGOS COMPLETOS (1.0)	
							TÍTULO	ANO	TÍTULO	ANO	INGRESSO	SÁIDA	A CONSIDERAR	REFERENCIA	QUANT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	CULTURA E INFORMAÇÃO	USP	ACESSO A INFORMAÇÃO	ANNA MARIA MARQUES CINTRA	NÃO CON	14/2007	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA	Análise morfo-sintática do	1969-1973	1993	ATUAL	7	CINTRA, A. M. M.; NICOLETTI, Kátia Cre	1
				ASA FIJUNO	NÃO	28/3/2007	Services de Informacao	1989 - 1993	Services de Informacao	1995 - 2000	2003	ATUAL	3	FIJUNO, A. Gestión de la informaci	1
				BRASILINA PASSARELLI	NÃO	31/1/2007	Educação Eletrônica de	1984 - 1987	Hipermídia na Aprendizaz	1990 - 1993	2000	ATUAL	7	PASSARELLI, B. "Construindo Comu	4
				DAISY PIRES NORONHA	NÃO	13/4/2007	Utilização de periódicos p	1983 - 1988	Pós-graduação em saúd	1992 - 1996	1996	ATUAL	7	OLIVEIRA, Erica Beatriz Pinto Moreschi de	7
				DIRAH A. DE M. AGUIAR POBLACIÓN	NÃO	21/3/2007	COMUNICACAO, INFOR	1972 - 1979	ANALISE QUANTITATIV	1981 - 1986	1971	ATUAL	7	1. POBLACIÓN, Dirah Aguiar - Visibiliza	9
				JOHANNA WILHELMINA SMIT	NÃO	5/3/2007	lenguajes documentares e	1971 - 1973	De l'analyse documentar	1973 - 1977	1982	ATUAL	7	SMIT, J. W.; TALAMO, Maria de Fátima G	8
				JOSÉ FERNANDO MODESTO DA SILVA	NÃO	30/3/2007	Microinformática em bibli	1985 - 1989	Internet, biblioteca e con	1999 - 2001	2004	ATUAL	3	1. SILVA, José Fernando Modesto da N	2
				MARIA DE FATIMA G.M. TALAMO	ATUOU N	15/2/2007	Comunicação e funcion	1977 - 1982	A Palavra Oculta: as relac	1984 - 1989	1989	2003	4	1. KOBASHI, Naik Y.; TALAMO, M. F. G. M.	4
				MARILDA LOPES GINEZ DE LARA	NÃO	11/4/2007	representação documental	1989 - 1993	Representação e linguag	1993 - 1999	1989	ATUAL	7	LARA, M. L. G.; ORTEGA, C. D. - Le dco	9
				NAIR YUMIKO DOBASHI	NÃO	14/2/2007	Política científica e tecn	1984 - 1988	A elaboração de inform	1989 - 1994	2001	ATUAL	6	1. LIMA, V. M. A.; KOBASHI, N. Y.; DO CO	8
				REGINA KEIKO OBATA FERREIRA ALMEIDA	NÃO	5/2/2007	Contribuição da Análise	1986 - 1991	Biblioteca Interativa: con	1993 - 1998	2001	ATUAL	6	AMARO, Regina Keiko Obata F. - No fim,	1
				SUELI MARA SOARES P. FERREIRA	NÃO	30/11/2006	Serviço Referencial: caral	1985 - 1989	Redes Eletrônicas e Net	1990 - 1995	2001	ATUAL	6	FERREIRA, S. M. S. P.; PITHAN, Denise	5
				WALDOMIRO C.S. VERGUEIRO	NÃO	7/9/2007	Histórias em Quadrinhos	1980 - 1986	Bibliotecas públicas e T	1986 - 1990	1991	ATUAL	7	1. VALLS, V. M.; VERGUEIRO, W. C. S.	25
				EDMIR PEROTTI	NÃO	17/11/2006	A CRISE DO DISCURSO	1978 - 1984	O LEITOR NA CULTURA	1985 - 1989	1982	ATUAL	7	FERRIOTTI, E. - Lecture et Inégalités au Br	6
MARIA CHRISTINA BARBOSA DE ALMEIDA	NÃO CON	22/2/2007	NÃO CONSTA	NÃO CONSTA	Por uma reestruturação do	1991 - 1998	2003	ATUAL	4	ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de A.	6				
MARTIN GROSSMANN	NÃO	5/3/2007	Interação entre Arte Con	1989 - 1989	Museum Imagin, model	1988 - 1993	1995	ATUAL	7	1. GROSSMANN, M. O Museu de Arte I	7				
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL	ESTUDOS INTERDISCIPLINARES EM MEMÓRIA SOCIAL	UNIRIO	Memória e Espaço	CLÉLIA THESEN	NÃO	29/3/2007	Memória Institucional do	1989 - 1992	Memória Institucional: a c	1994 - 1997	1997	ATUAL	7	THESEN, Clélia - Informação, Memória	7
				MARCO AURÉLIO SANTANA	NÃO	19/12/2006	e Militância Sindical: a an	1989 - 1995	Esquerda e Sindicalo no	1994 - 1998	1999	ATUAL	7	SANTANA, M. A. - Aprecação e a re	13
				DIANA DE SOUZA PINTO	NÃO	11/4/2007	A Percepção da Loucura	1992 - 1995	A Construção da Refere	1996 - 2000	2004	ATUAL	3	1. PINTO, D. S.; RIBEIRO, L. B. M. T.; D	1
				EVELYN ORRICO	NÃO	12/4/2007	Organização Lingüística	1992 - 1995	Símbolo Lingüística-Cl	1997 - 2001	1994	ATUAL	7	1. ORRICO, E. O. D.; OLIVEIRA, Carme	8
				LUCIA M. FERREIRA	NÃO	6/3/2007	Texto e Discurso: Consid	1994 - 1997	A estabilidade semiótica	1993 - 2000	1998	ATUAL	7	1. ORRICO, Evelyn O. D.; FERREIRA, Lu	4
				JOSÉ RIBAMAR BESSA FREIRE	NÃO CON	5/3/2007	NÃO CONSTA	0	Da Língua Geral ao Portu	1999 - 2003	1987	ATUAL	7	1. FREIRE, J. R. B.; IRENAN, Arlyton. Chr	11
				LEILA BEATRIZ RIBEIRO	NÃO	10/4/2007	A Incorporação do Conce	1985 - 1988	Universidade Federal do	2001 - 2005	1995	ATUAL	7	1. COSTA, L. T. M.; RIBEIRO, L. B. - Dou	6
				MÁRIO DE SOUZA CHAGAS	NÃO	5/4/2007	Há uma gota de sangue	1992 - 1997	IMAGINAÇÃO MUSEAL	1998 - 2003	1988	ATUAL	7	CHAGAS, M. S. Museu, museologia e p	8
				REGINA MARIA DO REGO MONTEIRO VERA DODEBEI	UFRRJ	27/1/2007	Sangue, Nobreza e Polític	1980 - 1982	O historiador dos labrad	1992 - 1996	1989	ATUAL	7	1. ABREU, R. M. R. M. - Museu etnoic	7
				JOANA D'ARC FERNANDES FERREIRA Jussé de Oliveira Gondar	NÃO CON	22/9/2006	O Fundo do Tártaro - o fe	1975 - 1978	O sentido e o significado	1992 - 1997	2003	ATUAL	4	1. DODEBEI, V. L. D. L. M. - Patrimônio, inf	1
MIGUEL ANGEL	NÃO	28/3/2007	A questão do corpo no p	1987 - 1991	Sistemas Semicondutores	1992 - 1992	1995	ATUAL	7	1. GONDAR, J. O. - Winicki, Bergson, Lac	0,11				
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	INFORMAÇÃO, TECNOLOGIA E CONHECIMENTO	UNESP	Informação e Tecnologia	BÁRBARA FADEL	NÃO	29/11/2006	Claudio Manuel da Costa	1980 - 1986	Clero e Sociedade: Minas	1987 - 1994	1998	ATUAL	7	FADEL, B.; MORAES, Cassia Regina Bar	1
				EDUARDO ISMAEL MURGUIA	NÃO	13/3/2007	A contradição da bibliotec	1989 - 1990	Da tela à tela: os anseio	1992 - 1997	2002	ATUAL	5	1. MURGUIA, Eduardo Ismael. O arranjo a	9
				MARCOS LUIZ MUCHERONI	NÃO	4/4/2007	Processamento Digital d	1986 - 1988	Predição de Tempos em	1992 - 1996	2005	ATUAL	2	NÃO CONSTA	0
				MARIA HELENA TOLEDO COSTA DE MIRIM	NÃO	19/4/2007	A Presença de Elemento	1985 - 1987	Leitura do Adolescente:	1988 - 1994	1991	ATUAL	7	NÃO CONSTA	0
				MIRIM CELI P. PORTO FORESTI	NÃO	8/3/2007	Diagnóstico do Curso de	1978 - 1982	Formação Pedagógica C	1992 - 1996	2003	ATUAL	4	1. ZORNOFF, D. C. M.; MARQUES, E. R.	4
				Oswaldo Francisco de Almeida Júnior	NÃO	21/2/2007	Bibliotecas Populares: c	1987 - 1992	Avaliação de serviços de	1995 - 1999	2006	ATUAL	1	NÃO CONSTA	0
				PLÁCIDIA L.V.A.COSTA SANTOS	NÃO	4/4/2007	Biblioteca e a interação	1981 - 1983	O Discurso da Biblioteca	1989 - 1994	1998	ATUAL	7	1. SANTOS, P. L. V. A. C.; MACHADO, J	7
				SILVANA APARECIDA B. GREGÓRIO	NÃO	21/4/2007	Problema de corte guilh	1987 - 1993	O Ambiente Hipermídia n	1996 - 2001	2005	ATUAL	2	1. CAMARGO, Líriane Soares de Araújo	3
				Edberto Femeida	NÃO	7/6/2007	Construção Automática	1993 - 1997	Recuperação de Informa	2000 - 2003	2006	ATUAL	1	1. FERNEIDA, E. REDES NEURAS E SUA	1
				Helena de Castro Silva	NÃO	28/3/2007	Ludoteca: espaço lúdico	1993 - 1996	A biblioteca de fazenda P	1998 - 2002	2006	ATUAL	1	NÃO CONSTA	0
				JOÃO BATISTA ERNESTO DE T. MOREIRA	NÃO	13/4/2007	Aspectos da dramaturgia	1986 - 1990	Um narrador irrepleto e	1995 - 1999	1992	ATUAL	7	1. CERVANTES, B. M. N.; FUJITA, M. S. L	2
				JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUMARÃES	NÃO	14/3/2007	Recuperação semântica	1984 - 1988	Análise documental em	1989 - 1993	1985	ATUAL	7	1. GUMARAES, J. A. C. O resumo como o	13
				MARIA ISABEL ASPERTI NARDI	NÃO	31/10/2004	As expressões metafóric	1980 - 1992	A metáfora e a prática de	1994 - 1998	2002	ATUAL	5	1. NARDI, M. I. A.; FUJITA, Mariângela Sp	1
				MARIANGELA SPOTTI LOPES FUJITA	NÃO	26/3/2007	PREÇOS na Língua Portu	1981 - 1986	Linguagem Documentar	1988 - 1992	2003	ATUAL	4	1. BOCCATO, Vera Regina Cesar; FUJIT	15
Sidney Barbosa	NÃO	9/5/2007	Vestiges d'un discours ord	1977 - 1978	Constellation et écologie	1982 - 1989	2005	ATUAL	2	NÃO CONSTA	0				
CIÊNCIA E			Arquitetura da Inform	MARCELO LIMA-MARQUES	NÃO	23/3/2007	Raisonnement dans des	1989 - 1992	De la connaissance à la p	1989 - 1992	2002	ATUAL	5	NÃO CONSTA	0
				MARISA BRASCHER	NÃO	26/3/2007	Terminologia Brasileira d	1981 - 1985	Tratamento automático de	1996 - 1999	2002	ATUAL	5	1. PINHEIRO, L. V. R. M.; BRASCHER, M	2

Fonte: Iracema Marinho.

4.3.1.1. Trabalhando na tabela as categorias institucionais

➤ 1ª Categoria – vinculação do programa de pós-graduação:

Na construção da tabela institucional foram preenchidos os campos determinando uma célula para cada uma das categorias a serem analisadas. Foram utilizadas as principais informações da Ancib, porém alguns problemas surgiram quanto às questões decorrentes da falta de uniformidade dos demonstrativos dos programas. Isso nos fez checar os dados junto aos sites de cada programa, chegando ao resultado seguinte:

QUADRO 5 – Vinculação dos programas de pós-graduação

<ul style="list-style-type: none">• IBICT/UFF - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação;• PUCCAMP - Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação;• UFBA - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação;• UFMG - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação;• UFPB - Programa de Pós-graduação e Ciência da Informação;	<ul style="list-style-type: none">• UFRGS - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação;• UFSC - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação;• UNB - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação;• UNESP - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação;• UNIRIO – Programa de Pós-graduação em Memória Social;• USP - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação.
---	---

Adaptação de Iracema Marinho, a partir do *site* da Ancib.

Nessa primeira categoria foi verificado por meio do *site* da Capes, que os programas obtiveram diferentes denominações quanto ao campo de abrangência do conhecimento, sendo que nos últimos seis anos a Ciência da Informação faz parte das Ciências Sociais Aplicadas I, da Capes.

Não há padronização na apresentação dos critérios de avaliação no *site* da Capes, no entanto, ao fazer a leitura do texto foi possível observar que não há uma explicitação ou qualquer elucidação quanto à vinculação do programa. O texto explicativo de avaliação dos critérios apresentados pela Capes é o mesmo desde 1998, o que faz pensar em uma norma específica para cada área do conhecimento e que os programas de pós-graduação têm autonomia para definir seus próprios nomes, o que pode ser exemplificado com o programa de pós-graduação em Ciência da Informação da USP:

... é um programa novo que está ancorado no legado acadêmico construído pelos docentes envolvidos na área de concentração em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. A situação da pós-graduação nessa área de concentração apresentou dois momentos distintos: num primeiro momento, iniciado em 1972, restringia-se ao mestrado; a partir de 1980 passou a oferecer o doutorado, tendo sido o primeiro e único doutorado brasileiro por 12 anos. Em 2006, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação ganha sua autonomia em relação ao de Ciências da Comunicação, em atendimento à recomendação da Capes em suas avaliações anuais.¹³

➤ 2ª Categoria – Área de concentração:

Algumas discordâncias foram encontradas e utilizados dados da Ancib para a definição dessa categoria. Os assuntos tratados nos programas

¹³ <http://poseca.incubadora.fapesp.br/porta/informacao/org-ci/apresentacao-hist/> disponível e acessado no dia 20/4/2007.

justificam o cumprimento dos objetivos propostos e específicos do conceito de Ciência da Informação. No caso, todos os assuntos são pertinentes à Ciência da Informação: gestão, comunicação, acesso e outros, conforme conceituação da Ciência da Informação, pelos vários autores (estudiosos, pesquisadores, professores), as áreas de concentração são pertinentes à conceituação da área. Cada programa definiu uma área de concentração particularizada com os seus interesses, chegando às seguintes áreas:

QUADRO 6: Área de concentração

IBICT/UFF - Conhecimento da informação e informação para o conhecimento
PUCCAMP - Administração da Informação
UFBA - Informação e Conhecimento na Sociedade contemporânea
UFMG – Produção, Organização e Utilização da Informação
UFPB – Informação, Conhecimento e Sociedade
UFRGS – Comunicação e Informação
UFSC – Gestão da Informação
UnB – Transferência da Informação
UNESP – Informação, Tecnologia e Conhecimento
UNIRIO – Estudo Interdisciplinares em Memória Social;
USP – Cultura e Organização.

Adaptação de Iracema Marinho, a partir do *site* da Capes.

➤ 3ª categoria – Instituição:

Esta categoria foi preenchida em função dos dados já indicados. Não foram encontradas dificuldades para o preenchimento desse campo.

➤ 4ª categoria – Linha de pesquisa:

Foi preciso recorrer à Ancib para a definição dessa categoria porque alguns programas especificavam a quantia de uma a três linhas de pesquisa por programa e por pesquisador. Muitas vezes, a correta denominação das linhas foi complicada, sendo que nos *Currículos Lattes* o campo destinado à linha de pesquisa não tem necessariamente correspondência com as linhas de cada programa. Houve casos de aparecer até seis linhas de pesquisa por

docente, sendo necessário recorrer aos *sites* dos programas das universidades. O *site* da Ancib apresenta ainda algumas divergências pontuais com os programas devido ao atraso na atualização a respeito de mudanças nos quadro de docentes por ingresso, aposentadoria, exoneração etc. A informação foi checada mais uma vez, nas páginas de cada programa, sendo que nem sempre as informações são claras sobre a filiação dos docentes nas linhas de pesquisa. Em tais casos, prevaleceram as informações da Ancib. O resultado verificado foi que as universidades que têm maior número de linhas de pesquisas são: IBICT/UFF e Unirio (quatro linhas); UFMG e UnB (três linhas) e as demais (duas linhas). O quadro abaixo expõe as linhas e as respectivas universidades:

QUADRO 7: Linhas de pesquisa

<p>IBICT/UFF</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Teoria, Epistemologia, Interdisciplinaridade em Ciência da Informação; 2) Processamento e Tecnologia da Informação; 3) Configurações Sociais e Políticas da Informação; 4) Gestão da Informação. 	<p>UFMG</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Informação, Cultura e Sociedade; 2) Informação Gerencial e Tecnológica; 3) Organização e Uso da Informação. 	<p>UnB</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Gestão da Informação e do Conhecimento; 2) Arquitetura da Informação; 3) Comunicação da Informação.
<p>PUCAMP</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Gestão de Serviços da Informação; 2) Produção e Disseminação da Informação. 	<p>UFPB</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Memória, Organização, Produção e Uso da Informação; 2) Ética, Gestão e Políticas da Informação. 	<p>UNESP</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Informação e Tecnologia; 2) Organização da Informação.
<p>UFBA</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Informação e Contextos Sócio-Econômicos; 2) Teoria e Gestão do Conhecimento. 	<p>UFRGS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Informação, Tecnologias e Práticas Sociais; 2) Comunicação, Representações e Práticas Culturais. 	<p>UNIRIO</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Memória e Patrimônio; 2) Memória e Espaço; 3) Memória e Linguagem; 4) Memória, subjetividade e Criação.
	<p>UFSC</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Fluxo da Informação; 2) Profissionais da Informação. 	<p>USP</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Acesso à Informação; 2) Mediação e Ação Cultural.

Adaptação de Iracema Marinho, a partir dos *sites* dos programas.

➤ 5ª Categoria – Início do programa de mestrado; início do doutorado:

A partir da avaliação dos triênios da Capes e informações coletadas nas fontes de pesquisas, o primeiro programa de pós-graduação implantado no Brasil foi o do IBICT/UFF com o mestrado, em 1970, e o último foi o da UFSC. Quanto ao programa de pós-graduação com doutorado, os primeiros foram o do IBICT/UFF e UnB, em 1992. Não foram encontradas nos *sites* das universidades explicações sobre a não existência do doutorado ou previsão para implantação. Para melhor visualização desta categoria foi construído um quadro cujos itens em branco não foram explicitados nas fontes de pesquisas e

nos *sites* das respectivas universidades ou não foram encontradas informações suficientes, conforme se vê adiante:

QUADRO 8: Início do programa de mestrado e doutorado

Programa	Mestrado	Data do início do mestrado	Doutorado	Data do início do doutorado
IBICT/UFF	sim	1970	sim	1992
PUCCAMP	sim	1977	não	
UFBA	sim	1998	não	
UFMG	sim	1976	sim	1997
UFPB	sim		não	
UFRGS	sim	1995	sim	2000
UFSC	sim	2003	não	
UnB	sim	1978	sim	1992
UNESP	sim	1998	sim	2005
UNIRIO	sim	1988	sim	2005
USP	sim	1972	sim	1980

Adaptação: Iracema Marinho.

Tais informações não fizeram parte da planilha final, no entanto, esses dados foram guardados caso houvesse incompatibilidade nas datas de atuação dos docentes nas instituições com as informações analisadas nos currículos dos docentes na *Plataforma Lattes*.

4.3.1.2 Trabalhando na tabela a identificação do docente.

➤ 6ª Categoria – Nome dos docentes e respectivas linhas de atuação:

Na Ancib alguns dados sobre os docentes não estão atualizados, o que gerou a busca das informações dos programas nas próprias universidades. Porém, em alguns *sites* de universidades não são explicitadas as linhas de pesquisa que compõem o programa, por isso as informações do *site* da Ancib foram tidas como oficiais. Outra questão muito constante é o uso diferenciado de termos para uma mesma linha de pesquisa. Para obter respostas mais precisas tais como ano, tempo e instituição de atuação da pesquisa, foi preciso recorrer ao campo "atuação profissional," no *Lattes*, para serem identificadas

as linhas pertinentes ao escopo da pesquisa proposta e a delimitação cronológica, que tratou somente a data-limite estipulada (2000 a 2006).

No campo referente ao nome do docente, também, muitas vezes foi difícil localizar o pesquisador/professor na *Plataforma Lattes*, conforme a listagem colocada no Ancib, em que a determinação do “corpo docente” é apresentada com nomes reduzidos, alcunhas, nomes incompletos ou abreviados e isso despendeu maior tempo nas buscas na *Plataforma Lattes*. Portanto, foi necessário criar uma tabela específica para as linhas de pesquisas.

Dados específicos por pesquisador/professor foram agregados com algumas categorias pertinentes à produção individual dos docentes, seguindo os campos do modelo da *Plataforma Lattes* e as suas formas de produções bibliográficas, exceto textos em jornais de notícias/revistas e produções técnicas. É pertinente esclarecer que foram utilizados os critérios de pontuação (mesma valoração) atribuída pela Capes para cada uma das formas de produção, assim, foram criadas mais dez categorias dando continuidade à numeração da primeira tabela e sistematizada a tabela em número seqüencial, a partir da 7ª categoria.

➤ 7ª categoria – Observação:

Esta categoria foi criada por causa de problemas verificados no campo pesquisador, que carecia de algumas informações relevantes para a constatação, ao final do estudo (no caso de o docente atuar em duas universidades, no caso de aposentadoria, saída do programa ou outras questões), que só foram observadas com o exaustivo trabalho de análise curricular dos dados da *Plataforma Lattes*. A docente/pesquisadora Maria de Fátima G. M. Tálamo é um exemplo. Ela atuou na USP no período de 1989 a 2003 e a sua aposentadoria foi publicada em 20.09.2003, mas a partir de 2004 ela passou a atuar na pós-graduação da Puccamp.

➤ 8ª categoria – Data de atualização do *Currículo Lattes* pelo docente:

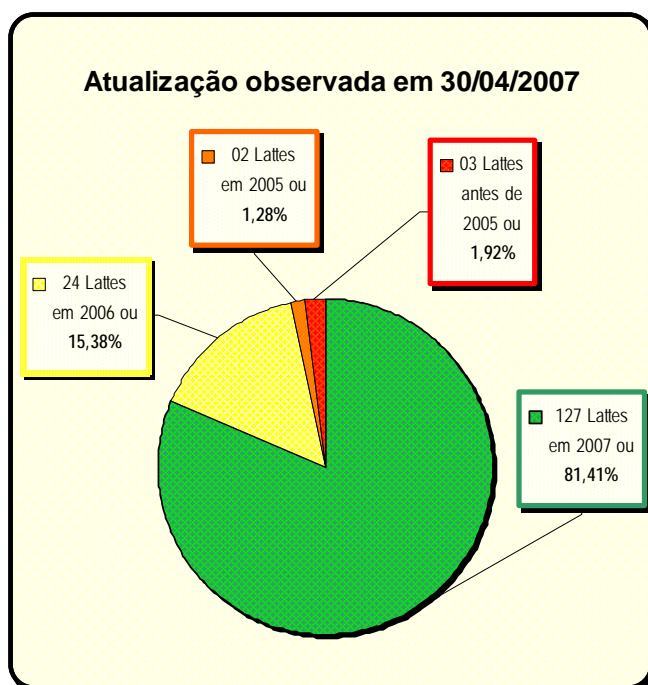
A atualização dos currículos, além de indicar a produção do interessado, no caso de docentes de programas de pós-graduação, atende à necessidade

de avaliação constante da Capes, feita pelo aplicativo *Coleta Capes*. Segundo a própria agência:

O aplicativo Coleta de Dados Capes é um sistema informatizado desenvolvido com o objetivo de coletar informações dos programas de pós-graduação de mestrado, doutorado e mestrado profissional de todo o país. O prazo final para o envio dos dados de 2005 e 2006 foi prorrogado para às 8h do dia 9 de abril de 2007 ¹⁴.

Como a ação é anual, a dedução é que todos os currículos estavam atualizados, mas no dia 30/03/2007 alguns pesquisadores ainda não tinham atualizado o currículo desde 2005. Este fator influenciou no preenchimento da planilha e no resultado da pesquisa, o que provocou mais uma pesquisa no *site* dos programas sobre a continuidade ou não do docente. Fez-se a última verificação em 30/04/2007, na *Plataforma Lattes*, e dos 156 currículos do universo de pesquisadores/docentes, só 127 estavam atualizados. Não ficou claro se tal cenário ocorreu por falta de informações a serem acrescentadas ou por não haver produção científica nos últimos dois anos; nesta segunda hipótese foram encontrados cinco casos. O gráfico adiante indica os números absolutos e os percentuais de atualização encontrados.

GRÁFICO 1: Percentuais de atualização do Currículo Lattes



Fonte: Iracema Marinho.

¹⁴ Informação disponível no site <http://www.capes.gov.br/avaliacao/coleta/>. Acessado em 12/04/2007.

➤ 9ª categoria – Título do mestrado do docente:

Alguns docentes não têm os dados de mestrado indicado na *Plataforma Lattes* muito menos nos *sites* das universidades. Para essas situações foi usada a expressão “não consta”, por perceber que esta categoria não influiria nos resultados finais das pesquisas, pois existem pesquisadores que estão no doutorado e não fizeram mestrado. Pela Lei de Diretrizes e Bases¹⁵ um pesquisador/professor pode perfeitamente fazer diretamente o doutorado se o regimento do seu programa de pós-graduação permitir. Fez-se uma investigação quanto à existência de legislação e foi constatado que não existe nenhuma legislação/normativa que determina a respectiva situação. A informação desse campo permite analisar qualitativamente o retrospecto de formação dos docentes que, muitas vezes, não tem dissertações diretamente ligadas à Ciência da Informação.

➤ 10ª Categoria – Título do Doutorado do docente:

Todos os docentes apresentaram doutorado, alguns, pós-doutorados ou mais de um doutoramento. Foi preenchido o campo com o doutorado pertinente à área correspondente ao programa de pós-graduação em Ciência da Informação ou o título que tivesse alguma correlação com a área.

4.3.1.3 Trabalhando na tabela a produtividade docente

➤ 11ª Categoria – Participação no programa de pós-graduação, subdividida em três subcampos: início, atual e anos a contar:

Foram analisadas as três fontes para que não fossem obtidos resultados sem pertinência cronológica como, por exemplo, o pesquisador/professor que concluiu seu doutorado em 2005 e que pela *Plataforma Lattes* já atuava no programa de pós-graduação desde 2001. Esta afirmativa poderia ser devida a algum equívoco no preenchimento do campo, caso não fosse, recorrer-se-ia à 7ª categoria “observação”. O mesmo ocorreu ao ser tratado o subcampo “anos a considerar”. Neste tópico, os dados seriam precisos para que não houvesse prejuízos na produtividade de nenhum dos pesquisadores docentes. No caso

¹⁵ A educação superior abrange, entre outros, os cursos de pós-graduação, compreendendo programas de mestrado e doutorado, cursos de especialização, aperfeiçoamento e outros, para candidatos diplomados em cursos de graduação e que atendam às exigências das instituições de ensino. Art. 44, III, Lei nº 9.394/1996.

de mudança de universidade, foi considerada a atuação do pesquisador em duas ou mais, sendo que foram computadas a entrada e saída em cada uma das instituições, o que não acarretou prejuízo à produtividade do programa. A fórmula usada para o cálculo está indicada na seção referente à análise dos dados.

- 12ª categoria – Artigos completos publicados (1,0), subdivididos em dois subcampos, referência e quantidade:

Para esta categoria foi utilizado o campo do *Currículo Lattes* intitulado “produção bibliográfica”, com os mesmos valores conforme os últimos critérios de avaliação quanto à valoração dos conteúdos de produção da Capes. A quantidade dos artigos foi necessária para efeito de média anual dessa categoria. A fórmula usada para o cálculo está indicada na seção referente à análise dos dados.

- 13ª categoria – Livro científico completo (2,0), subdividida em dois subcampos, referência e quantidade:

Houve dificuldade na identificação do preenchimento deste campo, pois pelos critérios de avaliação da Capes não ficou claro as características desta publicação, muito menos as diferenciações entre as demais publicações. No entanto, no *Lattes* existe o campo denominado livros/publicações/edições/organizações. Assim, foi determinado subjetivamente o que seria livro científico dentro deste campo, para cada um dos pesquisadores/professores, e a respectiva quantidade atribuída para efeito de médias anuais. A fórmula usada para o cálculo está indicada na seção referente à análise dos dados.

- 14ª Categoria – Livro didático (1,0), subdividida em dois subcampos, referência e quantidade:

Esta foi outra categoria de difícil padronização pelo *Lattes*. Houve tentativa de determinação deste campo, como no caso das “publicações técnicas”, porém não foram encontrados critérios determinantes. Um manual técnico específico de uma área do conhecimento não seria para esta mesma área também um livro didático? Foi identificado somente um caso através de pesquisa à *Plataforma Lattes*: SANTANA, M. A. *Homens Partidos: comunistas*

e sindicatos no Brasil. São Paulo/Rio de Janeiro: Bom tempo/MMSD-Unirio, 2001. Deste modo, esta categoria não apresenta muitas referências para o cálculo. À obra citada foi atribuída, para efeito de cálculo, a quantidade =1. A fórmula usada para o cálculo está indicada na seção referente à análise dos dados.

- 15ª categoria – Capítulo de livros (1,0), subdividida em dois subcampos, referência e quantidade:

Por não haver critérios que especificasse sobre dois ou mais autores para a elaboração de um capítulo, foram pontuados todos os autores com o mesmo valor, indicando a correspondente quantidade de ocorrências para o cálculo posterior. A fórmula usada para o cálculo está indicada na seção referente à análise dos dados. Não houve problema no preenchimento.

4.3.1.4 Trabalhando na tabela as categorias centrais da pesquisa

A Capes, nos critérios de avaliação dos programas de pós-graduação, não pontua resumos e artigos publicados em anais de congressos. Eles foram incluídos na pesquisa para verificar se induzem a alterações significativas na produtividade e, assim, ampliar os estudos sobre produtividade acadêmica no âmbito dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

A prospecção de tais dados, do mesmo modo que nas categorias anteriores, foi feita através das informações do *Lattes* de cada docente. Cabe ressaltar que no caso de publicações em periódicos existe uma tabela paralela de valoração do veículo (o *Qualis*). Os eventos e congressos não contam com nenhum elemento similar, não obstante, todas as ocorrências indicadas, independentemente de qualquer valorização, foram consideradas do mesmo modo em relação às publicações. Nesse sentido, o critério atribuído para todas as variáveis permanece constante. Ressalte-se ainda que, diferentemente do *Coleta Capes*, só foram trabalhadas as informações do *Lattes* visíveis para a exibição na internet. Quando é feita a atualização de um currículo via *Plataforma Lattes* na inserção de dados referentes a um evento é exigida uma série de informações que permitiriam alguma valoração das ocorrências como, por exemplo, a abrangência do evento (local, regional, nacional, internacional), que não são visíveis no acesso de consulta no *site* de cada currículo.

- 16ª Categoria – Resumos em Congressos (0,25), subdividida em dois subcampos, referência e quantidade:

Como não há pontuação pelos critérios da Capes, foi dado um valor mínimo para que fossem trabalhadas as variáveis no cálculo da média anual dos programas. Foi considerada que uma apresentação em evento científico poderia equivaler a $\frac{1}{4}$ do artigo. O preenchimento deste campo foi adequado à somatória de dois tópicos que são contemplados no *Lattes*: resumos expandidos publicados em anais de congressos e resumos publicados em anais de congressos. A fórmula usada para o cálculo está indicada na seção referente à análise dos dados. Não houve problema no preenchimento.

- 17ª Categoria – Publicações Completas em Anais de Congressos (1,0), subdividida em dois subcampos, referência e quantidade:

Esta foi uma das categorias mais tranquilas quanto ao preenchimento. A Capes também não pontua esta forma de publicação. Nesta pesquisa, para efeito de cálculo, foi dado um valor equivalente à publicação de um artigo ou de um capítulo de livro. Existe um potencial deste tipo de disseminação de resultados de pesquisas como forma ampla e democrática de comunicação científica, envolvendo diversos atores: pesquisadores de várias áreas do conhecimento, docentes, discentes, profissionais e técnicos.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Sistemática e parâmetros da análise quantitativa dos dados

Por intermédio da unificação de todas as categorias em uma tabela final foi calculada a média anual de produtividade por três vertentes: produção por programas de pós-graduação; produção por linha de pesquisa; produção por docente. Por meio de cruzamentos das variáveis foram construídas planilhas e gráficos para melhor observação e análise dos dados, trabalhando com *rankings*, por média anual, cotejando as totalizações “com” e “sem” congressos, isto é, com e sem os dados das últimas categorias indicadas anteriormente (resumos e textos completos publicados em anais de congresso). Com tal procedimento foi analisada se a incorporação dos congressos como fator efetivo de quantificação altera o quadro geral dos programas nacionais em Ciência da Informação. Tais eventos coletivos, marcados pela ampla disseminação de comunicação científica, têm, ao longo dos anos, contribuído significativamente para o avanço da área, suscitando aos pesquisadores questionamentos que resultarão em nova produção científica.

A totalização foi feita através de ordenação linear, de acordo com a pontuação estabelecida previamente (por exemplo: artigo = 1,0 livro = 2,0 etc.), considerada a média anual de cada participante dos programas. Assim, foram computados os pontos obtidos de cada docente e divididos pelo número de anos que participou do programa (categoria 11), resultando em uma média anual. Ao considerar a produtividade docente em função da média dos anos de atuação no programa eliminou-se as distorções que poderiam haver entre docentes mais antigos e mais novos. Isso foi feito duas vezes com cada pesquisador: uma COM e outra SEM a parte dos congressos. Neste trabalho é apresentado um quadro com os 15 maiores números e os respectivos gráficos que dão aos dados uma formatação mais inteligível. Esse processo resultou nos indicativos da produção docente representados por médias anuais. Para o cálculo da produtividade docente foram utilizadas as seguintes fórmulas:

$$\text{Produtividade Docente SEM congressos (PDs):}$$
$$\text{PDs} = \frac{(\text{Lo} \times 1) + (\text{CL} \times 1) + (\text{LD} \times 1) + (\text{LC} \times 2) + (\text{AC} \times 1)}{\text{TP}}$$

Produtividade Docente COM congressos (PDc):

$$PDc = \frac{(PCA \times 1) + (RC \times 0,25) + (Lo \times 1) + (CL \times 1) + (LD \times 1) + (LC \times 2) + (AC \times 1)}{TP}$$

onde : Lo = quantidade de outros livros (publicações/edições;reedições);
CL= quantidade de capítulos de livros científicos;
LD = quantidade de livros didáticos;
LC= quantidade de livros científicos completos;
AC=quantidade de artigos científicos completos;
TP=tempo de participação no programa, expresso em anos;
CA = quantidade de publicações completas em anais de congresso;
RC = quantidade de resumos de congressos publicados.

Para a produção das linhas foram, igualmente, somados os valores das produções individuais de cada docente, em cada linha, e dividido pelo total de participantes da linha. Assim, a produtividade média anual da linha reflete a somatória da produtividade anual, de cada docente, dividida pelo número absoluto de participantes da linha. Com esse procedimento eliminaram-se discrepâncias entre as linhas com muitos docentes e as pouco numerosas. Há que se destacar que as disparidades em relação ao tempo de existência de cada linha foram evitadas no cálculo médio de cada docente. Isso também foi realizado diferenciando-se os dados COM congressos dos dados SEM congressos, com todas as linhas. A frente, estão apresentadas apenas as 15 mais produtivas.

O cálculo dos indicadores das linhas deu-se do seguinte modo:

Produtividade das Linhas SEM congressos (PLs):

$$PLs = \frac{\sum PDsl}{ndl}$$

Produtividade das Linhas SEM congressos (PLc):

$$PLc = \frac{\sum PDcl}{ndl}$$

onde : $\sum PDsl$ = somatória dos PDs de todos os docentes da linha;
 $\sum PDcl$ = somatória dos PDc de todos os docentes da linha;
ndl = número de docentes da linha.

Para os programas procedeu-se do mesmo modo. Foram somados os valores de cada professor do programa e dividiu-se o resultado pelo número de participantes do programa. De modo similar ao cálculo das linhas, a produtividade média anual de cada programa reflete a somatória da produtividade anual de cada docente, dividida pelo número absoluto de participantes. Com esse procedimento eliminaram-se discrepâncias entre os programas com muitos docentes e os pouco numerosos. Há que se destacar que as disparidades em relação ao tempo de existência de cada programa foram evitadas no cálculo médio de cada docente. Novamente foram considerados dois valores: um COM e outro SEM os congressos. Desta feita, como o número de programas não chega a 15, foram gerados os quadros e os respectivos gráficos de todos os programas. O diferencial em tais gráficos é que, como os *rankings* abrangeram a totalidade, foi possível também estabelecer proporções sobre a participação de cada programa no total da produção geral.

O cálculo de produtividade dos programas foi obtido através das seguintes fórmulas:

Produtividade dos Programas SEM congressos (PPs):

$$PPs = \frac{\sum PDsp}{ndp}$$

Produtividade dos Programas COM congressos (PPc):

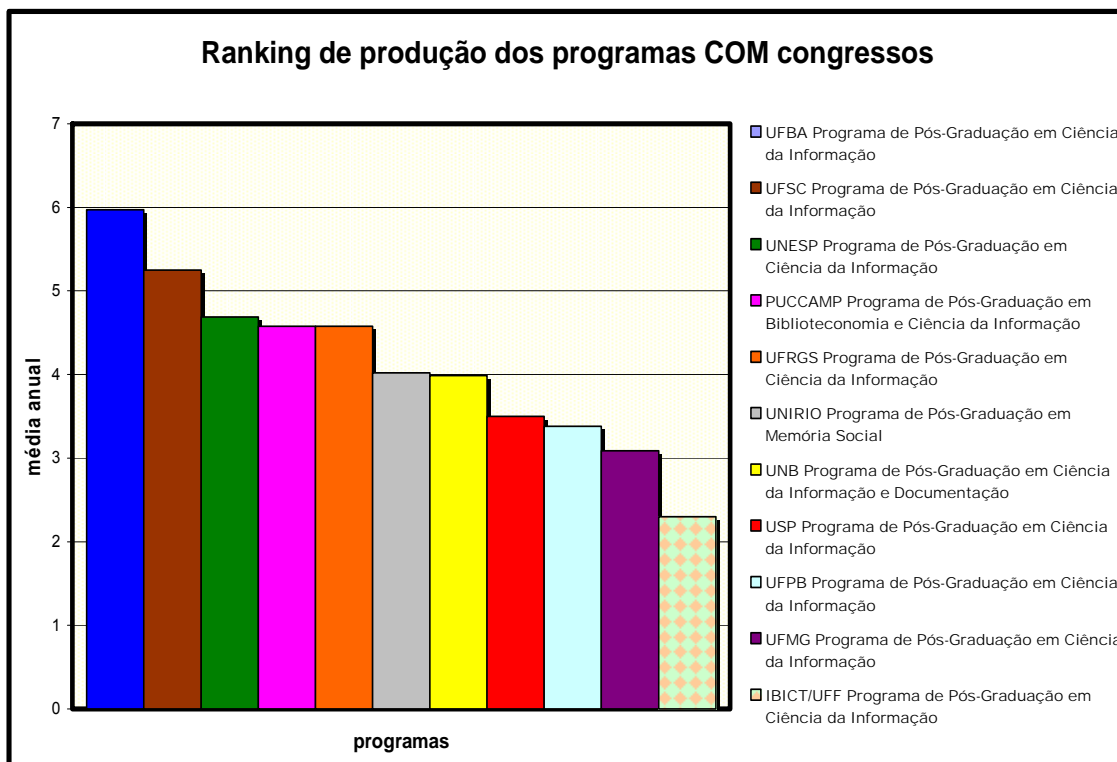
$$PPc = \frac{\sum PDcp}{ndp}$$

onde : $\sum PDsp$ = somatória dos PDs de todos os docentes do programa;
 $\sum PDcp$ = somatória dos PDc de todos os docentes do programa;
 ndp = número de docentes do programa.

5.2 Dados de produtividade dos programas

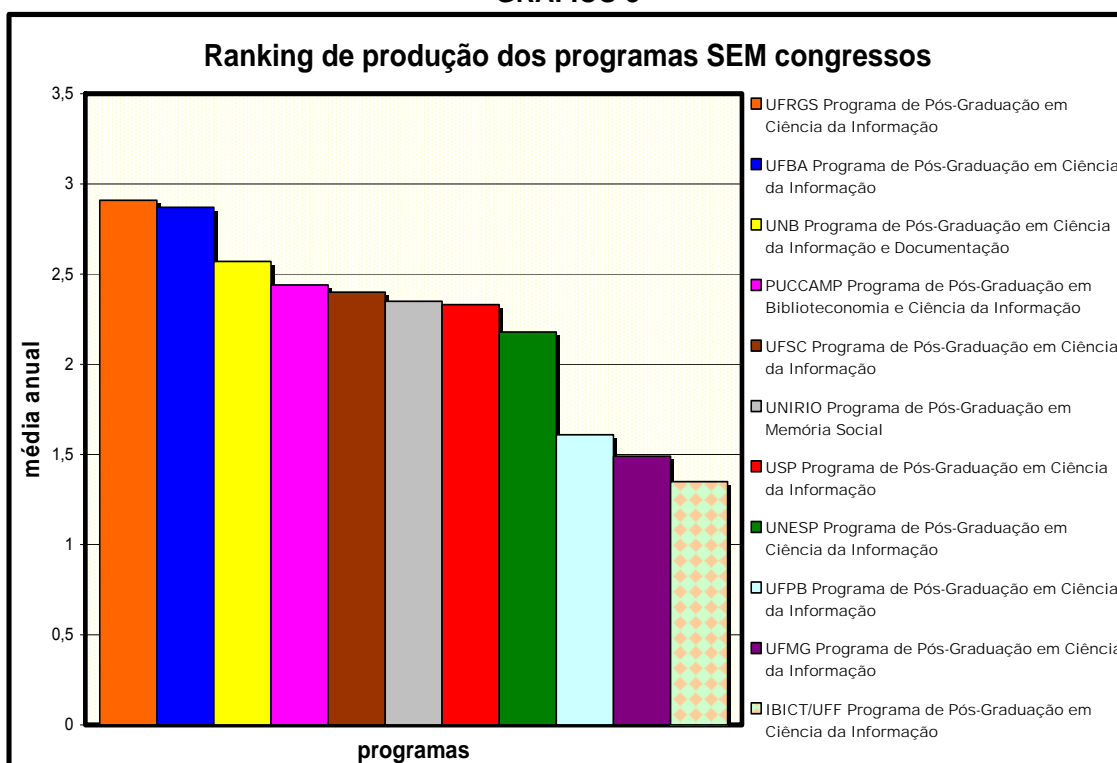
A totalização dos dados gerou as seguintes classificações de produtividade média anual, calculadas conforme a metodologia indicada anteriormente:

GRÁFICO 2



Fonte: Iracema Marinho.

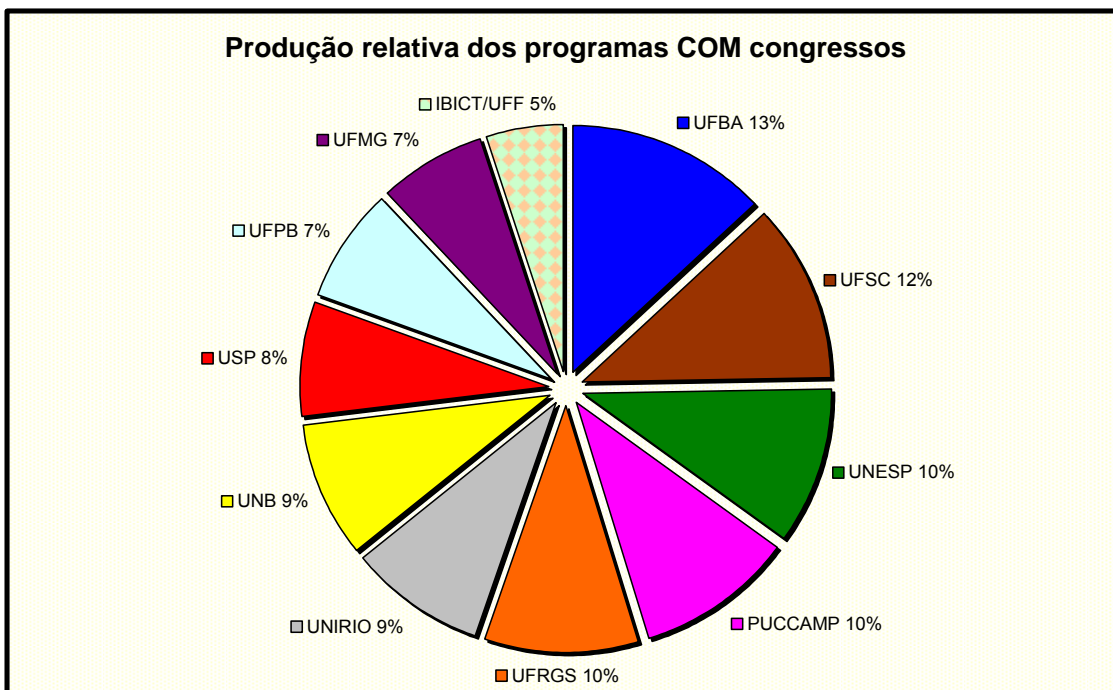
GRÁFICO 3



Fonte: Iracema Marinho.

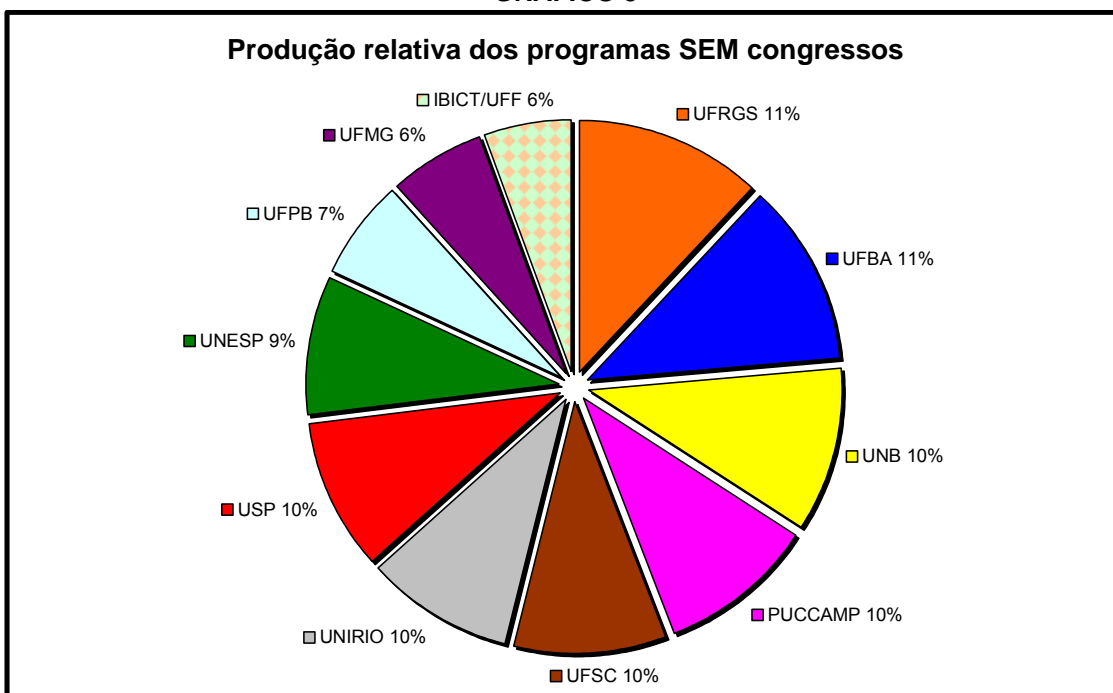
Em termos de números absolutos, foi considerada a totalidade dos programas, com a seguinte proporcionalidade:

GRÁFICO 4



Fonte: Iracema Marinho.

GRÁFICO 5



Fonte: Iracema Marinho.

Assim, foram elaborados no universo dos 11 programas de pós-graduação um *ranking* conforme os critérios de avaliação da Capes e um segundo *ranking* com as categorias relativas aos congressos para responder uma das questões propostas nesta pesquisa: “quais os programas de pós-graduação em Ciência da Informação mais produtivos?”.

O quadro abaixo demonstra tais variações:

QUADRO 9: Variações dos rankings dos programas

RANKING ORDENADO POR MÉDIA ANUAL COM CONGRESSO				RANKING ORDENADO POR MÉDIA ANUAL SEM CONGRESSO			
INSTITUIÇÃO	Programa	Média anual c/congresso	Rank	INSTITUIÇÃO	Programa	Média anual s/congresso	Rank
UFBA	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	5,97	1	UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	2,91	1
UFSC	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	5,25	2	UFBA	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	2,87	2
UNESP	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	4,69	3	UNB	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Documentação	2,57	3
PUCAMP	Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação	4,58	4	PUCAMP	Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação	2,44	4
UFRGS	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	4,58	5	UFSC	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	2,40	5
UNIRIO	Programa de Pós-Graduação em Memória Social	4,02	6	UNIRIO	Programa de Pós-Graduação em Memória Social	2,35	6
UNB	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Documentação	3,99	7	USP	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	2,33	7
USP	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	3,50	8	UNESP	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	2,18	8
UFPB	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	3,38	9	UFPB	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	1,61	9
UFMG	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	3,09	10	UFMG	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	1,49	10
IBICT/UFF	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	2,30	11	IBICT/UFF	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação	1,35	11

Fonte: Iracema Marinho.

Pode-se perceber, na comparação dos dois rankings, modificações importantes para algumas universidades. Em alguns casos (45%), há uma grande variação com subida ou descida significativa, como no caso da UFRGS; Unesp; UFSC; Unirio e UnB. Em outras situações existem equivalências (36%), como nos programas da Puccamp; da UFPB; da UFMG e do IBICT/UFF. A

UFBA e a USP representam um grupo que apresentou mudanças pouco expressivas (19%). Tais dados, a despeito de não serem tão precisos quanto os que são enviados pelos programas para o *Coleta Capes*, demonstram que a inserção de elementos quantitativos relacionados aos congressos pode alterar (dentro das variáveis que foram definidas nesta pesquisa) cerca de 64% dos *rankings* de produtividade dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Guardadas as devidas proporções entre o tipo de dado aqui trabalhado e os critérios da Capes, que contemplam uma série de outras informações, é lícito afirmar que a inclusão de elementos ligados à disseminação de comunicação científica em congressos poderia modificar de modo expressivo o atual *ranking* “oficial”.

5.3 Dados de produtividade das linhas

Todas as pós-graduações com suas respectivas linhas constantes no *site* da Ancib foram analisadas. No intuito de responder as questões propostas, ou até analisar novas possibilidades de aproveitamento das publicações para mensuração da produtividade no viés (instituição, linhas de pesquisa) foram criados os *rankings* das linhas de pesquisas através da ponderação dos dados de produtividade dos professores de cada linha. Foram selecionadas as 15 principais linhas de pesquisas e suas respectivas universidades, com as variáveis COM e SEM congressos.

Conforme preenchimento da planilha final, onde foram determinados os professores e suas linhas de pesquisa, foram criados esses quadros que suscitaram muitos questionamentos. Nas 11 universidades pesquisadas, foram classificadas as 15 diferentes linhas de pesquisa encontradas para identificar os dados que pudessem explicar se é um diferencial. Neste caso, não houve sequer uma linha que tivesse permanecido estável na comparação dos dados de produtividade com e sem congressos. Apenas três linhas (20%) apresentaram mudanças pouco expressivas: Comunicação da Informação (UnB), Memória e Espaço (Unirio) e Teoria e Gestão do Conhecimento (UFBA).

Tais informações demonstram que no caso dos programas de pós-graduação a variação do *ranking* “produtividade de congressos” não é tão expressiva, podendo ser atribuída à assincronia entre os dados coletados e os dados exigidos pela Capes. No caso das linhas de pesquisa, o quadro geral é

alterado brutalmente ao serem incluídos os congressos. O quadro adiante demonstra melhor tais variações:

QUADRO 10: Variações dos rankings das linhas

RANKING ORDENADO POR MÉDIA ANUAL COM CONGRESSO				RANKING ORDENADO POR MÉDIA ANUAL SEM CONGRESSO			
INSTITUIÇÃO	Linhas de Pesquisa	Média anual c/congresso	Rank	INSTITUIÇÃO	Linhas de Pesquisa	Média anual s/congresso	Rank
UFBA	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	6,58	1	UNB	Comunicação da Informação	4,68	1
UNB	Comunicação da Informação	6,43	2	UNIRIO	Memória e Espaço	3,57	2
UNIRIO	Memória e Espaço	6,23	3	PUCAMP	Produção e Disseminação da Informação	3,30	3
UFSC	Fluxo da Informação	5,82	4	UFRGS	Informação, Tecnologia e Práticas Sociais	3,02	4
PUCAMP	Produção e Disseminação da Informação	5,75	5	UFBA	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	2,87	5
UNESP	Organização da Informação	5,07	6	UFBA	Teoria e Gestão do Conhecimento	2,86	6
UFBA	Teoria e Gestão do Conhecimento	4,99	7	UFRGS	Comunicação, Representações e Práticas Culturais	2,81	7
UFRGS	Informação, Tecnologia e Práticas Sociais	4,92	8	UFSC	Profissionais da Informação	2,68	8
UNIRIO	Memória e Patrimônio	4,60	9	UNESP	Organização da Informação	2,55	9
UNESP	Informação e Tecnologia	4,36	10	USP	Acesso à Informação	2,46	10
UFRGS	Comunicação, Representações e Práticas Culturais	4,29	11	UNIRIO	Memória e Patrimônio	2,40	11
USP	Acesso à Informação	3,76	12	UNB	Gestão da informação	2,38	12
UFSC	Profissionais da Informação	3,75	13	UFSC	Fluxo da Informação	2,29	13
UNB	Gestão da Informação	3,74	14	UNIRIO	Memória, Subjetividade e Criação	2,27	14
UFPB	Ética, Gestão e Políticas de Informação	3,40	15	UNESP	Informação e Tecnologia	1,86	15

Fonte: Iracema Marinho.

Do quadro anterior é importante atentar para o seguinte:

- A UFBA, com a linha de pesquisa Informação e Contextos Socioeconômicos, *COM congressos*, garante o 1º lugar, no entanto,

SEM congresso a mesma linha desce para o 5º lugar; na linha Teoria e Gestão do Conhecimento, *COM congresso*, está em 7º lugar e *SEM congresso* sobe para 6º.

- A UnB, na linha Comunicação da Informação, *COM congresso*, aparece em 2º lugar. A mesma linha *SEM congresso* lidera o *ranking*; Gestão da Informação, *COM congresso*, está em 14º lugar e *SEM congresso* passa para o 12º.

- A Unirio, na linha Memória e Espaço, *COM congresso*, integra o 3º lugar, já *SEM congresso* sobe para o 2º lugar; na linha Memória e Patrimônio, *COM congresso*, fica em 9º e *SEM congresso* desce para o 11º lugar; a linha Memória, Subjetividade e Criação somente aparece no *ranking* dos 15 mais pontuados *SEM congresso*, na 14º posição.

- A UFSC, na linha Fluxo da Informação, *COM congresso*, ocupa o 4º lugar, *SEM congresso* despenca para o 13º lugar; na linha Profissionais da Informação, *COM congresso*, fica na 13º colocação e *SEM congresso* atinge o 8º lugar.

- A Puccamp, na linha Produção e Disseminação da Informação, *COM congresso*, ocupa o 5º lugar, *SEM congresso* sobe para o 3º lugar.

- A Unesp, na linha Organização da Informação, *COM congresso*, ocupa a 6º posição, *SEM congresso* desce para o 9º lugar; Informação e Tecnologia, *COM congresso*, está em 10º lugar, *SEM congresso* desce para o 15º lugar.

- A UFRGS, na linha Informação, Tecnologia e Práticas Sociais, *COM congresso*, classifica-se em 8º lugar, *SEM congresso* sobe para o 4º lugar; na linha Comunicação, Representações e Práticas Culturais, *COM congresso*, fica em 11º e *SEM congresso* sobe para o 7º lugar.

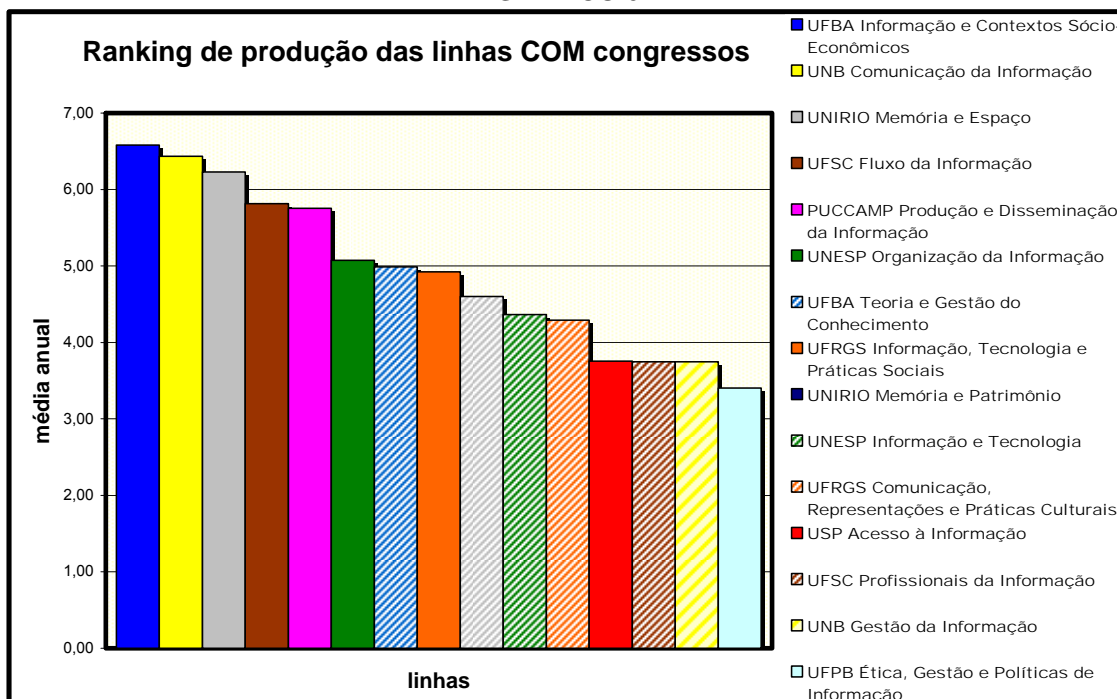
- A USP, na linha Acesso à Informação, *COM congresso*, fica na 12ª posição, *SEM congresso* ascende para a 10ª.

- O IBICT/UFF/UFMG são programas de pós-graduação que contêm maiores números de linhas de pesquisa, porém não apresentaram representatividade significativa em nenhum dos *rankings*.

- A UFPB, na linha Ética, Gestão e Políticas da Informação, aparece no *ranking COM congresso* na última posição.

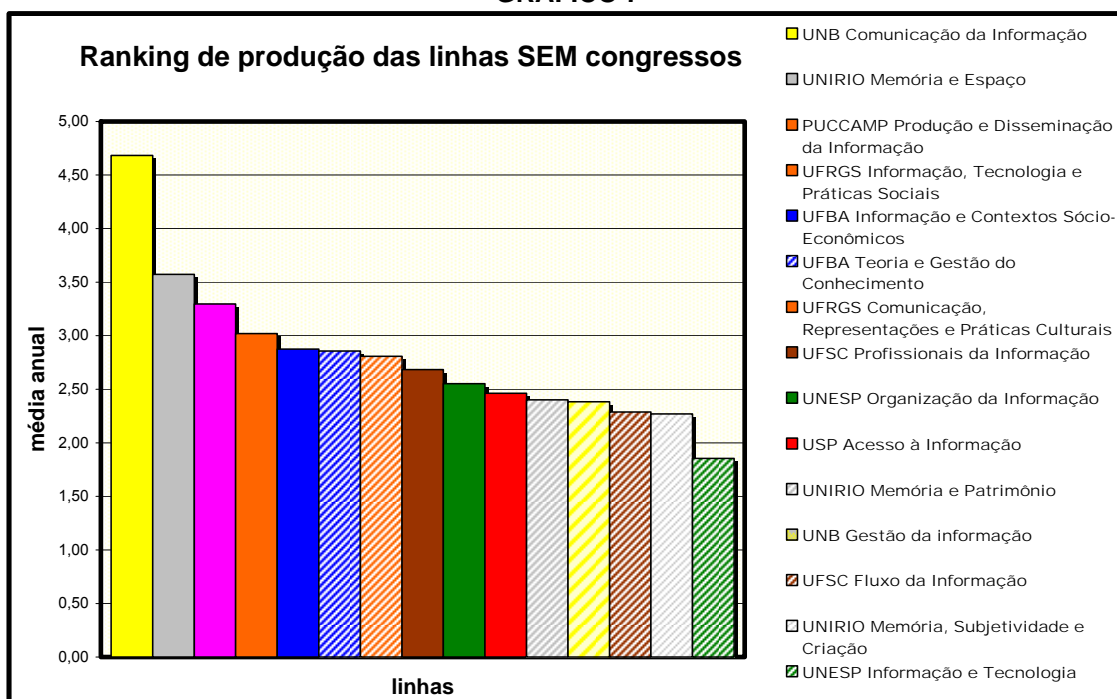
Esses aspectos podem ser melhor observados nos gráficos abaixo:

GRÁFICO 6



Fonte: Iracema Marinho.

GRÁFICO 7



Fonte: Iracema Marinho.

5.4 Dados de produtividade dos docentes

Nesta categoria, do universo de 156 pesquisadores/professores, foram agrupados os *rankings* dos 15 primeiros lugares para identificar o nível de

produção científica do corpo docente dos 11 programas de pós-graduação em Ciência da Informação pesquisados. Para tanto, foram colhidos os dados fornecidos na *Plataforma Lattes* cruzando informações do docente, período de atuação na instituição e a produção anual (2000 a 2006). Reportou-se à revisão dos dados no mês de abril/2007 para que houvesse um quantitativo mais aproximado possível do real. O quadro abaixo representa o *ranking* dos docentes, consideradas as variáveis da produtividade em congressos.

QUADRO 11: Variações nos rankings dos docentes

RANKING ORDENADO POR MÉDIA ANUAL COM CONGRESSO				RANKING ORDENADO POR MÉDIA ANUAL SEM CONGRESSO			
INSTITUIÇÃO	NOME	Média anual c/congresso	Rank	INSTITUIÇÃO	NOME	Média anual s/congresso	Rank
UNESP	SILVANA APARECIDA B. GREGÓRIO VIDOTTI	17,38	1	USP	WALDOMIRO C.S.VERGUEIRO	7,71	1
UFSC	ALINE ABREU	16,14	2	UNESP	MARIÂNGELA SPOTTI LOPES FUJITA	7,50	2
UFBA	AMILCAR BAIARDI	14,00	3	UNB	ELMIRA L.M. SIMEÃO	7,33	3
UNESP	MARIÂNGELA SPOTTI LOPES FUJITA	13,75	4	PUCCAMP	PAULO DE MARTINS JANUZZI	6,83	4
USP	WALDOMIRO C.S.VERGUEIRO	11,43	5	UFSC	ÚRSULA BLATTMANN	6,00	5
PUCCAMP	PAULO DE MARTINS JANUZZI	11,29	6	UNB	ANTONIO LISBOA DE C.MIRANDA	5,71	6
UFMG	MARTA ARAUJO TAVARES FERREIRA	10,93	7	UFBA	OTHON JAMBEIRO	5,57	7
UNB	ELMIRA L.M. SIMEÃO	10,42	8	UNESP	JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES	5,14	8
UFSC	ÚRSULA BLATTMANN	10,25	9	UNIRIO	MARCO AURÉLIO SANTANA	5,00	9
UFBA	NANCI ELIZABETH ODDONE	10,00	10	UNESP	SILVANA APARECIDA B. GREGÓRIO VIDOTTI	5,00	10
UNESP	JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES	9,96	11	UFBA	TEREZINHA FRÓES BURNHAM	4,50	11
UFBA	HELENA PEREIRA SILVA	9,05	12	UFRGS	VALDIR MORIGI	4,43	12
UFSC	GREGÓRIO JEAN VARVAKIS RADOS	8,32	13	UFRGS	NILDA APARECIDA JACKS	4,43	13
UFBA	TEREZINHA FRÓES BURNHAM	8,00	14	PUCCAMP	MARIA DE FATIMA G.M.TÁLAMO	4,33	14
UNB	ANTONIO LISBOA DE C.MIRANDA	7,46	15	UNIRIO	MIGUEL ANGEL	4,00	15

Fonte: Iracema Marinho.

Pode ser verificado que há uma grande diferenciação entre os *rankings* de produtividade por docentes quando é feita a contraposição dos índices *COM congresso* e *SEM congresso*. Nestes casos, não foi verificada nenhuma equivalência, porém modificações expressivas, com ausências entre os quadros, da ordem de 40%. Tais números, mais uma vez, demonstram que o cômputo das atividades ligadas à disseminação da comunicação científica em congressos poderia alterar de modo intenso o quadro atual da avaliação quantitativa dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

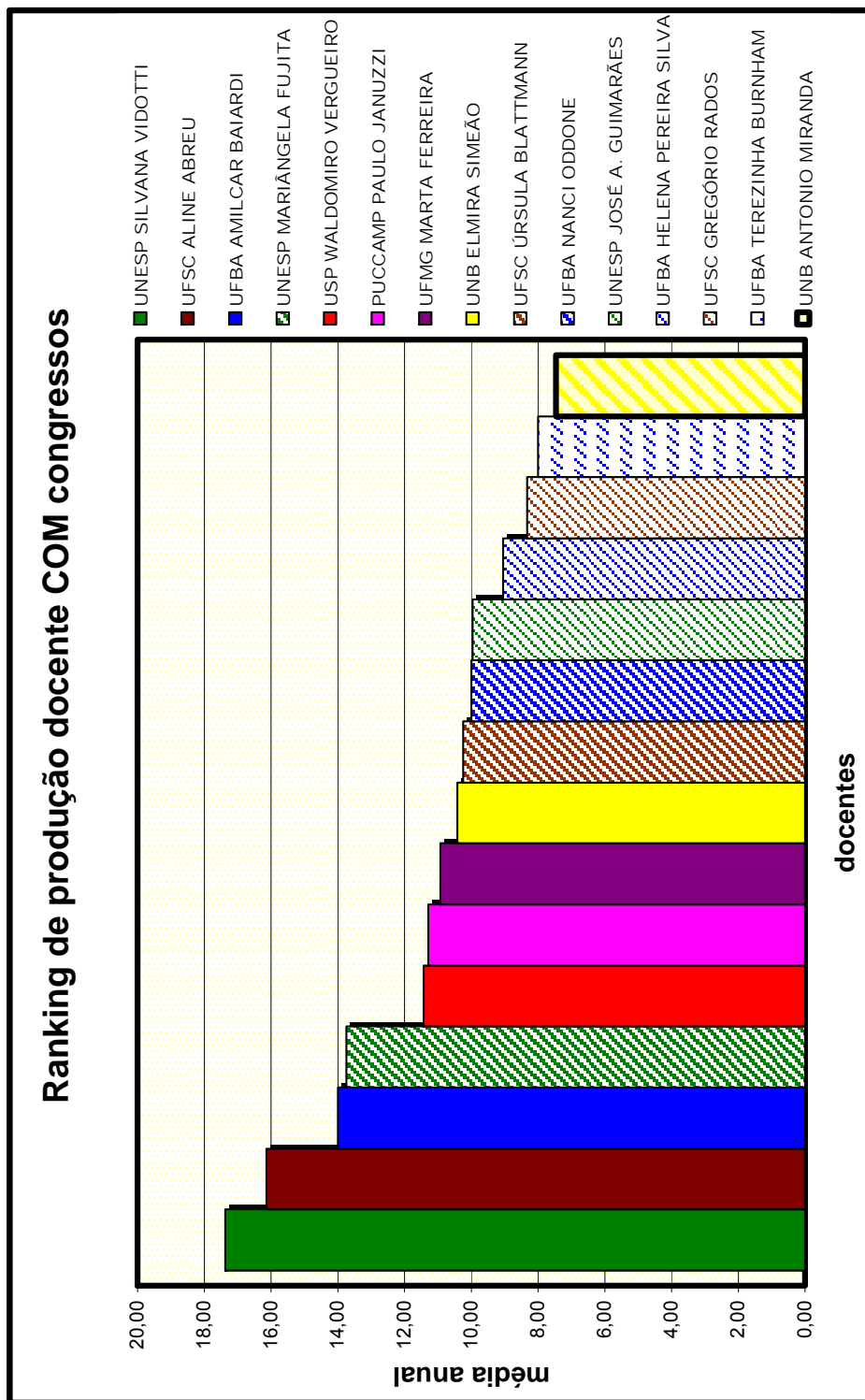
Destacam-se as seguintes diferenciações entre os dois *rankings*:

- Silvana Aparecida B. Gregório Vidotti (Unesp) lidera o *ranking COM congresso*, porém situa-se apenas em 9º lugar *SEM congresso*.
- Waldomiro C.S. Vergueiro (USP) passa do 5º lugar *COM congresso* para a liderança *SEM congresso*.
- Elmira L.M. Simeão (UnB), que ocupa a 8ª posição *COM congresso*, sobe para o 3º lugar *SEM congresso*.
- Antonio Lisboa de C. Miranda (UnB) passa da última posição *COM congresso* para o 5º lugar *SEM congresso*.
- José Augusto Chaves Guimarães (Unesp), situado em 11º lugar *COM congresso* fica em 8º *SEM congresso*.
- Os pesquisadores da UFRGS e da Unirio não entram no *ranking* se for computada a produção dos congressos.
- A UFMG somente aparece no *ranking* se os congressos forem considerados.
- A UFBA dobra sua inserção no *ranking* se forem computados os congressos, passando de duas ocorrências para quatro.
- Seis docentes (40%) que integram o *ranking COM congresso* sequer figuram no *SEM congresso*: Aline Abreu, UFSC, 2º lugar; Amilcar Baiardi, UFBA, 3º lugar; Marta Araujo Tavares Ferreira, UFMG, 7º lugar; Nanci Elizabeth Oddone, UFBA, 10º lugar; Helena Pereira Silva, UFBA, 12º lugar; e Gregório Jean Varvakis Rados, UFSC, 13º lugar.
- Por conseguinte, seis outros docentes (40%) que integram o *ranking SEM congresso* não aparecem na listagem *COM congresso*: Othon Jambeiro, UFBA, 7º lugar; Marco Aurélio Santana, Unirio, 9º lugar; Valdir

Morigi, UFRGS, 12º lugar; Nilda Aparecida Jacks, UFRGS, 13º lugar; Maria de Fátima G. M. Tálamo, Puccamp, 14º lugar; Miguel Angel, Unirio, 15º lugar.

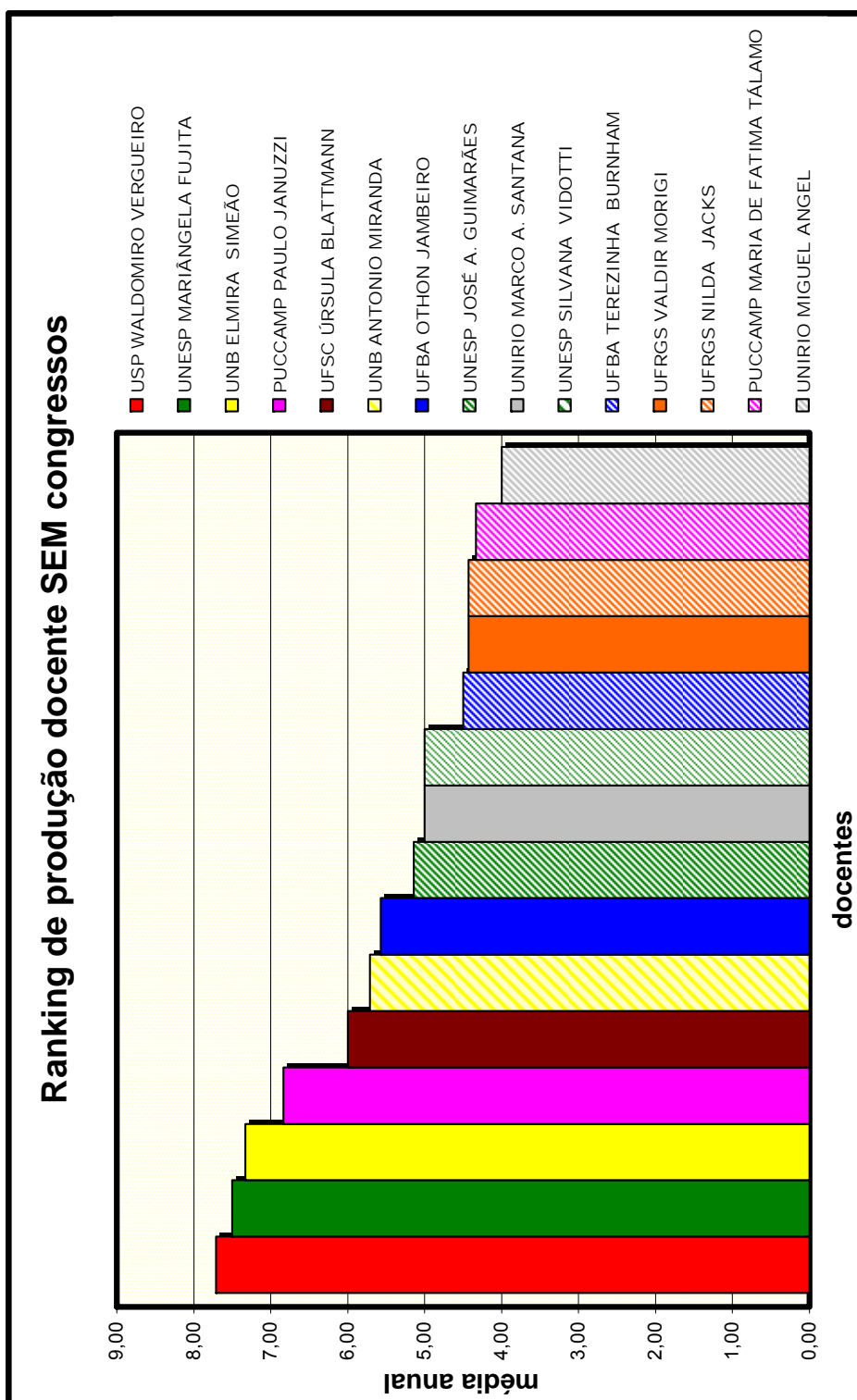
Os gráficos a seguir permitem visualizar melhor tais constatações:

GRAFÍCO 8: Ranking de produção por docente COM congressos



Fonte: Iracema Marinho.

GRÁFICO 9: Ranking de produção docente SEM congressos



Fonte: Iracema Marinho.

6. CONCLUSÃO

6.1 Análise dos resultados em função dos objetivos iniciais

6.1.1 Objetivo 1

Os questionamentos iniciais sobre a produtividade dos programas, linhas e docentes buscaram ser respondidos por meio dos *rankings* apresentados. Eles demonstraram por meio da comparação de dados que a inserção de variáveis estritamente ligadas à quantificação da disseminação de comunicação científica altera profundamente qualquer quadro mais acurado que se queira traçar. Em função de tais alterações, buscou-se responder às perguntas iniciais do objetivo 1, mostrando os diferentes resultados obtidos pela aplicação de um ou de outro sistema de valoração.

6.1.2 Objetivo 2

O objetivo 2 propunha discutir a relevância e a frequência das publicações em congressos, indagando se, no estado da arte da comunicação científica, a modalidade congresso é significativa ou não. Acredita-se que a sistematização quantitativa dos dados obtidos pela ponderação e totalização da produção científica dos docentes foi capaz de identificar a frequência e o peso que as publicações resultantes de apresentação de trabalhos científicos em congressos têm. O cotejamento dos *rankings* demonstra tal importância.

Um desdobramento das perguntas iniciais é o questionamento acerca da equivalência quantitativa entre os programas, linhas e docentes. É possível afirmar que os pesquisadores cotados como mais produtivos estão nas melhores linhas do *ranking* e vice-versa? Será que os programas melhores classificados têm os pesquisadores mais produtivos?

Constatou-se que não é possível estabelecer uma correspondência linear com os dados sistematizados. No entanto, ao comparar uma articulação integrada dos *rankings* pode-se perceber que há uma tendência maior de correspondência entre programa, linha e pesquisador quando se analisa informações quantitativas que incluem as publicações oriundas de congressos, do que quando tais dados são suprimidos. Não obstante, tal tendência não pode ser conclusiva, uma vez que existem grandes variações em ambos os casos.

Os quadros adiante sistematizam melhor essa articulação entre programa, linha e pesquisador:

QUADRO 12: - Articulação entre os rankings COM congressos

COM CONGRESSOS						
Rank	PROGRAMAS	LINHAS DE PESQUISA		DOCENTES		
	instituição	linha	instituição (11 diferentes ocorrências)	nome	linha (10 diferentes ocorrências)	instituição (7 diferentes ocorrências)
1	UFBA	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	UFBA	SILVANA APARECIDA B. GREGÓRIO VIDOTTI	Informação e Tecnologia	UNESP
2	UFSC	Comunicação da Informação	UNB	ALINE ABREU	Fluxo da Informação	UFSC
3	UNESP	Memória e Espaço	UNIRIO	AMILCAR BAIARDI	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	UFBA
4	PUCAMP	Fluxo da Informação	UFSC	MARIÂNGELA SPOTTI LOPES FUJITA	Organização da Informação	UNESP
5	UFRGS	Produção e Disseminação da Informação	PUCAMP	WALDOMIRO C.S.VERGUEIRO	Acesso à Informação	USP
6	UNIRIO	Organização da Informação	UNESP	PAULO DE MARTINS JANUZZI	Produção e Disseminação da Informação	PUCAMP
7	UNB	Teoria e Gestão do Conhecimento	UFBA	MARTA ARAUJO TAVARES FERREIRA	Informação Gerencial e Tecnológica	UFMG
8	USP	Informação, Tecnologia e Práticas Sociais	UFRGS	ELMIRA L.M. SIMEÃO	Comunicação da Informação	UNB
9	UFPB	Memória e Patrimônio	UNIRIO	ÚRSULA BLATTMANN	Fluxo da Informação	UFSC
10	UFMG	Informação e Tecnologia	UNESP	NANCI ELIZABETH ODDONE	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	UFBA
11	IBICT/UFF	Comunicação, Representações e Práticas Culturais	UFRGS	JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES	Organização da Informação	UNESP
12		Acesso à Informação	USP	HELENA PEREIRA SILVA	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	UFBA
13		Profissionais da Informação	UFSC	GREGÓRIO JEAN VARVAKIS RADOS	Fluxo da Informação	UFSC
14		Gestão da Informação	UNB	TEREZINHA FRÓES BURNHAM	Teoria e Gestão do Conhecimento	UFBA
15		Ética, Gestão e Políticas de Informação	UFPB	ANTONIO LISBOA DE C.MIRANDA	Comunicação da Informação	UNB

Fonte: Iracema Marinho.

QUADRO 13: Articulação entre os rankings SEM congressos

SEM CONGRESSOS						
Rank	PROGRAMAS	LINHAS DE PESQUISA		DOCENTES		
	instituição	linha	instituição (8 diferentes ocorrências)	nome	linha (11 diferentes ocorrências)	instituição (8 diferentes ocorrências)
1	UFRGS	Comunicação da Informação	UNB	WALDOMIRO C.S.VERGUEIRO	Acesso à Informação	USP
2	UFBA	Memória e Espaço	UNIRIO	MARIÂNGELA SPOTTI LOPES FUJITA	Organização da Informação	UNESP
3	UNB	Produção e Disseminação da Informação	PUCAMP	ELMIRA L.M. SIMEÃO	Comunicação da Informação	UNB
4	PUCAMP	Informação, Tecnologia e Práticas Sociais	UFRGS	PAULO DE MARTINS JANUZZI	Produção e Disseminação da Informação	PUCAMP
5	UFSC	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	UFBA	ÚRSULA BLATTMANN	Fluxo da Informação	UFSC
6	UNIRIO	Teoria e Gestão do Conhecimento	UFBA	ANTONIO LISBOA DE C.MIRANDA	Comunicação da Informação	UNB
7	USP	Comunicação, Representações e Práticas Culturais	UFRGS	OTHON JAMBEIRO	Informação e Contextos Sócio-Econômicos	UFBA
8	UNESP	Profissionais da Informação	UFSC	JOSÉ AUGUSTO CHAVES GUIMARÃES	Organização da Informação	UNESP
9	UFPB	Organização da Informação	UNESP	MARCO AURÉLIO SANTANA	Memória e Espaço	UNIRIO
10	UFMG	Acesso à Informação	USP	SILVANA APARECIDA B. GREGÓRIO VIDOTTI	Informação e Tecnologia	UNESP
11	IBICT/UFF	Memória e Patrimônio	UNIRIO	TEREZINHA FRÓES BURNHAM	Teoria e Gestão do Conhecimento	UFBA
12		Gestão da informação	UNB	VALDIR MORIGI	Comunicação, Representações e Práticas Culturais	UFRGS
13		Fluxo da Informação	UFSC	NILDA APARECIDA JACKS	Comunicação, Representações e Práticas Culturais	UFRGS
14		Memória, Subjetividade e Criação	UNIRIO	MARIA DE FATIMA G.M.TÁLAMO	Produção e Disseminação da Informação	PUCAMP
15		Informação e Tecnologia	UNESP	MIGUEL ANGEL	Memória, Subjetividade e Criação	UNIRIO

Fonte: Iracema Marinho.

A comparação dos quadros parece endossar a tendência de que com os dados oriundos dos congressos há uma maior correspondência entre os programas, as linhas e os docentes.

As seguintes informações ajudam a visualizar tal tendência:

- *COM congresso*, a UFBA tem a liderança do *ranking* de programa e linha de pesquisa e aparece em 3º lugar em produtividade docente; *SEM congresso* ela fica em 2º, 5º e 7º lugar, respectivamente.
- *COM congresso*, a UFSC classifica-se em 2º lugar no *ranking* de programa, 4º no de linha de pesquisa e novamente em 2º na produtividade docente; *SEM congresso* ela fica em 5º, 13º e 5º lugar, respectivamente, para a linha de Fluxo da Informação; ou em 5º, 8º e não classificado, respectivamente, para a linha de Profissionais da Informação.
- *COM congresso*, as 15 linhas melhores no *ranking* correspondem a 11 programas diferentes; *SEM congresso*, tal diversidade cai para oito instituições.

6.1.3 Objetivo 3

O último dos objetivos (objetivo 3) intentava refletir sobre a pertinência de alteração dos critérios quantitativos de avaliação institucional dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação pela Capes, incluindo indicadores relacionados à comunicação científica em congressos científicos e eventos similares.

A grande vantagem dos congressos – que reúnem pesquisadores, docentes e profissionais das mais diversas áreas que compõem a Ciência da Informação, provenientes de diferentes lugares do Brasil ou do mundo – é poder disseminar um estoque de informação que poderá ser compartilhado com seus pares, rapidamente, com a vantagem de propiciar amplo espaço para debates e reflexões, podendo discutir as conclusões ou propostas.

O mundo científico não sobreviveria sem os congressos, simpósios e eventos coletivos. É prática internacional que cientistas de qualquer área se reúnam para discutir teses e propostas, apresentar estudos e, em alguns casos, formalizar conclusões que serão posteriormente divulgadas para o resto do mundo acadêmico. Os congressos funcionam como reveladores e/ou disseminadores das conclusões científicas. Em muitos casos, os anais são editados e as teses apresentadas viram publicações que serão consultadas como fontes científicas.

Lena Vânia Ribeiro (2004), fazendo referência a Brier, preconiza a idéia da unidade da Ciência da Informação, na perspectiva da Filosofia da Ciência. O autor citado por ela enfatiza

ser fundamental saber, "deliberada e sistematicamente", qual o significado de conceitos como conhecimento, informação, inteligência e especialidade. Alguns pressupostos norteiam o seu pensamento como, por exemplo, o significado de informação, compreendido somente num "...contexto sociocultural e na perspectiva histórica" e considerando a linguagem, porque é o comportamento social humano que determina o significado de seu conceito.

Tais idéias enfatizam a importância dos congressos para a Ciência da Informação. É consenso que os congressos, simpósios, seminários etc., são instrumentos fundamentais de disseminação da informação científica e, por conseqüência, intrinsecamente relacionados às especificidades da Ciência da Informação.

O desenvolvimento desta pesquisa mostrou como são significativos os resultados e mudanças provocadas a partir da análise das variáveis criadas *COM congresso* e *SEM congresso*. Por isso, seria interessante que o comitê de área dos critérios de avaliação de produção científica da Capes, que tem como objetivo fomentar a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico, se dispusesse a reconsiderar os critérios de pontuação das categorias resumos e publicações em anais de congressos, para as áreas afetas à Ciência da Informação.

6.2 Considerações finais

O modelo de Garvey e Griffith (1979) demonstra os dois tipos de comunicação: formal e informal. Stumpf (2000) em seu estudo verificou o processo da formalização da pesquisa em publicação de documentos. No entanto, o ápice do processo somente ocorre após a avaliação feita pelos pares. Assim, percebeu-se a necessidade de a Ciência da Informação qualificar e quantificar seus trabalhos por meio dos artigos publicados em anais de congresso, seminários e demais eventos coletivos. Tais veículos demonstram-se eficazes e eficientes em disseminar a informação científica de modo democrático. Neles a vasta gama de atores do conhecimento pode induzir diversas possibilidades de debates, visões, hipóteses e ponderações que irão suscitar mais produtividade, mais parcerias, mais publicações formais etc.

Atualmente, por meio dos recursos tecnológicos como o sistema *Open Archives*, foram vislumbradas formas de inclusão do saber a todos os tipos de comunidades. No entanto, percebe-se que são apenas formas de se adquirir e se informar, ou seja, passar a mensagem conclusiva. Nos congressos a interação permeia, respalda e se mostra por meio de críticas, questionamentos, diferentes pressupostos e, em diversas ocasiões, por questões inusitadas que surgem, incrementando a construção do conhecimento científico através de um pensar coletivo. Quando se discute a circulação do conhecimento, os artigos em anais de congressos podem provocar transformações na área da Ciência da Informação. Assim, a reflexão sobre a importância de se pensar nos critérios de avaliação, incluindo as questões dos resumos e artigos publicados em anais de congressos, poderá suscitar novos entendimentos já que essas duas categorias podem provocar grandes mudanças em *rankings* de produção. Uma revisão dos critérios poderá influenciar diretamente na condução de fomento para os programas de pós-graduação e, conseqüentemente, para novas pesquisas e para formação de novos pesquisadores, com novos olhares.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. ANCIB. Disponível em <<http://www.ancib.org.br/>>.

AUSTIN, J. L. et alli. *Ensaio*. São Paulo: Editora Abril, 1980; (Os Pensadores)

BARRETO, A. A. A Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. Brasília, *Ciência da Informação*. v.27 n.2 , 1998.

BELKIN, N., RIBERTSON, S. Information science and the phenomenon of information. Maryland, *Journal of the American Society for Information Science*, p.196-204, Jul-Aug. 1976.

BERLO, D. K. *O Processo da Comunicação: introdução á teoria e á prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BUENO, W. C. *Comunicação empresarial: teoria e pesquisa*. Barueri (SP): Manole, 2003.

CAPURO, R. e HJORLAND B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte, v. 12, n. 1, 2007.

CHORLEY, R.,HAGGET, P. *Modelos sócio-econômicos em geografia*. Rio de Janeiro: LTC-USP, 1975.

COELHO NETTO, J. T. *Semiótica, informação e comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

COSTA, S. M. S. Mudanças no processo de comunicação científica: o impacto do uso de novas tecnologias. In: Mueller, S.P.M. *Comunicação científica*. Brasília: CID-UNB, 2000.

COSTA, S. M. S.; SILVA, W. A. A.; COSTA, M. B. Publicações científicas eletrônicas no Brasil: mudanças na comunicação formal, também?. *Revista de biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 25, n. 1, p. 57-76, 2001.

CRANE, D. *Invisible colleges*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.

DE FLEUR, M. BALL-ROKEACH, S. *Teorias da comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Zahar; 1993.

DICIONÁRIO brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ECO, U. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

FÁVERO, M. L. A. Autonomia universitária: necessidade e desafios. Campinas, *Cadernos CEDES*, n. 22, 1988, p. 7-16.

FERREIRA, J. M. C. et al. A comunicação nas organizações. In _____ *Psicossociologia das organizações*. Lisboa: Alfragide-McGraw Hill de Portugal, 1998, cap.8.

FERREIRA, J. M. C. et al. *A psicossociologia das organizações*. Lisboa: McGraw-Hill, 1996.

FLEURY, M. T. et. Al (orgs.). *Cultura e poder nas organizações*. São Paulo: Atlas, 1989.

FONSECA JR, W. C. A comunicação organizacional como fato social. In: *CONVICON: Congresso Virtual de Comunicação empresarial - Congresso Brasileiro de Comunicação Empresarial*. Disponível em <<http://www.comtexto.com.br/2convicomteoriacomempresarial/WilsonFonseca.htm>>. Acesso em 22/08/2006.

- FREIRE, I. M. O olhar da consciência possível sobre o campo científico. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 50-59, jan./abr. 2003. Disponível em: <[http://dici.ibict.br/archive/00000107/01/Ci\[2\].Inf-2004-163.pdf](http://dici.ibict.br/archive/00000107/01/Ci[2].Inf-2004-163.pdf)>. Acesso em: 08 Jul. 2007.
- GARVEY, W.D. *Communication: the essence of science*. Londres: Pergamon, 1979.
- GARVEY, W.D., GRIFFITH, B.C. Scientific communication as a social system. In: GARVEY, W.D. *Communication: the essence of science*. Londres: Sage, 1994.
- GIBSON, J. L. et al. *Organizações: comportamento, estrutura, processos*. São Paulo: Atlas, 1981.
- GOH, S. C. Managing effective knowledge transfer: an integrative framework and some practice implications. Kidmore, *Journal of Knowledge Management*, v.6, n. 1, 2002. p.23-30. Acessado portal de periódicos da CAPES.
- HURD, J. M. Models of scientific communication systems. In: CRAWFORD, S.Y., HURD, J.M. WELLER, A. C. *From print to electronic: the transformation of scientific communication*. Medford: Information Today, 1996.
- INFOCAPES - Boletim Informativo da CAPES. Brasília, v. 10, n. 3, 2002.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- KUNSCH, M.. Gestão integrada da comunicação organizacional e os desafios da sociedade contemporânea. São Paulo, *Revista Comunicação e Sociedade*, 2º sem. 1999.
- KUNSCH, M. *Planejamento de relações públicas na comunicação integrada*. São Paulo: Summus, 2003.

LE COADIC, Y. *A Ciência da Informação*. Brasília: Briquet de Lemos, 1998.

LE COADIC, Y. *A Ciência da Informação*. 2 ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEITE, F. C. L. *Gestão do conhecimento científico no contexto acadêmico: proposta de um modelo conceitual*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília: Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Brasília, 2006.

MADEIRA, F. L. *Comunicação organizacional e científica no âmbito do CID: a aplicação da metodologia de sistemas flexíveis*. Monografia de Graduação em Biblioteconomia. Universidade de Brasília: Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Brasília, 2005.

MARCHIORI, P. Z. et al. Fatores motivacionais da comunidade científica para publicação e divulgação de sua produção em revistas científicas.. In: *XIV SNBU - Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias*, 2006, Salvador. Disponível em <<http://stoa.usp.br/cristofoli/files/349/1809/FATORES+MOTIVACIONAIS+DA+COMUNIDADE+CIENT%3%8DFICA+PARA+PUBLICA%3%87%3O+E+DIVULGA%3%87%3O+DE+SUA+PRODU%3%87%3O+EM+REVISTAS+CIENT%3%8DFICAS.pdf>>.

MARCONDES FILHO, C. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?* São Paulo: Paullus, 2004.

MARTINS, L. *Teorias da comunicação no século XX*. 2^a. ed. Brasília: Casa das Musas, 2002.

MEADOWS, A. J. *A Comunicação Científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEADOWS, A. J. *Communication in science*. Londres: Butterworths, 1974.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Plano Nacional de Pós-graduação (PNPG) 2005-2010*. Brasília: MEC/CAPES 2004. Disponível em <http://www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/editais/PNPG_2005_2010.pdf>

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. *Plataforma Lattes: buscar pesquisadores*. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/index.jsp>>.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Critérios para avaliação das áreas de comunicação e Ciências da Informação (1999-2000)*. Disponível em <http://www.capes.gov.br/opencms/export/sites/capes/download/avaliacao/2000_031_Criterio.pdf>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Critérios de avaliação 2004: anos base 2001-2002-2003 - Comunicação/ Ciência da Informação*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/opencms/export/sites/capes/download/avaliacao/Comunicacao_CienciadaInformacao.pdf>

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. *Critérios de Avaliação Trienal; Triênio Avaliado: 2004-2006; Área de Avaliação: Ciências Sociais Aplicadas I (Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/opencms/export/sites/capes/download/avaliacao/CA2007_CienciasSociaisAplicadasI.pdf>

MIRANDA, A., SIMEÃO, E. (orgs.). *Ciência da Informação: teoria e metodologia de uma área em expansão*. Brasília: Thesaurus, 2003.

MUELLER, S. P. M.; PASSOS, E. J. L. *Comunicação científica*. Brasília: Departamento de Ciência da Informação Universidade de Brasília, 2000.

- MUELLER, S. P. M. et al. Disseminação da pesquisa em ciência da informação e biblioteconomia no Brasil. Brasília, *Ciência da Informação*. v. 25, n. 3, 1996. Disponível em < <http://www.ibict.br/cionline/viewarticle.php?id=494>>.
- PINHEIRO, L. V. R. Informação: esse obscuro objeto da Ciência da Informação. Rio de Janeiro, *Morpheus*.. Ano 02, n. 4, 2004. Disponível em <<http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero04-2004/lpinheiro.htm>>
- PRICE, D. J. S. *A ciência desde a Babilônia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.
- SAYÃO, L. F.. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico. Brasília, *Ciência da Informação*, v. 30, n. 1, p. 82-91, jan./abr. 2001.
- SHANNON, C.; WEAVER, W. *A Teoria matemática da comunicação*. 11.ed. São Paulo: DIFEL. 1975.
- SHEARER, K, BIRDSALL, W. The transition of Scholarly Communication in Canada, CARL-ABCR Backgrounder, 2002. Ottawa: CARL-ABRC. Disponível em <http://www.carl-abrc.ca/projects/kdstudy/public_html/pdf/bgground.pdf>.
- SILVA JR., O. C. Necessidade & mérito. *Acta Cirurgica Brasileira* São Paulo, v. 15, supl. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-86502000000600001&lng=es&nrm=iso>.
- STUMPF, I. R. C. A comunicação da ciência na universidade: o caso da UFRGS. In: MUELLER, S. P. M.; PASSOS, E. J. L. *Comunicação científica*. Brasília: CID, 2000. p. 107-121.
- TARGINO, M. G.. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. João Pessoa. *Informação & Sociedade: estudos*, v.10, n. 2, p.67-85, 2000.
- TARGINO, M. G. *Comunicação científica na sociedade tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão*. s/l: I@Editora, 2001. <<http://www.ieditora.com.br>>.

TEIXEIRA FILHO, J. *Cultura organizacional e liderança*. s. n. t. Disponível em <<http://www.informal.com.br>>

TUBBS, S. L. *Organizational communication. in human communication*. 9 ed. Londres: McGraw Hill, 2003.

VALLS, V. M. e VERGUEIRO, W. C. S. A gestão da qualidade em serviços de informação no Brasil: uma nova revisão de literatura, de 1997 a 2006. Belo Horizonte, *Perspectivas em Ciência da Informação*, v.11 n.1, p. 118-137, jan./abr. 2006.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 3^a. ed. Lisboa: Presença, 1994.

SITES DOS PROGRAMAS CONSULTADOS

IBICT/UFF <<http://www.uff.br/ppgci>>

PUCCAMP <<http://www.puc-campinas.edu.br/pos/curso.asp?id=2>>

UFBA <<http://www.posici.ufba.br>>

UFMG <<http://www.eci.ufmg.br/ppgci>>

UFRGS <www.ppgcom.ufrgs.br>

UFSC <<http://www.cin.ufsc.br/pgcin/pgcin.htm> >

UnB <<http://www.cid.unb.br/pos>>

UNESP <http://www.marilia.unesp.br/ensino/pos-grad/ciencia_informacao/apresentacao.htm>

UNIRIO <<http://www.unirio.br/memoriasocial>>

USP <<http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/comunicacao/>>

8. ANEXOS

8.1 Critérios de avaliação do triênio 1998-2000



CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO



Período de Avaliação: 1998/2000

Área de Avaliação: 31 - COMUNICAÇÃO/CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Perfil de Excelência

CRITÉRIOS PARA A AVALIAÇÃO DAS ÁREAS DE COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO (1999-2000)

1. Quanto à proposta do programa ou curso

Uma proposta atinge a excelência quando

- a) em todos os âmbitos da atividade própria da pós-graduação - pesquisa, orientação e ensino - reflete de maneira unitária, coerente, clara e fecunda o propósito precípua da sua especialidade, a saber, formar bons pesquisadores, em se tratando de programas acadêmicos, e formar profissionais de alto nível, quando se trata de mestrados profissionalizantes;
- b) integra perfeitamente área(s) de concentração, linhas de pesquisa, projetos de pesquisa, produção intelectual e estrutura curricular de modo tal que: i) a(s) área(s) de concentração delimite(m) de maneira clara o objeto de especialidade da produção de conhecimento e da formação realizada no Programa e oferecida por ele; ii) as linhas de pesquisa constituam a restrição temática, o recorte específico da área de concentração representado pela capacidade docente instalada no Programa, num dado momento; iii) os projetos de pesquisa e a estrutura curricular reflitam e concretizem a linhas de pesquisa e área de concentração como sua execução; iv) a produção intelectual docente e discente, teses e dissertações reflitam e concretizem as linhas de pesquisa e área de concentração como seu produto;

2. Quanto ao corpo docente

- a) Existência de uma equipe consistente de professores contratados pela instituição, com vínculo e dedicação compatíveis com o núcleo de referência docente 6, suficiente em volume e experiência para a execução das atividades fundamentais de pesquisa, orientação e ensino de modo que nisso não se configure dependência de docentes com outro tipo de contrato, vínculo ou dedicação. O NRD6, portanto, deve ser suficiente e adequado em volume (cf. item b do quesito 5) e capacitação, constituindo-se qualquer outro conjunto de docentes em força e capacidade agregada à equipe básica de execução da proposta.
- b) Os docentes do NRD devem ser, na sua totalidade, doutores. Exceções, quando couberem, devem ser justificadas;
- c) Todos os docentes do NRD6 devem estar envolvidos em projetos de pesquisa;
- d) Diversidade de instituições de titulação da equipe docente: i), no sentido de evitar a "endogenia" na formação, os docentes devem preferencialmente titular-se em programas diferentes daqueles em que trabalham; ii) no sentido de facilitar a diversificação de formações, docentes devem preferencialmente titular-se em instituições diversas entre si. Na avaliação desse aspecto levar-se-á em consideração tanto as instituições de obtenção do título de doutor quanto as instituições em que se realizou o treinamento pós-doutoral.
- e) A equipe docente deve reunir especialidades suficientemente abrangentes de forma a cobrir as área(s) de concentração e linhas de pesquisa do programa. Por outro lado, a(s) especialidade(s) do docente deve(m) ser de tal modo clara(s) que se possa reconhecer sua específica inserção na linha de pesquisa e a coerência da sua orientação e da sua atividade didática.
- f) Adequada política de professores e/ou pesquisadores visitantes, garantindo-se a presença de idéias, experiências, teorias e modelos de pesquisas novos, sem que isso, todavia, configure dependência de docentes externos. Presença de examinadores externos ao programa em todas as bancas de avaliação de trabalhos finais.
- g) O NRD6 deve ser, preferencialmente, exclusivo do programa. Justifica-se que um percentual do NRD6 possa ser compartilhado apenas quando se verifica a totalidade das condições seguintes: i) realizar-se entre dois programas de uma mesma instituição; ii) a participação do(s) docente(s) compartilhado(s) no programa em avaliação incluir todas as atividades específicas da pós-graduação (pesquisa, orientação, ensino e produção e intelectual); iii) houver uma clara indicação das atividades de pesquisa e produção intelectual específicas do programa em avaliação.

3. Quanto às atividades de pesquisa

- a) Linhas de pesquisa representam a especialidade de produção de conhecimento, dentro de uma área de concentração, sustentada por uma equipe de docentes; a atividade de pesquisa representa a realização concreta de tal especialidade. Devem, portanto, cobrir de maneira coerente as dimensões fundamentais da área de concentração. Por isso mesmo, i) a atividade de pesquisa deve estar inserida de forma coerente e fecunda no interior das linhas de pesquisa e da(s) área(s) de concentração; ii) a atividade de pesquisa deve ser distribuída de forma coerente e equilibrada pela(s) área(s) de concentração e linhas de pesquisa.
- b) As linhas de pesquisa representam agregações da capacidade de pesquisa instalada no programa. Devem, por isso, ser em quantidade compatível com o número de docentes envolvidos;
- c) O projeto de pesquisa deve ser formulado de maneira a que se possa compreender claramente o objeto da investigação, a posição da pesquisa no estado do conhecimento sobre o objeto, os meios, recursos e propósitos do projeto e os resultados pretendidos.
- d) Deve haver uma proporção adequada entre o número de projetos de pesquisa e a dimensão do corpo docente. Cada docente não deveria coordenar mais que 1 projeto de pesquisa em andamento de cada vez, devendo as exceções serem justificadas.
- e) Deve haver vinculação entre a pesquisa discente e o projeto e/ou linha de pesquisa do docente que o orienta.
- f) Será valorizada a experiência de instâncias internas ao programa de acompanhamento da pesquisa docente.
- g) Será valorizada a existência de suportes técnicos para a difusão da pesquisa realizada pela comunidade científica da área.



CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO



h) Será valorizada a existência de pesquisas conduzidas por grupos de professores.

4. Quanto às atividades de formação

a) O conjunto de disciplinas e seminários deve ser coerente com a proposta do programa e se inserir na área de concentração e nas linhas de pesquisa.

b) Tanto do ponto de vista do elenco quanto da perspectiva da oferta, as disciplinas e seminários devem ser em volume adequado em relação à dimensão do corpo discente, à creditação exigida do estudante, ao número e especialidade das linhas de pesquisa. Deve, além disso, ser em número suficiente para assegurar reais opções aos discentes.

c) Os orientadores devem ser doutores e estar envolvidos nas atividades de pesquisa e ensino do programa. Preferencialmente, para o mestrado, e necessariamente, para o doutorado, os orientadores devem estar titulados e vinculados às atividades de pós-graduação em sentido estrito há pelo menos três anos.

d) A oferta de disciplinas no período da avaliação deve mostrar uma participação equilibrada da equipe docente do NRD6.

e) Em programas cujos docentes se dediquem exclusivamente ao mestrado e/ou ao doutorado, considera-se que um docente do NRD6 possa orientar adequadamente até o número de 10 estudantes ao mesmo tempo. Em programas cujos docentes se dediquem também em atividades de graduação, considera-se que o docente do NRD6 possa orientar adequadamente até o número de 6 estudantes ao mesmo tempo.

5. Quanto ao corpo discente

a) O fluxo de estudantes deve ser equilibrado, considerando-se um fluxo adequado aquele em que 60% dos que ingressem no programa sejam, ao fim do período regular de formação, titulados. Será considerado como atenuante legítimo desse critério as não-titulações de matriculados que forem decorrentes de iniciativas de desligamento realizados pelo programa, que forem realizadas dentro de um projeto pedagógico coerente com a sua proposta, nos dois primeiros semestres de vinculação do estudante ao programa e forem consignadas de forma clara na parte descritiva do relatório Capes.

b) A dimensão do NRD6 com relação ao volume de alunos será considerada adequada quando se respeitarem os seguintes parâmetros: i) em programas cujo NRD6 dedique-se integral e exclusivamente ao mestrado/doutorado, 1 docente para cada 12 discentes; ii) em programas cujo NRD6 dedique até 60% da sua carga horária ao mestrado/doutorado, 1 docente para cada 7 discentes. Em todo o caso, deve-se assegurar que a dimensão do NRD6 seja suficiente para a orientação e acompanhamento de todos os alunos e para a execução da estrutura curricular.

6. Quanto a teses e dissertações

a) A média da duração da titulação discente não deve ultrapassar 30 meses para o mestrado e 50 meses para o doutorado. Para fins de qualificação da excelência, considerar-se à apenas o tempo médio de titulação, desprezando-se os índices do tempo médio de titulação de bolsistas, tempo médio de bolsa e tempos médios de titulação de bolsistas em relação ao tempo médio de titulação de não bolsistas.

b) Os titulados devem preferencialmente ter sido orientados por docentes do núcleo de referência principal. Será caracterizada dependência de orientadores externos quando o número de titulados orientados por professores externos a esse núcleo ultrapassar 30% do total dos titulados no período.

c) As titulações devem ser vinculadas a área de concentração e linha de pesquisa do orientador.

c) Serão valorizados os estágios de pesquisa e formação no exterior dos doutorandos.

7. Quanto à produção intelectual

a) A produção intelectual em geral deve ser de boa qualidade, regular e distribuir-se de forma equilibrada pela totalidade da equipe docente, tomando-se como base o núcleo de referência docente principal.

b) No caso da publicação, será considerado indicio de excelência o número de dois títulos em artigos e/ou capítulos de livros ou um livro publicado por ano por professor do programa.

c) A produção discente não deve se limitar a dissertações e teses, sendo também valorizadas publicações, apresentações de trabalho, atividades técnicas e artísticas etc. desde que vinculadas às atividades específicas de formação desenvolvidas no programa.

d) produção técnica - critérios a serem gerados pelas comunidades científicas das áreas de comunicação e ciências da informação;

e) produção artística - critérios a serem gerados pela comunidade científicas das áreas de comunicação e ciências da informação;

8. Quanto ao espírito que deve nortear a avaliação

Em termos gerais, julga-se que um programa considerado excelente deverá já ter sedimentado o preenchimento das exigências dos quesitos I, II e IV (respectivamente: Proposta do Programa, Corpo Docente, Atividade de Formação), que são quesitos de garantia para a obtenção de resultados, sendo recomendável que, no cômputo geral, esses quesitos tenham o peso de 20%. A grande ênfase, por



CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO



consequente, deve recair sobre os quesitos constantes de III, V, VI e VII (respectivamente: Atividade de Pesquisa, Corpo Docente, Teses e Dissertações e Produção Intelectual), já que os itens destes quesitos dizem respeito a resultados efetivamente obtidos, indicadores indiscutíveis da excelência do programa, cabendo, por isso, a esses quesitos um peso de 80% no cômputo da avaliação.

Ponderação dos Quesitos

Quesitos	Pesos
I Proposta do Programa	xxx
II Corpo Docente	10,00
III Atividade de Pesquisa	20,00
IV Atividade de Formação	10,00
V Corpo Docente	15,00
VI Teses e Dissertações	20,00
VII Produção Intelectual	25,00
Soma dos Pesos	100

Ponderação dos Itens

I - Proposta do Programa

Itens	Pesos
1 Coerência e consistência da Proposta do Programa.	xxx
2 Adequação e abrangência das Áreas de Concentração.	xxx
3 Adequação e abrangência das Linhas de Pesquisa.	xxx
4 Proporção de docentes, pesquisadores, discentes-autores e outros participantes.	xxx
5 Intercâmbio acadêmico nacional e internacional.	xxx
Soma dos Pesos	xxx

II - Corpo Docente

Itens	Pesos
1 Composição e atuação do corpo docente; vínculo institucional e dedicação.	25,00
2 Dimensão do NRD6 relativamente ao corpo docente. Atuação do NRD6 no Programa.	25,00
3 Abrangência, especialização do NRD6 relativamente às Áreas de Concentração e Linhas de Pesquisa. Qualificação do NRD6.	25,00
4 Intercâmbio ou renovação do corpo docente. Participação de outros docentes.	25,00
Soma dos Pesos	100

III - Atividade de Pesquisa

Itens	Pesos
1 Adequação e abrangência dos Projetos e Linhas de Pesquisa em relação às Áreas de Concentração.	20,00
2 Vínculo entre Linhas e Projetos de Pesquisa.	25,00
3 Adequação da quantidade de Linhas e Projetos de Pesquisa em andamento em relação à dimensão e à qualificação do NRD6.	20,00
4 Participação do corpo discente nos Projetos de Pesquisa.	20,00
5 Suportes tecnológicos para a pesquisa	15,00
Soma dos Pesos	100

IV - Atividade de Formação

Itens	Pesos
1 Adequação e abrangência da Estrutura Curricular relativamente à Proposta do Programa e às suas Áreas de Concentração. Adequação e abrangência das disciplinas ministradas em relação às Linhas e Projetos de Pesquisa.	30,00
2 Distribuição da carga letiva e carga horária média. Participação de outros docentes.	30,00
3 Quantidade de orientadores do NRD6 relativamente à dimensão do corpo docente. Distribuição da orientação entre os docentes e número médio de orientandos por docente.	30,00
4 Atividades letivas e de orientação nos cursos de graduação.	10,00
Soma dos Pesos	100

V - Corpo Discente

Itens	Pesos
1 Dimensão do corpo discente em relação à dimensão do NRD6.	25,00
2 Número de orientandos em relação à dimensão do corpo discente.	25,00
3 Número de titulados e proporção de desistências e abandonos em relação à dimensão do corpo discente.	25,00



CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO



Ponderação dos Itens

V - Corpo Discente

Itens	Pesos
4 Número de discentes-autores da pós-graduação em relação à dimensão do corpo discente [e participação de discentes-autores da graduação].	25,00
Soma dos Pesos	100

VI - Teses e Dissertações

Itens	Pesos
1 Vínculo das teses e dissertações com Áreas de Concentração e com Linhas e Projetos de Pesquisa; adequação ao nível dos cursos.	25,00
2 Tempo médio de titulação de bolsistas; tempo médio de bolsa. Relação entre os tempos médios de titulação de bolsistas e de não bolsistas.	25,00
3 Número de titulados em relação à dimensão do NRD6. Participação de outros docentes.	25,00
4 Qualificação das Bancas Examinadoras. Participação de membros externos.	15,00
5 Estágio de pesquisa e formação no exterior de Doutorandos.	10,00
Soma dos Pesos	100

VII - Produção Intelectual

Itens	Pesos
1 Adequação dos tipos de produção à Proposta do Programa e vínculo com as Áreas de Concentração, Linhas e Projetos de Pesquisa ou Teses e Dissertações.	30,00
2 Qualidade dos veículos ou meios de divulgação.	25,00
3 Quantidade e regularidade em relação à dimensão do NRD6; distribuição da autoria entre os docentes.	35,00
4 Autoria ou co-autoria de discentes.	10,00
Soma dos Pesos	100

8.2 Critérios de avaliação do triênio 2001-2003

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 2004 Ano Base 2001_2002_2003 COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAPES

Período de Avaliação: 2001-2002-2003

Área de Avaliação: COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Avaliação da Pós-Graduação

CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO

Período de Avaliação: 2001/2003

Área de Avaliação: 31 - COMUNICAÇÃO/CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Perfil de Excelência da Área

A consecução da excelência no sistema nacional de pós-graduação localiza o curso ou programa nos pontos 5, 6 ou 7 da escala de classificação da Capes. Um curso com conceito 5 deverá, em seu conjunto, ter atingido a excelência do padrão de qualidade estabelecido pela área de conhecimento. As notas 6 e 7 são reservadas para uma ulterior distinção no interior do conjunto dos programas considerados de excelência. As indicações abaixo se referem, portanto, aos cursos ou programas a serem classificados como de **excelência** pela área.

1. Quanto à proposta do programa ou curso

Uma proposta atinge a excelência quando

a) em todos os âmbitos da atividade própria da pós-graduação - pesquisa, orientação e ensino - reflete de maneira unitária, coerente, clara e fecunda o propósito precípuo da sua especialidade, a saber, formar bons pesquisadores, em se tratando de programas acadêmicos, e formar profissionais de alto nível, quando se trata de mestrados profissionais;

b) integra perfeitamente área(s) de concentração, linhas de pesquisa, projetos de pesquisa, produção intelectual e estrutura curricular de modo tal que: i) a(s) área(s) de concentração delimite(m) de maneira clara o objeto de especialidade da produção de conhecimento e da formação realizada no Programa e oferecida por ele; ii) as linhas de pesquisa constituam a restrição temática, o recorte específico da área de concentração representado pela capacidade docente instalada no Programa, num dado momento; iii) os projetos de pesquisa e a estrutura curricular reflitam e concretizem as linhas de pesquisa e área de concentração como sua execução; iv) a produção intelectual docente e discente, teses e dissertações reflitam e concretizem as linhas de pesquisa e área de concentração como seu produto;

2. Quanto ao corpo docente

a) Existência de uma equipe consistente de professores contratados pela instituição, com vínculo e dedicação compatíveis com o núcleo de referência docente 6, suficiente em volume e experiência para a execução das atividades fundamentais de pesquisa, orientação e ensino de modo que nisso não se configure dependência de docentes com outro tipo de contrato, vínculo ou dedicação. O NRD6, portanto, deve ser suficiente e adequado em volume (cf. item b do quesito 5) e capacitação, constituindo-se qualquer outro conjunto de docentes em força e capacidade agregada à equipe básica de execução da proposta.

b) Os docentes do NRD6 devem ser, na sua totalidade, doutores. Exceções, quando couberem, devem ser justificadas;

c) Todos os docentes do NRD6 devem estar envolvidos em projetos de pesquisa;

d) Deve haver diversidade de instituições de titulação da equipe docente: i), no sentido de evitar a "endogenia" na formação, os docentes devem preferencialmente titular-se em programas diferentes daqueles em que trabalham; ii) no sentido de facilitar a diversificação de formações, docentes devem preferencialmente titular-se em instituições diversas entre si. Na avaliação desse aspecto levar-se-ão em consideração tanto as instituições de obtenção do título de doutor quanto as instituições em que se realizou o treinamento pós-doutoral.

e) A equipe docente deve reunir especialidades suficientemente abrangentes de forma a cobrir a(s) área(s) de concentração e linhas de pesquisa do programa. Por outro lado, a(s) especialidade(s) do docente deve(m) ser de tal modo clara(s) que se possa reconhecer sua específica inserção na linha de pesquisa e a coerência da sua orientação e da sua atividade didática.

f) Adequada política de professores e/ou pesquisadores visitantes, garantindo-se a presença de idéias, experiências, teorias e modelos de pesquisas novos, sem que isso, todavia, configure dependência de docentes externos. Presença de examinadores externos ao programa em todas as bancas de avaliação de trabalhos finais.



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 2004 Ano Base 2001_2002_2003 COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAPES

Período de Avaliação: 2001-2002-2003

Área de Avaliação: COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

g) O NRD6 deve ser, preferencialmente, exclusivo do programa. Justifica-se que um percentual do NRD6 possa ser compartilhado apenas quando se verifica a totalidade das condições seguintes: i) realizar-se entre dois programas de uma mesma instituição; ii) a participação do(s) docente(s) compartilhado(s) no programa em avaliação incluir todas as atividades específicas da pós-graduação (pesquisa, orientação, ensino e produção e intelectual); iii) houver uma clara indicação das atividades de pesquisa e produção intelectual específicas do programa em avaliação.

3. Quanto às atividades de pesquisa

a) Linhas de pesquisa representam a especialidade de produção de conhecimento, dentro de uma área de concentração, sustentada por uma equipe de docentes; a atividade de pesquisa representa a realização concreta de tal especialidade. Devem, portanto, cobrir de maneira coerente as dimensões fundamentais da área de concentração. Por isso mesmo, i) a atividade de pesquisa deve estar inserida de forma coerente e fecunda no interior das linhas de pesquisa e da(s) área(s) de concentração; ii) a atividade de pesquisa deve ser distribuída de forma coerente e equilibrada pela(s) área(s) de concentração e linhas de pesquisa.

b) As linhas de pesquisa representam agregações da capacidade de pesquisa instalada no programa. Devem, por isso, ser em quantidade compatível com o número de docentes envolvidos;

c) O projeto de pesquisa deve ser formulado de maneira a que se possa compreender claramente o objeto da investigação, a posição da pesquisa no estado do conhecimento sobre o objeto, os meios, recursos e propósitos do projeto e os resultados pretendidos.

d) Deve haver uma proporção adequada entre o número de projetos de pesquisa e a dimensão do corpo docente. Cada docente não deveria coordenar mais que 1 projeto de pesquisa em andamento de cada vez, devendo as exceções ser justificadas.

e) Deve haver vinculação entre a pesquisa discente e o projeto e/ou linha de pesquisa do docente que o orienta.

f) Será valorizada a existência de pesquisa em ambientes de cooperação (grupos de pesquisa e pesquisas associadas).

g) Será valorizada a existência de suporte para a difusão da pesquisa realizada pela comunidade científica da área (em particular Periódico Científico).

h) Será valorizada a existência de pesquisas conduzidas por grupos de professores.

4. Quanto às atividades de formação

a) O conjunto de disciplinas e seminários deve ser coerente com a proposta do programa e se inserir na área de concentração e nas linhas de pesquisa.

b) Tanto do ponto de vista do elenco quanto da perspectiva da oferta, as disciplinas e seminários devem ser em volume adequado em relação à dimensão do corpo discente, à creditação exigida do estudante, ao número e especialidade das linhas de pesquisa. Deve, além disso, ser em número suficiente para assegurar reais opções aos discentes.

c) Os orientadores devem ser doutores e estar envolvidos nas atividades de pesquisa e ensino do programa. Preferencialmente, para o mestrado, e necessariamente, para o doutorado, os orientadores devem estar titulados e vinculados às atividades de pós-graduação em sentido estrito há pelo menos três anos.

d) A oferta de disciplinas no período da avaliação deve mostrar uma participação equilibrada da equipe docente do NRD6.

e) Em programas cujos docentes se dediquem exclusivamente ao mestrado e/ou ao doutorado, considera-se que um docente do NRD6 possa orientar adequadamente até o número de 10 estudantes ao mesmo tempo. Em programas cujos docentes se dediquem também a atividades de graduação, considera-se que o docente do NRD6 possa orientar adequadamente até o número de 6 estudantes ao mesmo tempo.

5. Quanto ao corpo discente

a) O fluxo de estudantes deve ser equilibrado, considerando-se um fluxo adequado aquele em que 60% dos que ingressem no programa sejam titulados ao fim do período regular de formação. Será considerado como atenuante legítimo desse critério as não-titulações de matriculados que forem decorrentes de iniciativas de desligamento realizados pelo programa, que forem realizadas dentro de um projeto pedagógico coerente com a sua proposta, nos dois primeiros semestres de vinculação do estudante ao programa e forem consignadas de forma clara na parte descritiva do relatório Capes.



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 2004 Ano Base 2001_2002_2003 COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAPES

Período de Avaliação: 2001-2002-2003

Área de Avaliação: COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

b) A dimensão do NRD6 com relação ao volume de alunos será considerada adequada quando se respeitarem os seguintes parâmetros: i) em programas cujo NRD6 dedique-se integral e exclusivamente ao mestrado/doutorado, 1 docente para cada 12 discentes; ii) em programas cujo NRD6 dedique até 60% da sua carga horária ao mestrado/doutorado, 1 docente para cada 7 discentes. Em todo o caso, deve-se assegurar que a dimensão do NRD6 seja suficiente para a orientação e acompanhamento de todos os alunos e para a execução da estrutura curricular.

6. Quanto a teses e dissertações

a) A média da duração da titulação discente não deve ultrapassar 30 meses para o mestrado e 50 meses para o doutorado. Para fins de qualificação da excelência, considerar-se-á apenas o tempo médio de titulação, desprezando-se os índices do tempo médio de titulação de bolsistas, tempo médio de bolsa e tempos médios de titulação de bolsistas em relação ao tempo médio de titulação de não bolsistas.

b) Os titulados devem preferencialmente ter sido orientados por docentes do núcleo de referência principal. Será caracterizada dependência de orientadores externos quando o número de titulados orientados por professores externos a esse núcleo ultrapassar 30% do total dos titulados no período.

c) As titulações devem ser vinculadas a área de concentração e linha de pesquisa do orientador.

d) teses e dissertações serão avaliadas por amostragem, da seguinte forma: i) cada curso de mestrado submeterá à avaliação as suas duas melhores dissertações anuais; cada Programa submeterá a sua melhor tese e a sua melhor dissertação; ii) a avaliação será comparativa e servirá para verificar comparativamente o melhor desempenho de cada Programa em relação aos demais. iii) Uma dissertação de mestrado deve representar um qualificado exercício metodológico de pesquisa científica, refletindo os seus elementos essenciais: capacidade de formular hipóteses e comprová-las, capacidade de dominar conceitualmente fontes materiais (materiais de campo, resultados empíricos, fontes bibliográficas), fundamentação teórica, compreensão e domínio do estado-da-arte, domínio amadurecido dos procedimentos argumentativos e demonstrativos. De uma dissertação o que há de se requerer é o domínio (compatível com os estudos pós-graduados) dos procedimentos da pesquisa e uma apresentação consistente do estado-da-arte em um âmbito de questões da área de conhecimento; iv) Uma tese de doutorado deve representar um avanço no estado-da-arte em um âmbito de questões da área de conhecimento. Deve supor o domínio do *status questionis* e o manejo mais amadurecido dos procedimentos formais e materiais da pesquisa, próprios do mestrado, mas a sua especificidade consiste em representar um incremento importante nos estoques cognitivos de uma determinada especialidade. Este incremento pode consistir na descoberta material, na invenção conceitual ou na inovação metodológica.

7. Quanto à produção intelectual

a) A produção intelectual em geral deve ser de boa qualidade, regular e distribuir-se de forma equilibrada pela totalidade da equipe docente, tomando-se como base o núcleo de referência docente principal.

b) No caso da publicação, será considerado indício de excelência o número de dois títulos em artigos e/ou capítulos de livros ou um livro publicado por ano por professor do programa. Para efeito de julgamento, a avaliação considerada prioritariamente será aquela consignada em periódicos científicos e livros, com a seguinte ponderação: livro científico completo (2,0); capítulo em coletânea científica (1,0); livro didático (1,0); artigo em periódico científico (1,0); re-edição revisada de livro científico (1,0); organização de coletânea científica (0,5). O índice de excelência adotado no triênio será, portanto, a média de 2,0 títulos por docente/ano.

c) A produção discente não deve se limitar a dissertações e teses, sendo também valorizadas publicações, apresentações de trabalho, atividades técnicas e artísticas etc. desde que vinculadas às atividades específicas de formação desenvolvidas no programa.

d) produção técnica - critérios a ser gerados pelas comunidades científicas das áreas de comunicação e ciências da informação;

e) produção artística - critérios a ser gerados pelas comunidades científicas das áreas de comunicação e ciências da informação;

8. O parâmetro da inserção/dispersão temática na área do Conhecimento

O julgamento da formação oferecida e do conhecimento produzido pelos programas será feito também à luz da sua **inserção ou do seu distanciamento da área de conhecimento da Comunicação ou da Ciência da Informação**. Por consequência, será considerada na avaliação a percepção da **relevância e do impacto sobre a área** do conhecimento de



CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO 2004 Ano Base 2001_2002_2003 COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAPES

Período de Avaliação: 2001-2002-2003

Área de Avaliação: COMUNICAÇÃO / CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

todas as dimensões de atuação (ensino, pesquisa e orientação) e de todos os índices de resultados (teses ou dissertações, publicações) próprios da pós-graduação. Um programa de excelência deve ter contribuição efetiva para a produção de conhecimento no campo da Comunicação Social ou da Ciência da Informação, efetiva capacidade de formar os pesquisadores e os professores de que tanto carece estas disciplinas e inserir a sua produção intelectual, a sua pesquisa, a sua oferta letiva e a sua formação de pesquisadores na área de conhecimento onde estão abrigados.

9. Ponderação

Em termos gerais, julga-se que um programa considerado excelente deverá já ter sedimentado o preenchimento das exigências dos quesitos I, II e IV (respectivamente: Proposta do Programa, Corpo Docente, Atividade de Formação), que são quesitos de garantia para a obtenção de resultados, sendo recomendável que, no cômputo geral, esses quesitos tenham o peso de 20%. A grande ênfase, por conseguinte, deve recair sobre os quesitos constantes de III, V, VI e VII (respectivamente: Atividade de Pesquisa, Corpo Discente, Teses e Dissertações e Produção Intelectual), já que os itens constantes destes quesitos dizem respeito a resultados efetivamente obtidos, indicadores indiscutíveis da excelência do programa, cabendo, por isso, a esses quesitos um peso de 80% no cômputo da avaliação.

Assim:

I. Proposta do Programa	xx
II. Corpo Docente	10
III. Atividade de Pesquisa	20
IV. Atividade de Formação	10
V. Corpo Discente	15
VI. Teses e Dissertações	20
VII. Produção Intelectual	25

8.3 Critérios de avaliação do triênio 2004-2006

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.



Capes

Critérios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004–2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Maior/2007

CRITÉRIOS DA AVALIAÇÃO

Perfil de Excelência da Área

A consecução da excelência no sistema nacional de pós-graduação localiza o curso ou programa nos pontos 5, 6 ou 7 da escala de classificação da Capes. Um curso com conceito 5 deverá, em seu conjunto, ter atingido a excelência do padrão de qualidade estabelecido pela área de conhecimento. As notas 6 e 7 são reservadas para uma ulterior distinção no interior do conjunto dos programas considerados de excelência. As indicações abaixo se referem, portanto, aos cursos ou programas a serem classificados como de **excelência** pela área.

1. Quanto à proposta do programa ou curso

Uma proposta atinge a excelência quando

a) Em todos os âmbitos da atividade própria da pós-graduação - pesquisa, orientação e ensino - reflete de maneira unitária, coerente, clara e fecunda o propósito precípua da sua especialidade, a saber, formar bons pesquisadores, em se tratando de programas acadêmicos, e formar profissionais de alto nível, quando se trata de mestrados profissionais;

b) Integra perfeitamente área(s) de concentração, linhas de pesquisa, projetos de pesquisa, produção intelectual e estrutura



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Maio/2007

curricular de modo tal que: i) a(s) área(s) de concentração delimite(m) de maneira clara o objeto de especialidade da produção de conhecimento e da formação realizada no Programa e oferecida por ele; ii) as linhas de pesquisa constituam a restrição temática, o recorte específico da área de concentração representado pela capacidade docente instalada no Programa, num dado momento; iii) os projetos de pesquisa e a estrutura curricular reflitam e concretizem as linhas de pesquisa e área de concentração com a sua execução; iv) a produção intelectual docente e discente, teses e dissertações reflitam e concretizem as linhas de pesquisa e área de concentração como seu produto;

c) Demonstre que o Programa dispõe da infra-estrutura necessária ao seu bom funcionamento: i) recursos de informática; ii) acesso à Internet; iii) recursos bibliográficos, com especial destaque para assinaturas de periódicos; iv) ações e suportes para a difusão científica.

d) Apresente uma estrutura curricular que, tanto do ponto de vista do elenco quanto da perspectiva de oferta, abrigue disciplinas e seminários em volume adequado à dimensão do corpo discente, à creditação exigida do estudante, ao número e especialidade das linhas de pesquisa; oferecendo, ainda, reais opções aos estudantes para sua composição individual de elenco.



Capes

Crerios de Avaliao Trienal

Trienio Avaliado – 2004– 2006

rea de Avaliao: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicao/Ciencia da Informao/Museologia)

Mai/2007

e) A avaliao da formao oferecida e do conhecimento produzido pelo programa ser feita tambm a luz da sua **inserao ou do seu distanciamento da rea de conhecimento da Comunicao, da Cincia da Informao e da Museologia.** Por consequncia, ser considerada a percepo da **relevncia e do impacto sobre a rea** do conhecimento de todas as dimenses de atuao (ensino, pesquisa e orientao) e de todos os ndices de resultados (teses ou dissertaes, publicaes) prprios da ps-graduao. Um programa de excelncia deve ter contribuio efetiva na produo de conhecimento no campo da Comunicao Social, da Cincia da Informao e da Museologia, efetiva capacidade de formar pesquisadores e professores e inserir sua produo intelectual, sua pesquisa, sua oferta letiva e sua formao de pesquisadores na rea de conhecimento onde o mesmo est abrigado.

2. Quanto ao corpo docente

a) Existncia de uma equipe consistente de professores contratados pela instituio, com vnculo e dedicao compatveis com o ncleo Permanente, suficiente em volume e experincia para a execuo das atividades fundamentais de pesquisa, orientao e ensino de modo que nisso no se configure dependncia de docentes com outro tipo de contrato, vnculo ou dedicao. O Corpo Permanente, portanto, deve ser suficiente e adequado em volume (cf. item d do quesito 3) e capacitao, constituindo-se qualquer outro conjunto de docentes em fora e capacidade agregada a equipe bsica de execuo da proposta.



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Maio/2007

b) O Corpo Permanente deve representar pelo menos 70% do corpo docente total. Em consonância com o § 1º do inciso V do Art. 2º da Portaria 068 de 03/08/2004, admite-se que até 30% dos docentes permanentes estejam enquadrados nas condições especiais previstas pelas alíneas a, b e c do inciso IV do caput do mesmo Artigo (aposentados mantidos em atividade, bolsistas pró-doc, pós-doutorandos e assemelhados).

c) O Corpo Permanente deve ser, preferencialmente, exclusivo do programa. Justifica-se que um percentual máximo de até 30% desse Corpo possa ser compartilhado entre dois programas de uma mesma instituição ou de instituições diferentes – apenas quando se verificar a totalidade das condições seguintes: i) a participação do(s) docente(s) compartilhado(s) no programa em avaliação incluir todas as atividades específicas da pós-graduação (pesquisa, orientação, ensino e produção e intelectual); ii) houver uma clara indicação das atividades de pesquisa e produção intelectual específicas do programa em avaliação.

d) Os docentes do Corpo Permanente devem ser, na sua totalidade, doutores. Exceções, quando couberem, devem ser justificadas;

e) A distribuição por tempo de titulação também deverá ser valorizada.



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Maio/2007

f) Deve haver diversidade de instituições de titulação da equipe docente: i), no sentido de evitar a "endogenia" na formação, os docentes devem preferencialmente titular-se em programas diferentes daqueles em que trabalham; ii) no sentido de facilitar a diversificação de formações, docentes devem preferencialmente titular-se em instituições diversas entre si. Na avaliação desse aspecto levar-se-ão em consideração tanto as instituições de obtenção do título de doutor quanto as instituições em que se realizaram estágios de doutoramento ("doutorado-sanduíche") e treinamento pós-doutoral.

g) A equipe docente deve reunir especialidades suficientemente abrangentes de forma a cobrir a(s) área(s) de concentração e linhas de pesquisa do programa. Por outro lado, a(s) especialidade(s) do docente deve(m) ser de tal modo clara(s) que se possa reconhecer sua específica inserção na linha de pesquisa e a coerência da sua orientação e da sua atividade didática.

h) Adequada política de professores e/ou pesquisadores visitantes, garantindo-se a presença de idéias, experiências, teorias e modelos de pesquisas novos, sem que isso, todavia, configure dependência de docentes externos. Presença de examinadores externos ao programa em todas as bancas de avaliação de trabalhos finais.



Capes

Crítérios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Mai/2007

i) Os orientadores devem estar envolvidos nas atividades de pesquisa e ensino do programa. Preferencialmente, para o mestrado, e necessariamente, para o doutorado, os orientadores devem estar titulados e vinculados às atividades de pós-graduação em sentido estrito há pelo menos três anos.

j) A oferta de disciplinas no período da avaliação deve mostrar uma participação equilibrada da equipe docente do Corpo Permanente.

k) Deve haver compatibilidade entre carga horária média na graduação e na pós-graduação. A orientação de pesquisas na graduação (incluindo IC e trabalhos de conclusão de curso de graduação) é valorizada. Considera-se critério de excelência quando o limite superior de dedicação à graduação se situa em 30% da carga horária. Para o cálculo da carga horária na graduação acrescenta-se às horas/aula sob responsabilidade do docente 1 hora/semana por orientação de TCC e 2 horas/semana por orientação de IC. No caso dos PPGs que não têm inserção na graduação, deve-se valorizar a orientação de IC, estágio em docência, etc.

l) Todos os docentes do Corpo Permanente devem estar envolvidos em projetos de pesquisa inseridos de forma coerente e fecunda no interior das linhas de pesquisa e na(s) área(s) de concentração; as atividades de pesquisa devem estar distribuídas de forma coerente e equilibrada pela(s) área(s) de concentração e linhas de pesquisa.



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Mai/2007

m) Os projetos de pesquisa devem ser descritos de forma clara e completa, explicitando o estágio de desenvolvimento no qual os mesmos se encontram ao final do ano em avaliação. Deve haver uma proporção adequada entre o número de projetos de pesquisa e a dimensão do corpo docente. Cada docente deve coordenar ou participar de um projeto de pesquisa em andamento. A participação eventual em mais de um projeto é válida, desde que não haja dispersão de atividades. Um docente não deve coordenar mais de um projeto de pesquisa – exceções devem estar explicitamente justificadas.

n) Deve haver vinculação entre a pesquisa discente e o projeto e/ou linha de pesquisa do docente que o orienta.

o) Será valorizada a existência de pesquisa em ambientes de cooperação (grupos de pesquisa e pesquisas associadas).

p) Será valorizada a existência de suporte para a difusão da pesquisa realizada pela comunidade científica da área (em particular Periódico Científico).



Capes

CrITÉRIOS de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Mai/2007

3. Quanto ao corpo discente, teses e dissertações

a) O fluxo de estudantes deve ser equilibrado, considerando-se um fluxo adequado aquele em que 60% dos que ingressem no programa sejam titulados ao fim do período regular de formação. Será considerado como atenuante legítimo desse critério as não-titulações de matriculados que forem decorrentes de iniciativas de desligamento realizadas pelo programa, que forem realizadas dentro de um projeto pedagógico coerente com a sua proposta, nos dois primeiros semestres de vinculação do estudante ao programa e forem consignadas de forma clara na parte descritiva do relatório Capes.

b) Os titulados devem preferencialmente ter sido orientados por docentes do Corpo Permanente. Será caracterizada dependência de orientadores externos quando o número de titulados orientados por professores externos a esse núcleo ultrapassar 30% do total dos titulados no período

c) As titulações devem ser vinculadas à área de concentração e linha de pesquisa do orientador.

d) A dimensão do Corpo Permanente com relação ao volume de alunos será considerada adequada quando se respeitarem os seguintes parâmetros: i) em programas cujo Corpo Permanente dedique-se integral e exclusivamente ao mestrado/doutorado, 1 docente para cada 12 discentes ou 10 orientandos; ii) em programas cujo Corpo Permanente dedique até 60% da sua carga horária ao mestrado/doutorado, 1 docente para cada 7 discentes ou 6 orientandos. Em todo o caso, deve-se assegurar



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Maio/2007

que a dimensão do Corpo Permanente seja suficiente para a orientação e acompanhamento de todos os alunos e para a execução da estrutura curricular.

e) A produção discente não deve se limitar a dissertações e teses, sendo também valorizadas publicações em periódicos, livros e capítulos de livros, apresentações de trabalho, textos completos em anais de congressos, atividades técnicas e artísticas etc., desde que vinculadas às atividades específicas de formação desenvolvidas no programa.

f) A faixa que caracteriza o critério de excelência será estabelecida com base na distribuição obtida no conjunto de programas.

g) a qualidade das teses e dissertações será aferida por indicadores indiretos, tais como: i) prêmios recebidos; ii) - publicações a elas vinculadas; qualidade das bancas examinadoras, que devem incluir membros externos (mínimo um para o Mestrado e dois para o Doutorado); sua vinculação às áreas de concentração e linhas de pesquisa dos programas, de acordo com o resumo e as palavras-chave.

h) A média da duração da titulação discente não deve ultrapassar 30 meses para o mestrado e 50 meses para o doutorado. Para fins de qualificação da excelência, considerar-se-á apenas o tempo médio de titulação, desprezando-se os índices do tempo médio de titulação de bolsistas, tempo médio de bolsa e tempos médios de titulação de bolsistas em relação ao tempo médio de titulação de não bolsistas.



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Mai/2007

4. Quanto à produção intelectual

a) A produção intelectual em geral deve ser de boa qualidade, regular e distribuir-se de forma equilibrada pela totalidade da equipe docente, tomando-se como base o Corpo Docente Permanente.

b) No caso da publicação, será considerado indício de excelência o número de dois títulos em artigos e/ou capítulos de livros ou um livro publicado por ano por professor do programa. Para efeito de julgamento, a avaliação considerará prioritariamente aquela consignada em periódicos científicos e livros, com a seguinte ponderação: livro científico completo (2,0); capítulo em coletânea científica (1,0); livro didático (1,0); artigo em periódico científico (1,0); re-edição revisada de livro científico (1,0); organização de coletânea científica (0,5). O índice de excelência adotado no triênio será, portanto, a média de 2,0 títulos por docente/ano.

c) A avaliação da publicação qualificada será feita a partir da seguinte ponderação:

Artigo em periódico Qualis Internacional A = 7

Artigo em periódico Qualis Internacional B = 6

Artigo em periódico Qualis Internacional C = 5

Artigo em periódico Qualis Nacional A = 4

Artigo em periódico Qualis Nacional B = 3

Artigo em periódico Qualis Nacional C = 2

Artigo em periódico Qualis Local A a C = 1

Artigo em periódico sem Qualis = 0

Capítulo em livro internacional = 6



Capes

CrITÉrios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Maio/2007

Capítulo em livro nacional = 4

Organização de coletânea nacional = 4

Organização de coletânea internacional = 6

Livro nacional – texto integral = 10

Livro internacional – texto integral = 14

Livro didático nacional = 8

Tradução de livro = 4

Tradução de artigo = 1

Observação: para as sub-áreas de Ciência da Informação e Museologia, computam-se também os textos completos publicados em anais de congresso, desde que estes tenham ISBN ou ISSN.

Sobre estas ponderações podem ser aplicados redutores ou complementações, dependendo de características tais como tratar-se de publicação interna ao Programa, do processo de seleção por comissões acadêmicas, da reputação pública da obra, do lugar da edição da publicação internacional, ou outros motivos ad-hoc. Os motivos da aplicação de redutor ou complementação devem ser sempre explicitados.

Levando-se em conta o parâmetro de inserção na área de conhecimento e/ou de concentração do Programa (ver item “e” do quesito 1) considera-se que os títulos válidos como produção intelectual, mas sem vinculação de área, serão computados com índice redutor de ponderação, até o máximo de 30% do total de títulos produzidos. Títulos não vinculados acima dessa proporção não serão computados.



Capes

Critérios de Avaliação Trienal

Triênio Avaliado – 2004– 2006

Área de Avaliação: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS I(Comunicação/Ciência da Informação/Museologia)

Mairo/2007

d) A faixa que caracteriza o critério de excelência deverá ser estabelecida a posteriori, por comparação aos outros programas da área.

e) produção técnica - critérios a serem gerados pelas comunidades científicas das áreas de Comunicação, Ciência da Informação e Museologia.

f) produção artística - critérios a serem gerados pelas comunidades científicas das áreas de Comunicação, Ciência da Informação e Museologia.

5. Quanto à inserção social

As relações do Programa com outras IES e PPGs devem se manifestar através de convênios e acordos de cooperação que visem o desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação. Serão avaliadas ações que resultem em formação profissional, projetos de pesquisa conjuntos, publicações conjuntas, organização de eventos acadêmicos, projetos de extensão etc.

A existência de página WEB é fundamental para a visibilidade e a transparência do Programa e deve conter informações atualizadas como: corpo docente, proposta e estrutura do Programa, linhas e projetos de pesquisa, financiamentos, produção bibliográfica. É desejável que as teses e dissertações estejam disponibilizadas na íntegra.

8.4. CD com cópia da planilha de dados